Abrir portas onde se erguem muros

Director: David Pontes **Sexta-feira, 14 de Junho de 2024** • Ano XXXV • n.º 12.461 • Diário • Ed. Porto • Assinaturas 808 200 095 • 2€

Público

Euro 2024
Portugal quer voltar a impor-se aos favoritos

Do nosso enviado Nuno Sousa, em Munique

Destaque 2 a 6 e Editorial

Custo dos meios aéreos de combate a fogos cresce 18 milhões num só ano

Força Aérea avançou para aluguer de dois Canadair. Este ano, gasto com 72 aeronaves para combater incêndios rurais deve ultrapassar os 84 milhões de euros, mais 27% do que em 2023 Sociedade, 14/15

Transparência
Especialistas preocupados com regras para acelerar PRR
Economia, 24/25

G7
Líderes fragilizados tentam reforçar Leste da Europa
Mundo, 20/21

Do Alentejo à Lisboa do futuro
Ricardo Bak Gordon, o mais brasileiro dos arquitectos portugueses
Ípsilon

Do PS são 50
Há 98 autarcas de saída por limite de mandatos
Política, 12/13

ISNN-0872-1556

A Alemanha convidou o fute

Para as demais selecções, este Euro 2024 é uma chamada para a glória. Para o país-anfitrião, é um pouco mais do que isso: num clima de tensão social e desconfiança face à aposta em mais um megaevento desportivo, a Alemanha quer aproveitar a oportunidade para arrebatar os mais cépticos. O desempenho da *Mannschaft* poderá ser o gatilho para uma aproximação

ALEMANHA

HAMBURGO · Volksparkstadion Hamburgo · 49.000 · E

BERLIM · Olympiastadion Berlim · 71.000 · C

GELSENKIRCHEN · Arena AufSchalke · 50.000 · G

LEIPZIG · Leipzig Stadium · 40.000 · J

DORTMUND · BVB Stadion Dortmund · 62.000 · D

DÜSSELDORF · Düsseldorf Arena · 47.000 · I

FRANKFURT · Frankfurt Arena · 47.000 · H

COLÓNIA · Colónia Stadium · 43.000 · B

ESTUGARDA · Estugarda Arena · 51.000 · F

MUNIQUE · Munique Football Arena · 66.000 · A

Nuno Sousa, em Munique

Se a transição de um Campeonato da Europa de futebol para outro fosse uma estafeta, Munique vestiria este ano a pele de testemunho. A capital da Baviera é a única cidade resistente do Euro itinerante de 2021 e a rampa de lançamento para a versão 2024 de um torneio que regressa ao formato original. Durante um mês, a Alemanha será o centro da romaria do futebol de selecções, mesmo que boa parte do país encare a empreitada com desconfiança ou indiferença. Contra a vontade de uns e para gáudio de outros, a partir das 20h, a bola começa a rolar e há duas dúzias de sonhos que rolam com ela. Uns mais verosímeis que outros.

O figurino escolhido pela UEFA para celebrar os 60 anos de vida do Europeu espalhou o futebol por 11 países e desfigurou o torneio em 2021 (o atraso de um ano é explicado, claro está, pela pandemia de covid-19). É como se, depois do toque de saída na escola, os alunos pegassem na bola e fossem jogar para casa. Desta vez, porém, juntam-se todos novamente no recreio para medir forças, com um troféu (a Taça Henri Delaunay, que pesa oito kg e mede 60 cm) e um prémio máximo de 28,25 milhões de euros à espera do vencedor.

Fussballliebe (amor pelo futebol) é o nome de baptismo da bola oficial do Euro 2024, mas o sentimento não é partilhado por mais de um quarto dos alemães. Uma sondagem realizada na passada semana mostra que 27% dos inquiridos não têm qualquer interesse na prova e este estado de alma não tem propriamente a ver com a perda de fulgor da selecção desde a conquista do Mundial de 2014: 42% expressam preocupações com a segurança, mesmo depois de as autoridades terem reiterado o reforço das medidas para combater o terrorismo, o hooliganismo ou os ciberataques.

Na prática, são esperados 2,7 milhões de adeptos nos estádios ao longo do próximo mês, a que se somam 12 milhões espalhados pelas *fan zones* das dez cidades-anfitriãs. E enquanto muitos cidadãos olham

O calendário do Euro 2024

GRUPO A · Alemanha (ALE); Escócia (ESC); Hungria (HUN); Suíça (SUI)

GRUPO D · Polónia (POL); Países Baixos (P.Ba); Áustria (AUS); França (FRA)

FASE DE GRUPOS

14 JUN.	15 JUN.	16 JUN.	17 JUN.	18 JUN.	19 JUN.
ALE × ESC 20H00 A ★	HUN × SUI 14H00 B	POL × P.Ba 14H00 E	ROM × UCR 14H00 A	TUR × GEO 17H00 D	CRO × ALB 14H00 E
	ESP × CRO 17H00 C ★	ESV × DIN 17H00 F	BEL × ESL 17H00 H	POR × R.Ch 20H00 J ★	ALE × HUN 17H00 F
	ITA × ALB 20H00 D	SER × ING 20H00 G ★	AUS × FRA 20H00 I ★		ESC × SUI 20H00 B

★ Transmissão em canal aberto

Acompanhe em publico.pt/euro2024

bol para esbater diferenças

de soslaio a decisão do Governo de dar a mão à UEFA para organizar o Campeonato da Europa, os decisores sonham com a possibilidade de um novo *Sommermärchen*, o conto de fadas que tomou conta do país em circunstâncias idênticas, quando a Alemanha acolheu o Mundial de 2006, com entusiasmo a rodos dentro e fora do terreno de jogo.

Um pouco como o Euro 2004, já lá vão 20 anos. O actual seleccionador, Roberto Martínez, não terá a capacidade de mobilização de Luiz Felipe Scolari, mas a fase de qualificação sem nódoas que Portugal realizou sob o comando do espanhol, conjugada com uma geração de talento aperfeiçoado por anos de competição na alta-roda, alimentam a caldeira das expectativas nacionais. Até porque o formato do torneio com 24 participantes, em vigor desde o saudoso ano desportivo de 2016, reduz significativamente o nível de oposição na primeira fase, estendendo o tapete das eliminatórias aos candidatos mais apetrechados, como provam as edições passadas.

Entre eles conta-se Portugal. O discurso oficial é o de sempre, o sensaborão "jogo a jogo", o "vamos dar tudo pela selecção", mas os 100% de vitórias em jogos oficiais terão de servir para algo mais do que as cautelas da praxe. "Oh, Portugal! Têm uma grande equipa este ano. Estão entre as quatro melhores", exclamou ontem o funcionário do *rent-a-car* que, à chegada ao Aeroporto Franz Josef Strauss, percebeu facilmente ao que vínhamos.

Quinteto na frente

Não é preciso ser propriamente um *expert* para concluir que a selecção que conquistou o Euro 2016 granjeia admiração e alguma cobiça fora de portas. É certo que a fase de apuramento para o Euro se transformou, para muitos, numa mera formalidade, mas houve quem a tivesse cumprido com especial competência. A Portugal juntou-se a França (nove triunfos e um empate num grupo que incluía Países Baixos), Espanha (uma derrota na Escócia) e Inglaterra (dois empates, nenhum deles com Itália). A Alemanha, essa, já estava sentada no sofá à espera.

Deste quinteto, que terá a Itália (detentora do título) e a Bélgica a espreitar-lhes por cima do ombro, deverá sair o novo campeão da Europa, se ainda houver alguma lógica no futebol. Seja para afastar a pressão ou para conter as expectativas, Roberto Martínez prefere desconversar quando lhe perguntam o que será uma boa prestação para Portugal. "Não podemos falar de objectivos fora do que queremos fazer, que é um máximo nível nos três primeiros jogos. Haverá passos importantes à frente", atalhou, ontem à tarde, antes da partida para a Alemanha.

À espera da comitiva portuguesa estavam representantes do município de Harsewinkel, entre outras figuras da região. À espera dos adeptos e de todos os demais agentes que ajudam a construir o Europeu, há 16 mil voluntários espalhados pelo país, desde os aeroportos e estações de comboios à vizinhança dos estádios e postos de turismo. Também eles ajudam a pôr em marcha um programa desportivo e cultural que promete animar as dez cidades-sede durante quatro semanas – e isto inclui, a título de curiosidade, ecrãs gigantes pendurados nas pontes e nas próprias embarcações que vão navegar no rio Meno, em Frankfurt, para que se possa acompanhar os jogos.

Para as restantes 23 selecções em competição, é "apenas" a glória europeia que está em causa. Para a Alemanha, é um pouco mais do que isso. É uma oportunidade para celebrar a diferença e combater extremismos, para deitar um balde de água fria sobre estados de alma que tendem a provocar curto-circuitos. Como a sondagem conduzida, há semanas, pela cadeia de televisão ARD, que perguntava aos participantes se gostariam de ver mais jogadores brancos na *Mannschaft* – e 21% responderam que sim.

"As pessoas estão a sentir que o clima está a radicalizar-se, que estão a ficar divididas e que parecem restar apenas alguns pontos de intersecção", apontou o psicólogo e investigador alemão Stephan Grünewald, à revista *Focus*. "Assistir, em conjunto, a um jogo de futebol tem um grande poder unificador, pois pode preencher lacunas".

Convites para treino levam a queixa da FPF

A poucos dias do primeiro jogo no Euro 2024, Portugal estreia-se, na manhã de hoje, com um treino no estádio do FC Gutersloh. O momento será de festa e euforia, mas a distribuição dos convites tem provocado polémica. As cerca de 8200 entradas disponibilizadas para o evento desapareceram em poucos minutos, com a procura a ultrapassar largamente a oferta. Assim, os convites que eram gratuitos têm sido colocados à venda por centenas de euros. Alertada para esta situação, a Federação Portuguesa de Futebol (FPF) apresentou na passada semana uma queixa contra a venda ilegal de convites para o treino de selecção.

GRUPO B · Espanha (ESP); Croácia (CRO); Albânia (ALB); Itália (ITA)

GRUPO C · Eslovénia (ESV); Dinamarca (DIN); Sérvia (SER); Inglaterra (ING)

GRUPO E · Bélgica (BEL); Eslováquia (ESL); Roménia (ROM); Ucrânia (UCR)

GRUPO F · Turquia (TUR); Geórgia (GEO); **Portugal (POR)**; Rep. Checa (R.Ch)

20 JUN.	21 JUN.	22 JUN.	23 JUN.	24 JUN.	25 JUN.	26 JUN.
ESV × SER 14H00 A	ESL × UCR 14H00 I	GEO × R.Ch 14H00 E	SUI × ALE 20H00 H	ALB × ESP 20H00 I	P.Ba × AUS 17H00 C	ESL × ROM 17H00 H
DIN × ING 17H00 H	POL × AUS 17H00 C	★ TUR × **POR** 17H00 D	★ ESC × HUN 20H00 F	★ CRO × ITA 20H00 J	FRA × POL 17H00 D	UCR × BEL 17H00 F
★ ESP × ITA 20H00 G	★ P.Ba × FRA 20H00 J	BEL × ROM 20H00 B			★ ING × ESV 20H00 B	R.Ch × TUR 20H00 E
					DIN × SER 20H00 A	★ GEO × **POR** 20H00 G

OITAVOS-FINAL				QUARTOS-FINAL		MEIA-FINAL		FINAL
29 JUN	30 JUN	1 JUL	2 JUL	5 JUL	6 JUL	9 JUL	10 JUL	14 JUL
① 2A × 2B 17H00 J	③ 1C × 3D|E|F 17H00 G	⑤ 2D × 2E 17H00 I	⑦ 1E × 3A|B|C|D 17H00 A	⑨ V4 × V2 17H00 F	⑪ V3 × V1 17H00 I	⑬ V10 × V9 20H00 A	⑭ V3 × V1 20H00 D	⑮ V13 × V15 20H00 C
② 1A × 2C 20H00 D	④ 1B × 3A|D|E|F 20H00 B	⑥ 1F × 3A|B|C 20H00 H	⑧ 1D × 2F 20H00 J	⑩ V5 × V6 20H00 E	⑫ V7 × V8 20H00 C			

A final do Campeonato da Europa de futebol vai disputar-se em Berlim, a 14 de Julho, num estádio com uma lotação de 71 mil lugares

Acompanhe em publico.pt/euro2024

Guia para a prova

Onze histórias para seguir no Euro 2024

Marco Vaza

Será esta a despedida internacional de Ronaldo? Como estará o anfitrião? E o campeão europeu? O que não pode perder no Euro?

GUALTER FATIA/GETTY IMAGES

Cristiano Ronaldo deve ir jogar o seu último Europeu de futebol

6 24 jogadores, 24 selecções, 51 jogos. Este é um resumo em três números do Euro 2024, que arranca hoje, em Munique, e só termina daqui a exactamente um mês, em Berlim. Há muitas narrativas possíveis. A que mais interessa a Portugal é, claro, se dá para repetir o feito do Euro 2016, mas com melhor equipa e menos empates – e se Ronaldo vai continuar a tornar os seus recordes ainda mais inacessíveis para todos enquanto pondera retirar-se ou seguir para mais um Mundial daqui a dois anos. Aqui ficam 11 pistas para acompanhar o Europeu, a começar, naturalmente, por CR7 – como se fosse preciso relembrar alguém para estar atento a ele.

Cristiano Ronaldo

Não terão sido poucos (incluindo ele próprio) os que pensaram que aquela caminhada solitária após a derrota com Marrocos no Mundial do Qatar seriam os seus últimos momentos numa grande competição de selecções. Menos de dois anos depois, aqui estamos, para o sexto Europeu de Cristiano Ronaldo, mais um testemunho da tremenda longevidade do capitão da selecção nacional no topo. Em termos de fases finais, tudo começou, claro, naquele Euro 2004. Foi há 20 anos, mas parece que foi ontem.

Será neste Euro (o seu último?) que dará para avaliar os efeitos de andar a jogar há ano e meio na Liga saudita, mas tudo indica que Roberto Martínez lhe dará o papel principal no ataque. E Ronaldo, de acordo com o que sabemos dele, vai fazer tudo para acrescentar à lenda, sempre com o objectivo de mais um título e recordes ainda mais inalcançáveis. Muitos dos recordes individuais de jogadores de campo em fases finais já são dele: mais torneios jogados (cinco), mais jogos disputados (25), mais minutos em campo (2153), mais vitórias (12) e mais golos (14).

Como está o campeão?

A Itália é um caso de estudo. Falhou a qualificação para os dois últimos Mundiais de futebol, mas, pelo meio, conseguiu ser campeã europeia. Roberto Mancini conduziu a "*squadra azzurra*" a esse título, mas foi vítima do fracasso que se seguiu – e encontrou consolo no salário milionário que lhe pagam para treinar a selecção da Arábia Saudita. Para o seu lugar, avançou Luciano Spalletti, que tinha acabado de ser campeão com o Nápoles e tinha prometido passar um ano a descansar na Toscânia.

Depois de uma qualificação nada impressionante e com pequenos sustos pelo meio, a Itália aterra no Euro no meio de um grupo muito complicado (Espanha, Croácia e Albânia) e com algumas incógnitas, sobretudo no ataque. Raspadori, do Nápoles, e Scamacca, da Atalanta, parecem partir na frente para tentar replicar o que outros "*bombers*" fizeram na selecção (Rossi, Schillachi, Vieri, Insigne). Outra dúvida importante: falta a esta Itália a liderança e experiência a partir de trás, garantida com os eternos Bonucci e Chielinni. E Donnarumma vai ter de fazer a sua melhor imitação de Buffon na baliza.

Como está a Alemanha?

Nunca descartar a Alemanha. Esta é a lição que muitas selecções já aprenderam à força em Europeus e Mundiais – até a selecção dos Aliados, com Pelé e Bobby Moore, deu quatro de avanço no "Fuga para a Vitória" antes de chegar ao empate e fugir entre a multidão que invadiu o campo. A verdade é que as últimas aparições não foram brilhantes: não passou da fase de grupos nos dois últimos Mundiais e ficou-se pelos "oitavos" no Euro 2020. E os germânicos tinham medo de nova presença discreta no Euro que estão a organizar. Se os jogos de preparação em 2023 deram maus sinais a Naggelsman, os de 2024 foram prometedores, com vitórias sobre França e Países Baixos. E o grupo parece ser o ideal para uma entrada "*soft*" no torneio, com Escócia, Hungria e Suíça. Se a "*mannschaft*" entrar no ritmo, com jogadores como Florian Wirtz, Jamal Musiala ou Nico Schloterbeck a casarem bem com os veteranos Neuer, Kroos (que se despede do futebol), Gundogan e Muller, voltamos à frase inicial: nunca descartar a Alemanha.

Jude Bellingham

Como sempre, a Inglaterra entra com uma confiança inquebrável de que será desta vez que o futebol regressa a casa, 58 anos depois do seu único título, no Mundial de 1966. Talvez seja mesmo desta vez, com uma geração de talento inquestionável liderada por Jude Bellingham e Phil Foden a alimentar essas esperanças. Se Foden foi maturado nas mãos de Guardiola no City, Bellingham foi dos que saíram da bolha do futebol inglês rumo ao desconhecido e, depois de épocas promissoras no Dortmund, emergiu como uma "estrela" de primeira grandeza no Real Madrid, com uma capacidade goleadora que nunca lhe tínhamos visto.

Kylian Mbappé

Finalmente tomou a decisão de sair do PSG para assinar pelos "donos" da Liga dos Campeões (o Real Madrid) na esperança de que também ele consiga ganhar umas quantas. Nos "*bleus*", já ganhou o Mundial (em 2018) e tudo gira à volta dele na equipa de Deschamps. Pela primeira vez, vai ser o capitão de equipa num grande torneio de selecções, depois da retirada de Lloris. Há muita gente importante na França, como Griezmann, Tchouaméni ou Dembélé, mas tudo dependerá de Mbappé.

Kevin de Bruyne

Muita da geração dourada da Bélgica já não está nesta equipa. Aqueles nomes que nos habituámos a ouvir – Hazard, Courtois, Mertens, Alderweireld – já desapareceram desta versão rejuvenescida dos "diabos vermelhos". Um dos que continuam é Kevin de Bruyne, por quem Tedesco abriu a guerra com Courtois – preferia o médio do City como capitão. Esta não terá sido a sua melhor época a nível individual, e as lesões são um problema recorrente, mas a Bélgica depende muito da inspiração e liderança do seu capitão.

Cinco italianos...

No futebol mundial, há 12 selecções com treinadores italianos, quase todas na Europa. Dos que estão a trabalhar na Europa, cinco estão neste Euro 2024: Luciano Spalletti (Itália), Domenico Tedesco (Bélgica), Francesco Calzona (Eslováquia), Vincezo Montella (Turquia) e Marco Rossi (Hungria). De Spalletti já falámos, mas vale a pena destacar os outros. Tedesco, que é mais alemão que italiano (foi viver para a Alemanha aos dois anos), foi o substituto de Roberto Martínez nos "diabos vermelhos" e ainda não perdeu, mas terá uma nuvem gigante a pairar sobre si – o conflito com Courtois que conduziu à auto-exclusão do guarda-redes do Real Madrid.

Montella, grande avançado da Sampdoria e da Roma nos anos 1990 e 2000, reinventou-se como treinador na Turquia, depois de várias falsas partidas em Itália em clubes grandes (Roma, Fiorentina, Milan). Esteve dois anos a treinar na Liga turca e chegou à selecção, onde tem impressionado – não será um adversário fácil para Portugal. Quanto a Calzona, a Eslováquia foi o seu primeiro trabalho como treinador principal e, no último terço desta época, dividiu essas funções com as de treinador do Nápoles. De Marco Rossi, sabe-se que é uma figura na Hungria, onde está a ser feito um filme sobre ele.

... e um brasileiro

Luiz Felipe Scolari já não está sozinho na história do Europeu de futebol. Em 2024, haverá mais um treinador brasileiro a juntar-se ao antigo seleccionador do Portugal. Sylvinho, antigo lateral internacional que passou pela realeza do futebol europeu (Barcelona, Arsenal e Manchester City), conduziu a Albânia a uma segunda presença no Europeu, depois de 2016, com Gianni di Biasi. Começou a qualificação com uma derrota, mas não voltou a perder e ganhou um grupo em que estavam República Checa e Polónia.

Sylvinho aprendeu com os melhores. Foi treinado por Guardiola no Barcelona e por Wenger no Arsenal, foi adjunto de Tite na selecção brasileira e de Mancini no Inter de Milão, antes de assumir o seu primeiro trabalho a solo, no Lyon (um fracasso), seguindo-se o Corinthians (outro fracasso). Em 2023, mudou-se a tempo inteiro para Tirana e, um ano depois, está no Euro, um feito que considera maior do que ganhar duas Champions com o Barcelona.

Um estreante

Todas as fases finais dos Europeus tiveram, pelo menos, uma selecção estreante – ainda assim, 19 dos 51 membros da UEFA nunca participaram no torneio. Neste Euro 2024, o novato chama-se Geórgia e estará no caminho de Portugal na terceira jornada do Grupo F, a 26 de Junho, em Gelsenkirchen. O francês Willy Sagnol, defesa campeão do mundo, é o seleccionador e Khvitcha Kva- →

ratskhelia, criativo do Nápoles, é a grande "estrela" da equipa. O resto iremos descobrir durante o Euro.

Os "portugueses"

Para além dos seis que estão na selecção portuguesa, há outros seis que jogam na I Liga espalhados por outras selecções – e mais um que vai lá estar na próxima época. A Dinamarca tem dois, o lateral-direito do Benfica Alexander Bah e o médio do Sporting Morten Hjulmand. Do Benfica está ainda o médio turco Orkun Kokçu e o guarda-redes ucraniano Anatoliy Trubin, enquanto o Sporting terá o central belga Zeno Debast em 2024-25 – os "leões" ainda não oficializaram o negócio, mas o jogador já deu a coisa por consumada.

Fora da órbita dos "grandes", também andam pela Alemanha o ponta-de-lança eslovaco Robert Bozenik (Boavista) e o central albanês Enea Mihaj (Famalicão). Quanto aos "ex-portugueses", há uns mais fáceis de adivinhar que outros. Os ex-benfiquistas Jan Oblak (Eslovénia) e Jan Verthonghen (Bélgica), e o ex-sportinguista Andraz Sporar (Eslovénia) serão os nomes mais óbvios, mas também há um ex-Arouca na selecção albanesa (o lateral Ivan Baliu, espanhol de nascimento e formado no Barcelona) e vários que nunca passaram do Benfica B, como o médio Pawel Dawidowicz (Polónia), ou os avançados Kevin Csoboth (Hungria) e Luka Jovic (Sérvia).

Quinze da Arábia

Muito se fala dos dois jogadores portugueses, Cristiano Ronaldo e Rúben Neves, da Saudi Pro-League e de como irão reagir num contexto competitivo de maior exigência. Mas muitas selecções de topo têm jogadores que por lá passaram a última época, como a Espanha (Aymeric Laporte), a França (N´Golo Kanté), os Países Baixos (Giorginio Wijnaldum), a Croácia (Marcelo Brozovic), ou Sérvia (Milinkovic-Savic).

Neste Europeu está um total de 14 jogadores da Liga saudita (no Euro anterior eram zero), mais do que, por exemplo, da Liga portuguesa (12). Não há aqui surpresa nenhuma, tendo em conta o investimento que foi feito pelo fundo de investimento soberano (PIF) do reino. Mas a Arábia Saudita não é o único destino "exótico" de jogadores que estão neste Europeu. O mais surpreendente talvez seja Giorgi Gvelesiani, defesa da Geórgia, ele que joga actualmente no Persepolis, do Irão.

Acompanhe aqui tudo sobre o Euro 2024, num *site* totalmente dedicado à competição

Estirpes de covid: uma visão de como funciona o Europeu

Opinião

José Manuel Ribeiro

São 9h em Portugal, 17h na Coreia do Sul. Na cabina/sauna de imprensa do estádio de Suwon, surpreendem-nos com a notícia de que o seleccionador António Oliveira já decidiu como entrar no Mundial 2002: a estratosférica selecção portuguesa não precisa de transpirar nada senão fino talento. No hotel, os jogadores teriam sido até prevenidos de que (ao contrário dos jornalistas) podiam substituir, no "*necessaire*", o desodorizante por condicionadores de cabelo e hidratantes faciais extras (porque nunca se sabe, diz a minha mulher).

Oliveira escolhe um "onze" quase indiferente à perspiração, com o médio defensivo Petit largado no meio-campo e à frente dele aquilo a que Pep Guardiola chamaria um quinteto de jazz: Figo, Rui Costa, João Pinto, Sérgio Conceição e ainda o ponta-de-lança Pauleta na primeira linha de ataque. Seria, assumidamente, uma "equipa partida", em jargão de treinador, cinco para defender (mais o guarda-redes) e cinco para atacar. Desfavorecidos pelas musas, os Estados Unidos acautelam-se com um possidónio e até embaraçoso trio de Petits. Duas horas volvidas, Portugal, a selecção mais fértil da qualificação europeia (33 golos) e sempre disponível para o recordar na sala de imprensa, consegue recuperar de 3-0 para 3-2. Os Estados Unidos põem a primeira pedra na estreia entre os apurados directos na fase de grupos de um Mundial.

Petit não voltou a jogar desacompanhado, mas o campeão da qualificação estaria de volta a Vilamoura em menos de oito dias. Os tribunais identificaram como culpados as caminhadas do seleccionador na praia, misteriosos dentes de alho que os jogadores encontraram nos bolsos, o estágio húmido em Macau, visitas nocturnas a bordéis macaenses, e ainda sugeriram que não estaria isenta de responsabilidades a farda oficial de camisas de seda em padrão floral abertas até ao umbigo, cordões de ouro e um flagrante abuso de gel capilar.

A verdade, porém, pode residir no mundo da microbiologia. Para usar uma metáfora agradável a todos, imaginemos que cada fase final de selecções (Europeus e Mundiais) é uma nova epidemia de covid. Nos dois anos anteriores, os competidores trabalham no desenvolvimento ora de vacinas, ora de uma nova estirpe do vírus que anule as vacinas entretanto em processo de criação. No mínimo, cada selecção deve saber, pelo menos, se está mais perto de ser o vírus desactualizado ou o vírus que aí vem. Aquele "onze" inicial de Oliveira provocaria, no máximo, um par de espirros e devia estar consciente disso.

De entre os seleccionadores dos melhores conjuntos do Mundial 2002, só o português abordou a jornada de abertura com um solitário médio, e também foi dos poucos a dispensar um duo de pontas-de-lança. O relatório técnico da FIFA destacaria, para além desse padrão ganhador, a generalidade "do sólido trabalho de equipa, no ataque e na defesa". Os peritos não estavam, calculo, a pensar naquela que perdeu por soberba com os Estados Unidos.

SIMON M BRUTY/GETTY IMAGES

22 anos depois, a selecção voltou a ser a exuberante "campeã" de um apuramento na zona europeia

Vejamos como funciona a obscura ciência encerrada nesses relatórios poeirentos que ninguém no seu perfeito juízo lê. Findo o Europeu de 2020, os analistas da UEFA Fabio Capello, David Moyes e Esteban Cambiasso, etc., etc., detectaram, por exemplo, a tendência para as linhas de três avançados (4x3x3 ou 3x4x3) com o objectivo de pressionar melhor e mais alto o adversário. As quatro semifinalistas recorriam todas a um desses sistemas e todas exibiam grandes habilitações na pressão alta, a tempo inteiro ou parcial. Isto é, os seus atacantes perseguiam voluntária e concertadamente os defesas e médios para lhes roubar a bola ou impedi-los de se livrarem dela em conforto. O êxito das recuperações no "último terço" (os derradeiros 30 metros até à baliza) levou o grupo de técnicos ao delírio (e também foi a moda que a selecção de Fernando Santos não seria capaz de acompanhar).

Cinco golos da campeã Itália (Portugal fez sete no total) brotaram das recuperações altas e 27 delas geraram remates da Espanha. A moda estendeu-se aos falsos pontas-de-lança, para desorientar a outra moda dos esquemas de três defesas-centrais que, por sua vez, tiveram a sua quota-parte no maior dos fenómenos do Euro 2020: 11 autogolos, mais dois do que todos (todos!!!) os autogolos das anteriores 15 edições somados. Muita gente graúda na área desincentivou o ponta-de-lança fixo e levou à troca dos cruzamentos altos por cruzamentos rasos ou à meia altura, sempre tensos, ou por passes directos para o banzé, criando assim o contexto ideal para desvios e ressaltos ingeríveis naquela confusão.

Avancemos dois anos até ao Mundial 2022. Avisa a FIFA: voltaram os pontas-de-lança ortodoxos e até superaram (58) os 52 golos do Rússia 2018. O chefe analista Arsène Wenger explica que isso está relacionado com a nova tendência para os "blocos compactos" (defesas, médios e avançados muito próximos uns dos outros) que bloqueavam os ataques pelo centro do campo, mas cediam espaço nas alas para cruzamentos que pediam uma referência na área.

A campeã Argentina jogou com dois avançados, quebrando a regra vencedora do Euro 2020. Bem ao contrário do Europeu, no quarteto de semifinalistas já não havia equipas mandonas e subidas no campo, como Itália ou Espanha. Argentina, França, Croácia e Marrocos – realça Wenger – atingiram essa fase raramente tendo superado a posse de bola dos adversários. Marrocos só o fez na meia-final com a França (55%), que, nem será preciso dizer, ganhou. Ambos os finalistas dispuseram da bola pouco mais de 30% do tempo no jogo anterior. As fórmulas vencedoras tinham-se invertido. O covid mudou, em resposta à estirpe prévia e a todas de que os analistas se foram apercebendo entretanto.

Vinte e dois anos depois de Oliveira, a selecção portuguesa voltou a ser a exuberante "campeã" de um apuramento na zona europeia, desta vez em pontos (100%) e golos. Estará agora mais perto de ser o vírus novo, o vírus velho ou a vacina?

Ex-jornalista

Espaço público

Uma selecção de emigrantes

Editorial

David Pontes

O que nos une é uma equipa marcada pela emigração, esse tema que tem servido de arma para alimentar egoísmos e erguer fronteiras

Começa hoje na Alemanha o Europeu de futebol, um daqueles eventos que tem a capacidade, rara nesta era de ecrãs individuais, de convocar grande parte do país para a partilha de momentos comuns em torno de objectivos partilhados. Em campo estão os protagonistas, aqueles que de facto são decisivos para o resultado ao fim dos 90 minutos, mas em torno dos ecrãs estarão milhões que, mesmo sentados no sofá, sentem que participam e que fazem parte de um esforço colectivo por alcançar a vitória.

Essa comunhão, mesmo que ilusória, pode ser um bom pretexto para olhar para o que nos une, uma equipa marcada pela emigração, esse tema que tem servido de arma para alimentar egoísmos e erguer fronteiras.

A maior parte dos jogadores portugueses joga em clube estrangeiros e pode ganhar a sua vida lá fora, muito graças a uma decisão à beira de fazer 30 anos que emana dos princípios do Tratado de Roma da União Europeia. O acórdão Bosman, de 1995, consagrou, contra a vontade de clubes, federações e da UEFA, o princípio de que os jogadores são trabalhadores comunitários, com liberdade de circulação entre países e que não deveriam estar sujeitos à limitação do número de jogadores estrangeiros que poderia integrar os plantéis de cada clube. Uma pedrada contra as fronteiras que muitos soberanistas continuam a querer levantar.

Algumas das nossas estrelas futebolísticas, como Pepe ou Danilo, são imigrantes naturalizados portugueses e muitos outros, de Rafael Leão a Nuno Mendes, são descendentes daqueles que a partir das ex-colónias portuguesas conseguiram, muitas vezes com enormes sacrifícios, fazer vida em Portugal e construir um futuro melhor para os seus filhos. Mesmo que ser jogador de futebol de sucesso seja uma espécie de *jackpot* que não sai a qualquer um, eles representam os anseios de comunidades que não desistem de trabalhar e sonhar para alcançar os seus objectivos.

E valerá também a pena recordar que a selecção vai jogar na Alemanha, um país que há 60 anos, debatendo-se com forte necessidade de mão-de-obra, acolheu milhares e milhares de portugueses que tentavam escapar à miséria do Estado Novo, dando-lhes trabalho e condições de alojamento dignas, algo que manifestamente Portugal se tem mostrado incapaz de fazer.

Quando nos próximos dias muitos vestirem a camisola da selecção, mesmo sem entrar em campo, é bom lembrar que ela é verde e vermelha, mas feita destes matizes que nos devem convocar para os valores da sã convivência e da humanidade que alguns nos querem fazer esquecer.

CARTAS AO DIRECTOR

Roberto Martínez e Roger Schmidt

É muito interessante e muito diversa a postura destes dois treinadores perante a sociedade portuguesa e os amantes do futebol em Portugal.

Enquanto Roberto Martínez aprendeu o hino de Portugal, fala português e valoriza esse facto como uma ligação ao futebol Português, o alemão Roger Schmidt não fala português nem lhe é conhecido grandes interesse em aprender a nossa língua.

Será que essa postura tem que ver com o facto de ser alemão e, como tal, pensar que continua a ser superior aos outros? Roger Schmidt é dos raros exemplos de treinadores estrangeiros que estando em Portugal há mais de dois anos, ainda não dão conferências de imprensa em Português. Porquê?

Só ele poderá responder a essa pergunta, mas esse facto é absolutamente lamentável.

Manuel Morato Gomes, Senhora da Hora

A Câmara de Sintra e a destruição do património

A "Linha de Sintra" é dos exemplos mais flagrantes do que tem sido a destruição do ambiente e sua substituição por construções de péssima qualidade e esteticamente indescritíveis. Este *"bulldozer"* de mau gosto estende-se avassaladoramente para Oeste, atingindo a zona de Colares, um dos últimos redutos de tranquilidade e bom gosto, com a construção de alguns prédios na praia das Maçãs e, agora, de um supermercado na Av. do Atlântico. Além de desnecessário, pois existem na proximidade vários minimercados e mercearias, um pequeno supermercado, drogarias, praça e feira aos fins de semana, vai causar um profundo impacto no trânsito e no sossego daquela zona e, provavelmente, a falência de muitos dos comerciantes e produtores locais. Mas isto não parece preocupar o dr. Basílio Horta, e a câmara socialista, que se escudam na "legitimidade" do empreendimento sem qualquer respeito pelos habitantes, pela sua vida, o seu trabalho, os seus desejos e direitos. Que veremos a seguir? Um McDonald's à entrada do Palácio da Pena?

Isabel Ribeiro, Lisboa

Notícias da "Linha" da Beira Alta

As notícias sobre a chamada "Linha" da Beira Alta – aquela que foi, durante muitas décadas, a nossa grande e nobre via de acesso por terra à Europa – começam a ser tão vergonhosas como as que, há meio século, contam a odisseia do novo Aeroporto de Lisboa. A almejada substituição da ferrovia pela rodovia, sonho inspirador da política de destruição da primeira que vem já dos anos 80 do século passado, e que também esteve na base da construção de uma mão-cheia de auto-estradas inúteis, ao mesmo tempo que se fechavam ou degradavam outras tantas linhas com utilidade manifesta – essa estratégia de substituição vai singrando, de governo para governo, à margem de todos os padrões europeus e, sobretudo, da consideração do interesse nacional. O nobre comboio da Beira Alta seguia um traçado difícil, e também não deve ser fácil a sua modernização. Mas quando se pensa no país em que mais se viaja de comboio, a Suíça dos Alpes e dos grandes lagos, só podem fazer sorrir os motivos invocados para as dificuldades da obra da Beira Alta – e para a ultrajante necessidade que hoje nos é imposta de fazer o percurso de autocarro. Compra-se o bilhete à CP e viaja-se à base de gasóleo por estradas tão sinuosas como a velha ferrovia. É Portugal.

António Monteiro Fernandes

Pessoas e animais

Julgo que foi na TVI que passou uma reportagem no pretérito dia 10 ou 11 (não sei bem) sobre a relação das pessoas com os seus animais domésticos. Foi absolutamente ridículo e risível o que se viu e ouviu. Desde vestir os animais com roupa adequada, colocar-lhe óculos, cantar os parabéns com os respectivos bolos de aniversário, hotéis para cães até considerá-los filhos de quatro patas, tudo se viu. Por um lado, é verdade que muitos jovens não querem ter filhos – em parte compreende-se os seus argumentos, que vão desde a instabilidade de vida, à carestia insuportável da mesma até aos baixos salários – e preferem ter o afecto dos animais. E convém referir que os animais obedecem enquanto os filhos podem ser travessos, recalcitram e dão trabalho. Também se compreenderá que a solidão das pessoas – muitas não terão família – "obrigue" à procura de animais para minimizarem essa solidão ou sirvam de amparo a pessoas cegas ou com dificuldade de locomoção. Mas o que se viu e ouviu na reportagem é um exagero, um verdadeiro despautério. Como disse Luís Pedro Nunes, "o mundo está cínico e não acredita no amor". Direi, acredita no amor zoófilo.

António Cândido Miguéis, Vila Real

As cartas destinadas a esta secção têm de ser enviadas em exclusivo para o PÚBLICO e não devem exceder as 150 palavras (1000 caracteres). Devem indicar o nome, morada e contacto telefónico do autor. Por razões de espaço e clareza, o PÚBLICO reserva-se o direito de seleccionar e editar os textos e não prestará informação postal sobre eles cartasdirector@publico.pt

A opinião publicada no jornal respeita
a norma ortográfica escolhida pelos autores

ESCRITO NA PEDRA

Se tudo o mais falhar, a imortalidade pode sempre ser assegurada por um erro espectacular
John Kenneth Galbraith, economista

O NÚMERO

46,36

mil milhões de euros é o valor do empréstimo à Ucrânia acordado pelos líderes dos países do G7

Matei-as todas

Ainda ontem

Miguel Esteves Cardoso

Não sei por quanto mais tempo vou aguentar a ausência de sardinhas. Já é dia de Santo António - esse dia misterioso em que nunca se sabe se é feriado, ou onde - e ainda não comi nenhuma. E tudo indica, depois de uma série de telefonemas que nem o 25 de Abril conseguiu alcançar, que não será hoje que vou tirar a barriga de misérias.

Este ano ainda não comi sardinhas e ainda não tomei um banho de mar.

A coisa está malparada, como se tivesse ficado tudo à fronteira, em fila indiana, com os camionistas a jogar às cartas, à espera de entrar.

A ausência de sardinhas é explicada pelos entendidos com desculpas cheias de espinhas. Dizem que este ano a sardinha não presta. Mas isso é razão para alguma coisa? Todos os anos comemos sardinhas que não prestam, semanas a fio, à espera que engordem.

Também não é pelo ar estar cheio de gases tóxicos que deixamos de respirar.

O mal de não fazer as coisas quando se deve fazê-las é garantir que se vai sofrer de saudades atravessadas.

Nos anos em que não se come o mínimo absoluto de sardinhas (80 quilos), as sardinhas que não se comem ficam atravessadas. E essa travessia provoca saudades da pior espécie: saudades com falta de memória de alegria, saudades com falta de ar.

Sempre admirei as últimas palavras de Ramón María Narvaéz, ditas mesmo antes de morrer. O padre perguntou-lhe se perdoava aos inimigos e Narvaéz respondeu: "Não tenho inimigos. Matei-os todos."

É isso que se quer dizer, no fim de uma vida ou no fim dum Verão, se é que são coisas diferentes: "Saudades? Não tenho saudades. Matei-as todas."

Já não tenho pesadelos com os anos em que não comi cerejas suficientes, mas tenho pena de já não ter, porque dava muito jeito à crónica.

Este ano, sem dúvida por causa da ausência de sardinha, tenho comido cerejas em excesso - mesmo segundo os critérios mais excessivos do que constitui um excesso - mas sei que, quando chegar o último dia morno de Novembro, vou ter saudades delas.

Mas das boas.

ZOOM BRASIL

UESLEI MARCELINO/REUTERS

Incêndio no Pantanal, a maior zona húmida do mundo, em Corumbá, no estado de Mato Grosso do Sul. Este ano ameaça ultrapassar 2020 como o pior ano de incêndios florestais registados no Pantanal

publico.pt

Lisboa (sede: editor e redacção)
Edifício Diogo Cão,
Doca de Alcântara Norte
1350-352 Lisboa
Tel. 210 111 000

Porto
Rua Júlio Dinis,
n.º 270 Bloco A 3.º
4050-318 Porto
Tel. 226 151 000

DIRECTOR
David Pontes
Directores adjuntos
Andreia Sanches, Marta Moitinho Oliveira,
Sónia Sapage, Tiago Luz Pedro
Directora de arte
Sónia Matos
Directora de design de produto digital
Inês Oliveira
Editoras executivas
Helena Pereira, Patrícia Jesus
Editor de fecho
José J. Mateus

Editor de Opinião Álvaro Vieira **Editor P2** Sérgio B. Gomes **Online** Ana Maria Henriques, Mariana Adam, Pedro Esteves, Pedro Guerreiro, Pedro Sales Dias (editores), Amílcar Correia (redactor principal), Carolina Amado, João Pedro Pincha, José Volta e Pinto, Marta Leite Ferreira, Miguel Dantas, Sofia Neves (última hora); Rui Barros (jornalista de dados); Ruben Martins, Inês Rocha (áudio); Joana Bougard (editora multimédia), Carlos Alberto Lopes, Joana Gonçalves, Mariana Godet, Teresa Miranda (multimédia); Amanda Ribeiro (editora de redes sociais), Ana Zayara, Michelle Coelho, Patrícia Campos (redes sociais) **Política** David Santiago (editor), Ana Sá Lopes, São José Almeida (redactoras principais), Ana Bacelar Begonha, Liliana Borges, Margarida Gomes, Maria Lopes, Nuno Ribeiro **Mundo** Ivo Neto, Paulo Narigão Reis (editores), Bárbara Reis, Jorge Almeida Fernandes, Teresa de Sousa (redactores principais), Rita Siza (correspondente em Bruxelas), Alexandre Martins, António Rodrigues, António Saraiva Lima, João Ruela Ribeiro, Leonete Botelho (grande repórter), Maria João Guimarães, Sofia Lorena **Sociedade** Natália Faria, Gina Pereira (editoras), Clara Viana (grande repórter), Alexandra Campos, Ana Cristina Pereira, Ana Dias Cordeiro, Ana Henriques, Ana Maia, Cristiana Faria Moreira, Daniela Carmo, Joana Gorjão Henriques, Mariana Oliveira, Patrícia Carvalho, Samuel Silva, Sónia Trigueirão **Local** Ana Fernandes (editora), Luciano Alvarez (grande repórter), André Borges Vieira, Camilo Soldado, Mariana Correia Pinto, Samuel Alemão, Teresa Serafim **Economia** Pedro Ferreira Esteves, Isabel Aveiro (editores), Manuel Carvalho (redactor principal), Cristina Ferreira, Sérgio Aníbal (grandes repórteres), Ana Brito, Luís Villalobos, Pedro Crisóstomo, Rafaela Burd Relvas, Raquel Martins, Rosa Soares, Victor Ferreira **Ciência** Teresa Firmino (editora), Filipa Almeida Mendes, Tiago Ramalho **Azul** Andrea Cunha Freitas (editora), Claudia Carvalho Silva (subeditora), Aline Flor, Andréia Azevedo Soares, Clara Barata, Nicolau Ferreira, Tiago Bernardo Lopes (multimédia), Gabriela Gómez (infografia), Rodrigo Julião (webdesign) **Cultura/Ípsilon** Paula Barreiros, Inês Nadais (editoras), Pedro Rios (editor Ípsilon), Isabel Coutinho (subeditora), Nuno Pacheco, Vasco Câmara (redactores principais), Isabel Salema, Sérgio C. Andrade (grandes repórteres), Daniel Dias, Joana Amaral Cardoso, Lucinda Canelas, Luís Miguel Queirós, Mariana Duarte, Mário Lopes **Desporto** Jorge Miguel Matias, Nuno Sousa (editores), Augusto Bernardino, David Andrade, Diogo Cardoso Oliveira, Marco Vaza, Paulo Curado **Fugas** Sandra Silva Costa, Luís J. Santos (editores), Alexandra Prado Coelho (grande repórter), Luís Octávio Costa, Mara Gonçalves **Guia do Lazer** Sílvia Pereira (coordenadora), Cláudia Alpendre, Sílvia Gap de Sousa **Ímpar** Bárbara Wong (editora), Carla B. Ribeiro, Inês Duarte de Freitas **P3** Inês Chaíça, Renata Monteiro (subeditoras), Mariana Durães **Terroir** Ana Isabel Pereira **Newsletters e Projectos digitais** João Pedro Pereira **Projectos editoriais** João Mestre **Fotografia** Miguel Manso, Manuel Roberto (editores), Adriano Miranda, Daniel Rocha, Nelson Garrido, Nuno Ferreira Santos, Paulo Pimenta, Rui Gaudêncio, Alexandra Domingos (digitalização), Isabel Amorim Ferreira (documentalista) **Paginação** José Souto (editor de fecho), Marco Ferreira (subeditor), Ana Carvalho, Cláudio Silva, Joana Lima, José Soares, Nuno Costa, Sandra Silva; Paulo Lopes, Valter Oliveira (produção) **Copy-desks** Aurélio Moreira, Florbela Barreto, Joana Quaresma Gonçalves, João Miranda, Manuela Barreto, Rita Pimenta **Design Digital** Alex Santos, Ana Xavier, Nuno Moura **Infografia** Célia Rodrigues (coordenadora), Cátia Mendonça, Francisco Lopes, Gabriela Pedro, José Alves **Comunicação Editorial** Inês Bernardo (coordenadora), João Mota, Ruben Matos **Secretariado** Isabel Anselmo, Lucinda Vasconcelos **Documentação** Leonor Sousa

Publicado por PÚBLICO, Comunicação Social, SA.
Presidente Ângelo Paupério
Vogais Cláudia Azevedo, Ana Cristina Soares e João Günther Amaral

Área Financeira e Circulação Nuno Garcia **RH** Maria José Palmeirim **Direcção Comercial** João Pereira **Direcção de Assinaturas e Apoio ao Cliente** Leonor Soczka **Análise de Dados** Bruno Valinhas **Marketing de Produto** Alexandrina Carvalho **Área de Novos Negócios** Mário Jorge Maia

NIF 502265094 | Depósito legal n.º 45458/91 | Registo ERC n.º 114410
Proprietário PÚBLICO, Comunicação Social, SA | Sede: Lugar do Espido, Via Norte, Maia | Capital Social €8.550.000,00 | Detentor de 100% de capital: Sonaecom, SGPS, S.A. | **Publicidade** comunique.publico.pt/publicidade | comunique@publico.pt | Tel. 210 111 353 / 210 111 338 / 226 151 067 | **Impressão** Unipress, Tv. de Anselmo Braancamp, 220, 4410-350 Arcozelo, Valadares; Empresa Gráfica Funchalense, SA, Rua da Capela de Nossa Senhora da Conceição, 50, 2715-029 Pêro Pinheiro | **Distribuição** VASP – Distrib. de Publicações, Quinta do Grajal – Venda Seca, 2739-511, Agualva-Cacém | geral@vasp.pt

Membro da APCT Tiragem média total de Maio **18.733 exemplares**

O PÚBLICO e o seu jornalismo estão sujeitos a um regime de auto-regulação expresso no seu Estatuto Editorial **publico.pt/nos/estatuto-editorial**
Reclamações, correcções e sugestões editoriais podem ser enviadas para **leitores@publico.pt**

ASSINATURAS Linha azul **808 200 095** (dias úteis das 9h às 18h)
publico.pt/assinaturas • assinaturas@publico.pt

Espaço público

Porque é que dizem que Pedro Nuno viabilizará o Orçamento?

Francisco Mendes da Silva

O ciclo das legislativas e das europeias mostrou que, nesta circunstância histórica, em termos de apelo eleitoral e enraizamento social, a AD e o PS estão basicamente empatados. Qualquer eleição nacional pode dar a vitória a uma ou a outra força, pela margem do número de espectadores num estádio de futebol. Não espanta que cada vitória seja um momento de celebração hiperbólica. Como nunca se sabe quem vai ganhar, a sensação de sucesso é semelhante à de um golo decisivo no último minuto de jogo. Além disso, perante sucessos tão relativos, é preciso construir narrativas instantâneas de empolamento da legitimidade política.

Foi o que a AD fez nas primeiras semanas de governação, com uma confiança mais típica de um partido com maioria absoluta. As derrotas subsequentes no Parlamento, aos pés das coligações negativas do PS com o Chega, devolveram ao exercício do poder a sobriedade que tardava.

Foi isso também que Pedro Nuno Santos fez no domingo. Inebriado com a vitória por menos de 40 mil votos, declarou que o PS é "o maior partido de Portugal". Nem a circunstância de terem afluído às urnas menos 2 milhões de pessoas do que em Março atrapalhou a festa.

Mas Pedro Nuno disse mais e melhor. Disse que neste momento, "sem o Chega, o PS é maioritário". Ninguém percebeu as contas do líder do PS, nem que conceito é esse de se ser "maioritário" descontando da equação o peso de um partido com 50 deputados. Aliás, o que se tem visto no Parlamento é o contrário: o PS só é maioritário com o Chega - e vive lindamente com isso.

As claques também têm contribuído para a narrativa. Depois de semanas a dizerem que Sebastião Bugalho era um produto da "bolha", um ilustre desconhecido incapaz de ombrear com o tridente de luxo Temido-Assis-Mendes, o PS teve apenas mais 1%. Daí ter sido necessário explicar que a vitória foi retumbante porque foi conseguida contra um Governo em "estado de graça". Mas qual "estado de graça"? Este é um Governo ultraminoritário, que vive desde o primeiro minuto sob o agoiro de que poderá cair a qualquer momento. Isto é o oposto do estado de graça.

Os mesmos que até aqui diziam que a AD tem uma legitimidade reduzida, a fim de justificarem a indisponibilidade do PS para sustentar o Governo, inventaram agora que o Governo vive em "estado de graça", a fim de justificarem a retórica triunfal de Pedro Nuno Santos.

Não há dúvida de que o PS venceu as europeias. Só que as vitórias eleitorais servem para legitimar o exercício do poder. Dessa perspectiva, o que é que o PS retirou dos resultados de domingo? Nada. Enquanto não sair da casa dos 30%, enquanto a esquerda à sua esquerda permanecer num estado de fragmentação comatosa, e enquanto à direita da AD se concentrarem votos capazes de eleger um quarto da Assembleia da República, o único poder que Pedro Nuno exercerá é o poder de deslumbrar os comentadores.

NUNO FERREIRA SANTOS

Vejo muita gente dizer que as europeias desincentivaram Pedro Nuno Santos de se arriscar a uma crise política, votando contra o próximo Orçamento do Estado. Não estou nada certo disso

Apesar de o Chega ter caído muito, a direita junta manteve sensivelmente a mesma percentagem de votos das legislativas, com a subida da AD e da IL.

Há várias teorias para aquela queda do Chega, em princípio compatíveis e confluentes. É possível que as alianças oportunistas com o PS tenham afastado os eleitores mais ideologicamente anti-PS. É possível que a ansiedade infantil de André Ventura em ir para o Governo tenha caído mal no eleitorado anti-sistema. E é possível que Ventura, um produto dos ciclos mediáticos da cultura das celebridades, esteja já a sofrer do cansaço e desgaste próprios do excesso de exposição. A sua constante presença nas televisões também o dilui no "sistema", transformando-o em mais um dos "mesmos de sempre". Estas teses dão razão à estratégia do "não é não" de Luís Montenegro.

Mas é possível, tão-só, que a AD e a IL tenham apresentado melhores candidatos. Ou que grande parte do eleitorado potencial do Chega seja o eleitorado típico da abstenção ou do voto nulo, para o qual a cruzinha naquele quadrado é o equivalente a um impropério redigido no boletim. As europeias são a ocasião em que esse protótipo da sociologia eleitoral menos adere ao processo democrático. Mais uma vez, não se sentiu motivado a sair de casa (ou da praia). Muito menos, como escrevi na análise a quente logo a seguir aos resultados, para votar num embaixador de falas mansas, que não encaixa no perfil de político de que o eleitorado do Chega gosta.

Com a IL, sucedeu o contrário: o partido apresentou o candidato que melhor encaixa no perfil do seu eleitor potencial. Um dos equívocos típicos do dogmatismo da IL é o de que um "partido de ideias" é indiferente aos rostos que o lideram. Desde que vocifere as grandes narrativas ideológicas, até pode ser um robô movido a inteligência artificial. Mas as pessoas contam. O problema da substituição de João Cotrim de Figueiredo por Rui Rocha não foi de competência (Rocha fez-se líder na campanha para as legislativas). O que sucede é que a IL não está ainda - se é que algum dia estará - numa fase de "institucionalização", que exija um líder "popular". Está, para já, na fase de consolidação de nichos: classes médias e altas, jovens, profissionais urbanos. Com um "homem do povo", as "ideias" não encaixam perfeitamente nos eleitores. Com Cotrim, sim.

Neste cenário de maioria à direita, o que fará então o PS? Vejo muita gente dizer que as europeias desincentivaram Pedro Nuno Santos de se arriscar a uma crise política, votando contra o próximo Orçamento do Estado. Não estou nada certo disso. Seria preciso que Pedro Nuno actuasse de acordo com o temperamento e o quadro mental do moderado expectante: "Enquanto não tiver condições para exercer o poder, não bloqueio quem de momento o está a exercer."

No seu habitual voluntarismo táctico, Pedro Nuno Santos poderá querer controlar activamente a evolução da instabilidade, comandando os movimentos necessários a que a confusão parlamentar actual se clarifique em favor do PS.

Isso pode acontecer através de eleições antecipadas, após o chumbo do Orçamento, se dessa vez forem os socialistas os beneficiados da roleta do sufrágio. Já vimos que não é impossível.

Mas pode acontecer que, com o seu lavar de mãos, o PS aposte em que a AD sinta que não tem outra hipótese de sobrevivência no poder que não a de se aliar ao Chega. Ou num acordo alargado de governação ou, pelo menos, numa coligação pontual para o Orçamento.

Mesmo sem eleições, Pedro Nuno teria então a fotografia que deseja para o resto legislatura: a do PS, sozinho na oposição e ao centro, contra um Governo radical das direitas unidas.

Advogado. Escreve à sexta-feira

Message personnel

Susana Peralta

É possível que Macron tenha antevisto caos à esquerda e à direita e tenha imaginado que os franceses iriam confiar nele uma última vez

Acredito que o caminho da União é mais integração e mais federalismo, em temas fiscais, sociais, de política externa e de segurança. É por isso que gasto tantas linhas a apelar candidamente a que as eleições europeias não resvalem para temas internos e que os seus resultados não tenham leituras nacionais. Este ano, nem correu mal. O debate pré-eleitoral foi mais europeu do que é habitual e a política interna continua como dantes.

O empate técnico entre PS e AD não permite grandes leituras e a ligeira vantagem do PS não permite reivindicar vitória esmagadora. Montenegro aproveitou a noite eleitoral para declarar o apoio a António Costa para a presidência do Conselho Europeu; apesar dos evidentes dividendos internos desta declaração, teve a vantagem, ainda que cosmética, de ter falado de um tema europeu.

Infelizmente, a segunda maior democracia da União resvalou para o outro lado. Ainda antes de a contagem final dos votos ser pública, Macron anunciou a dissolução da Assembleia Nacional, depois da derrota humilhante das hostes presidenciais frente ao Rassemblement National, de Marine Le Pen e de Jordan Bardella.

É irónico este terramoto desencadeado pelo Presidente que escolheu a nona sinfonia de Beethoven, o hino da Europa, como banda sonora da sua marcha triunfal na esplanada do Louvre no dia em que tomou posse em maio de 2017. A cerimónia estava repleta de bandeiras da União - as mesmas que envolveram Macron em querelas com os seus adversários. Em 2022, para assinalar o início da presidência francesa da União, a bandeira foi hasteada no Arco do Triunfo, sem estar acompanhada da tricolor francesa. Todos os candidatos à direita – Le Pen, Pécresse, Zemmour – protestaram enfaticamente. Em 2017, depois da decisão de hastear a bandeira na Assembleia Nacional, indignara-se Mélenchon: "Francamente, temos de aturar isto?".

O caos instalou-se. A esquerda está a caminho de propor uma Frente Popular cujos contornos não são ainda conhecidos. Enquanto escrevo (quinta-feira, ao início da tarde), as negociações acabaram de ser suspensas e retomadas. Um dos temas quentes de discórdia é a política internacional, principalmente o 7 de outubro, a guerra na Palestina e a linha ténue que separa as posições pró-palestinianas de alguns responsáveis políticos, desde logo Mélenchon, e o anti-semitismo. Não ajuda que Raphael Glucksmann, cabeça de lista do PS às eleições europeias, tenha sido vítima de anti-semitismo durante a campanha, com perseguições nas redes sociais e vandalização de cartazes com simbologia nazi. Questões complexas que se atravessam no caminho de um consenso difícil entre socialistas, ecologistas, comunistas, os anticapitalistas de Poutou e Besancenot, os insubmissos de Mélenchon e uma miríade de movimentos como o de Anne Hidalgo (Paris en Commun), o Movimento Republicano e Cidadão, fundado por Chevènement, ou o Partido Pirata.

À direita, a confusão não é menor. Os Republicanos expulsaram o seu líder, devido ao acordo com o partido de Le Pen, que, deste modo, parece empenhar o indivíduo Ciotti, mas não o partido ao qual presidiu até quarta-feira; ou continua a presidir, segundo o próprio. Do lado da Reconquista de Eric Zemmour, a coisa não está melhor. Marion Maréchal Le Pen, sobrinha de Marine e cabeça da lista reconquistadora às europeias, foi expulsa do partido por Zemmour, acusada por este do "recorde do mundo da traição", depois de ter apelado ao voto no partido da tia, no seguimento de negociações falhadas entre as duas formações.

O impasse político atual tem levado o Governo a tomar decisões contra o parlamento invocando o famoso artigo 49.3 da Constituição, inclusive para passar a reforma das pensões, contestada da esquerda à direita. A arrogância deste modo de decidir não será alheia à balbúrdia em que a França está metida, que sugere que a hora é grave e que tudo pode sair de 7 de julho. É possível que Macron tenha antevisto o caos à esquerda e à direita e tenha imaginado que os franceses iriam confiar nele uma última vez enquanto garante de estabilidade (que manifestamente já não é). É possível que tenha imaginado que um possível Governo RN desarme a bomba Le Pen que estava em sentido único para rebentar em 2027. Ou é possível que tenha sido apenas o gesto desesperado de um homem só, que convive mal com a perda de poder e de popularidade.

Nem só eleições trouxeram os ventos franceses desta semana. Em dezembro, Françoise Hardy enviou uma carta a Macron, o seu último ato político em favor da causa da eutanásia, à qual terá aderido, alegadamente, aos 15 anos, no seguimento de um filme que a marcou. Na carta, invocou a morte da mãe, "eutanasiada no dia que escolheu" pelo seu médico, com a cumplicidade de Françoise e do especialista de medicina legal do município, que não denunciou a causa da morte na certidão de óbito. A artista apelava à empatia do Presidente, para permitir "aos franceses muito doentes e sem esperança de melhoras de parar o seu sofrimento quando eles sabem que já não há alívio possível".

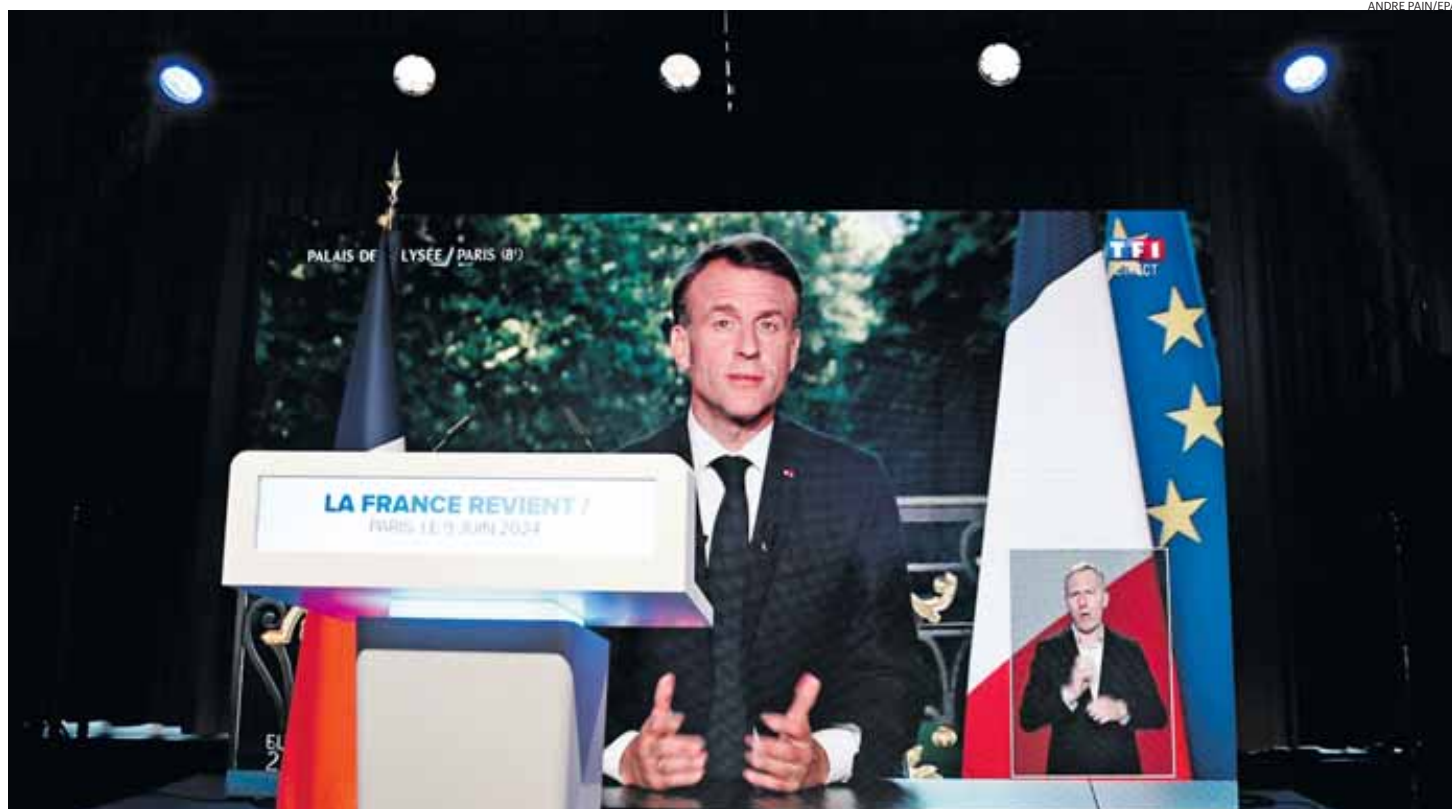
O caos instalou-se. A esquerda está a caminho de propor uma Frente Popular cujos contornos não são ainda conhecidos

Pela mesma altura, Françoise Hardy deu a sua última entrevista, à *Paris Match*, na qual relatava, mais uma vez, o pesadelo em que a sua vida se tornara depois dos 55 tratamentos de radioterapia que lentamente, em conjunto com a doença, lhe retiraram a memória, a visão e o equilíbrio. Hardy já não podia ler nem sequer ver televisão.

Em 2021, noutra entrevista à revista *Femme Actuelle*, Hardy comparava a sua situação à da sua mãe: "A minha mãe teve muita sorte de encontrar um médico que a eutanasiou no momento em que ela não podia ir mais longe na sua horrível doença incurável. No que me diz respeito, gostaria de ter esta sorte, mas, dada a minha pequena notoriedade, ninguém quererá correr o risco de ser excluído da Ordem dos Médicos". Vítima, segundo a própria, da sua notoriedade, Hardy disse em dezembro à *Paris Match* que queria apenas "partir em breve, de forma rápida, sem grandes provações, como a impossibilidade de respirar". Era o seu desejo de como nos dizer adeus.

Vivi os primeiros quase 25 anos da minha vida sem canção francesa, à exceção de uma porta entreaberta ao Gainsbourg, graças à versão do *Bonnie and Clyde* do Mick Harvey e da Anita Lane. Foi no final dos anos 90 que a vida me levou à francofonia, quando me mudei para a Bélgica para estudar. A Françoise Hardy morreu; uma das vozes da minha vida. Espero que tenha dito adeus como desejou. Sem grandes provas, para além da enorme prova do sofrimento que foi partilhando connosco nos últimos anos.

Professora de Economia na Nova SBE. Escreve à sexta-feira

ANDRE PAIN/EPA

Há 98 autarcas de saída por limite de mandatos e 50 são do PS

Porto e Santarém são os distritos com mais presidentes de câmara que não se vão poder recandidatar nas eleições autárquicas do próximo ano

Margarida Gomes

Há 98 presidentes a cumprir o terceiro mandato autárquico consecutivo e que, devido à Lei de Limitação de Mandatos locais, não poderão concorrer à liderança desse município nas eleições autárquicas previstas para Setembro/Outubro do próximo ano. O PS tem a maior fatia, com meia centena dos autarcas socialistas de saída em 2025, ao passo que o PSD tem 33 nessa condição. Se a estes 33 juntarmos os municípios de Albergaria-a-Velha e Vale de Cambra, ambos no distrito de Aveiro e que são liderados pelo CDS, a diferença entre socialistas e sociais-democratas é de 15 presidentes no limite de mandatos.

Na mesma situação estão 11 eleitos pela coligação PCP/PEV (CDU) que lideram os municípios de Arraiolos, Évora, Silves, Sobral de Monte Agraço, Avis, Monforte, Benavente, Alcácer do Sal, Grândola, Palmela e Santiago do Cacém.

Já em relação aos autarcas independentes, há apenas três em final de mandato: Anadia (Aveiro), Borba (Évora) e Porto.

Muitos dos autarcas socialistas prestes a concluir o terceiro e último mandato autárquico seguido lideram câmaras nos distritos de Santarém, Coimbra, Castelo Branco e Viseu, regiões em que, por isso, o PS terá uma gestão política mais delicada a fazer. Já o PSD não tem nenhum distrito particularmente difícil na próxima disputa autárquica. Mas Aveiro e Braga são duas cidades relevantes em que os sociais-democratas vão ter de apostar em nomes fortes porque Ribau Esteves e Ricardo Rio estão a cumprir o último mandato.

Na sequência das eleições legislativas antecipadas de 10 de Março, vários presidentes de câmara do PSD como Salvador Malheiro (Ovar), Amílcar Castro Almeida (Valpaços) ou Silvério Regalado (Vagos) suspenderam os respectivos mandatos para integrarem as listas de candidatos a deputados à Assembleia da República, passando a liderança das suas autarquias aos seus delfins, preparando, desde logo, o terreno para as próximas autárquicas. É que os seus sucessores arrancam com o "contador a zeros".

Também Emídio Sousa e Hernâni Dias trocaram as cadeiras de presidentes das câmaras de Santa Maria da Feira e de Bragança para irem nas listas de deputados pelos respectivos círculos eleitorais. E, depois de eleitos como deputados, renunciaram aos mandatos autárquicos para integrarem o Governo de Luís Montenegro. Emídio Sousa é secretário de Estado do Ambiente e Hernâni Dias é secretário de Estado da Administração Local e Ordenamento do Território.

O agora ministro das Infra-Estruturas e Habitação, Miguel Pinto Luz, que era vice-presidente da Câmara de Cascais, teve de suspender o mandato para ser cabeça de lista da Aliança Democrática por Faro. De acordo com o estatuto dos deputados, o exercício do mandato à Assembleia da República é incompatível com o cargo de presidente e vice-presidente de câmara e de membro dos órgãos executivos das autarquias locais em regime de permanência ou em regime de meio tempo, embora a suspensão permita o regresso ao cargo após a realização das eleições, caso não sejam eleitos, o que não foi o caso.

Também no PS houve presidentes de câmara em final de mandato a integrarem as listas de deputados do partido e que foram eleitos como os autarcas de Vendas Novas (Évora), Nazaré (Leiria) e Arruda dos

Em 98 presidentes de câmara que atingiram o limite de mandatos há 33 do PSD, dois do CDS e 11 da CDU

Pizarro prepara-se para o Porto

Com a saída de Rui Moreira, a Câmara do Porto ganha uma importância redobrada, com os dois maiores partidos autárquicos a empenharem-se em encontrar candidatos fortes. Em 2025, o PS contará 24 anos afastado do poder na segunda maior autarquia do país. No caso dos sociais-democratas, a última vez que venceram a Câmara do Porto foi com Rui Rio, que obteve uma maioria relativa (2001) e duas maiorias absolutas (2005 e 2009).

Três vezes eleito pelo Movimento Rui Moreira: Aqui há Porto!, o presidente da autarquia portuense deverá manter-se afastado do processo eleitoral em 2025. No último mandato, Rui Moreira fez um acordo de governação com os sociais-democratas por não ter tido maioria e, mais recentemente, participou em acções de campanha da Aliança Democrática para as legislativas. Apesar desta proximidade ao PSD, o autarca independente pretenderá não se imiscuir na disputa pela Câmara do Porto.

As autárquicas ainda não estão na agenda, mas já há nomes a circular. O médico Miguel Guimarães, primeiro vice-presidente da bancada parlamentar da Aliança Democrática, é uma hipótese para disputar o Porto, mas na coligação não é visto como um candidato vencedor.

O também médico Manuel Pizarro, que já foi vereador com pelouros no primeiro mandato de Rui Moreira, nunca escondeu o sonho de ser presidente da Câmara do Porto, mas socialistas próximos do secretário-geral do PS, Pedro Nuno Santos, descartam este nome e, sabe o PÚBLICO, tudo farão para impedir que o agora deputado socialista venha a protagonizar, de novo, uma candidatura a este município. Seja como for, Jorge Morgado, que esteve desde a primeira hora com Rui Moreira e que foi o estratego de comunicação da campanha até à sua tomada de posse em 2013, está a trabalhar a assessoria de imprensa do ex-ministro da Saúde.

Mas há um terceiro médico, António Araújo, que pode vir a entrar na corrida autárquica no Porto. Irmão do ex-director executivo do SNS Fernando Araújo e director do Serviço de Oncologia da Unidade Local de Saúde de Santo António, está a ser desafiado por figuras do PSD próximas de Rui Rio. **M.G.**

ADRIANO MIRANDA

Vinhos (Lisboa).

Os autarcas sociais-democratas que renunciaram ao mandato ocuparam, quase todos, lugares confortavelmente elegíveis nas listas de candidatos ao Parlamento, mas houve quem ficasse de fora, como aconteceu com Rui Ladeira, até há pouco presidente da Câmara de Vouzela (distrito de Viseu). Em quinto lugar da lista da AD, Rui Ladeira não foi eleito, pelo que retomou as suas funções autárquicas, mas o convite de Luís Montenegro para secretário de Estado das Florestas levou-o a renunciar ao mandato em Vouzela. Carlos Oliveira é agora o presidente da autarquia.

Santarém e Porto

Arrumadas as eleições europeias, os partidos concentram-se agora nas autárquicas. O PSD teve sempre uma forte ligação ao poder local, mas nas três últimas eleições locais (2013, 2017 e 2021) o PS reclamou o título de maior partido autárquico nacional. O ponto alto autárquico do PS aconteceu nas eleições de 2017, em que o PS venceu em 16 dos 18 distritos do país. Aveiro (31,2%) e Guarda (45,3%) foram os dois distritos conquistados pelo PSD.

Nas autárquicas de 2021, o PSD reaproximou-se dos socialistas, que, mesmo mantendo a posição de maior partido autárquico, perdeu câmaras relevantes como a de Lisboa, Coimbra ou Funchal.

Santarém e Porto são os dois distritos que têm mais presidentes em limite de mandatos. Num universo de 21 concelhos, o distrito de Santarém contabiliza dez autarcas que estão de saída, dos quais sete são do PS: Almeirim, Chamusca, Coruche, Entroncamento, Salvaterra de Magos, Torres Novas e Vila Nova da Barquinha. E três são do PSD: Mação, Santarém e Sardoal.

No caso do Porto, em 18 concelhos, há dez presidentes que estão a pouco mais de um ano de atingirem o limite de mandatos. Contas feitas, cinco são do PS (Gondomar, Lousada, Paços de Ferreira, Valongo e Vila Nova de Gaia), quatro foram eleitos pelo PSD ou por coligações PSD/CDS (Amarante, Penafiel, Póvoa de Varzim e Trofa). O concelho do Porto tem apenas um: o independente Rui Moreira.

PS e PSD entendem-se para conselhos superiores da Justiça, mas falta o Conselho de Estado

Maria Lopes

Socialistas voltam a indicar Fernando Anastácio para a CNE, de que é actualmente porta-voz. Eleições marcadas para o dia 19

O prazo era o final da tarde do dia 12, mas nem PSD nem PS anunciaram os nomes dos seus candidatos a integrar o Conselho de Estado, cujas eleições estão marcadas para a próxima quarta-feira na Assembleia da República. De acordo com as regras, os lugares para os cinco membros indicados pelo Parlamento são distribuídos pelo princípio da representação proporcional, o que faz com que o Chega já possa, desta vez, indicar um nome, cabendo dois aos sociais-democratas e outros dois aos socialistas. E o habitual é haver uma lista conjunta.

A eleição esteve prevista para meados de Maio, mas foi adiada a pedido de PSD e PS. Nessa altura, já se sabia que o Chega irá candidatar o presidente André Ventura. Em 2022, o partido apresentou uma lista encabeçada por António Tânger Corrêa, agora eleito para o Parlamento Europeu, que foi chumbada: apesar de a bancada do Chega já ter, na altura, mais do que os dez deputados necessários como mínimo para subscrever uma lista, não os tinha para conseguir eleger e a regra da proporcionalidade também não lhe atribuía essa capacidade.

Na legislatura passada, o PS indicou Manuel Alegre, o presidente socialista Carlos César e o antigo candidato presidencial Sampaio da Nóvoa. O PSD indicou o fundador do partido Francisco Pinto Balsemão (que desempenha este cargo há 19 anos) e Miguel Cadilhe.

Depois de se terem entendido para a escolha de Luís Pais Antunes para a presidência do CES – Conselho Económico e Social, eleição que necessita de uma aprovação por maioria de dois terços, o PS e o PSD também terão de acertar posições para os representantes do Parlamento nos conselhos superiores da Magistratura e do Ministério Público. Porém, só se conhecem ainda os nomes a indicar pelos socialistas. Apesar das tentativas, o PSD não revela as suas listas.

Para o Conselho Superior da Magistratura, o PS volta a indicar André Miranda e Inês Ferreira Leite e estreia José Manuel Mesquita como efectivos, e Telma Carvalho e Alessandro Azevedo como suplentes. Para o Conselho Superior do Ministério Público, os socialistas repetem o nome de Vânia Álvares e escolhem também Paulo Valério como efectivos, e Pedro Ramos de Almeida como suplente.

Fernando Anastácio foi outra vez indicado pelo PS para a CNE

Para a CNE – Comissão Nacional de Eleições, em que cada grupo parlamentar designa um membro, o PS volta a nomear Fernando Anastácio, o actual porta-voz, e Filipe Bacelar como suplente. E para a Comissão para a Igualdade e Contra a Discriminação Racial é indicada a ex-secretária de Estado da Igualdade e Migrações Isabel Rodrigues.

No caso do Conselho Geral do Centro de Estudos Judiciários, a opção do PS é por nomes novos: Rui Manuel Lanceiro (efectivo) e Raquel Franco (suplente).

O mesmo acontece na Comissão de Acesso aos Documentos Administrativos, com Tiago Freitas, mantendo-se Mariana Egídio como suplente, e na Comissão de Fiscalização dos Centros Educativos, com Maria do Rosário Carneiro, que tem agora como suplente Rita Borges Madeira.

Custo dos meios aéreos de combate a fogos cresce num ano 18 milhões

Força Aérea avançou para aluguer de dois Canadair. Luz verde chegou na semana passada

Neste ano, gasto com 72 aeronaves deve ultrapassar os 84 milhões de euros, mais 27% do que no ano passado

Mariana Oliveira

O Estado português vai pagar cerca 80 milhões de euros pela operação de 70 aeronaves de combate a incêndios rurais, a maioria disponíveis desde meados do mês passado. A Força Aérea Portuguesa (FAP) avançou, na semana passada, para a contratação de mais dois aviões Canadair, que estão em fase de adjudicação e deverão começar a operar até ao início do próximo mês.

Ainda não se sabe quanto é que o Estado vai desembolsar pela utilização destas duas aeronaves anfíbias, mas se o montante for semelhante ao pago no ano passado, perto de 4,1 milhões de euros, deve elevar o custo global dos meios aéreos de combate a incêndios para mais de 84 milhões de euros.

Este valor significa um acréscimo de 18 milhões de euros face aos 66 milhões de euros que a FAP gastou o ano passado, com as 72 aeronaves previstas no dispositivo especial de combate aos incêndios rurais. Tal significa um crescimento de 27% apenas num ano.

Em 2022, a operação dos 60 aparelhos terá custado à volta de 60 milhões de euros, segundo uma estimativa do próprio Governo. Face a este período, a factura com os meios aéreos cresceu 40%.

Este ano o dispositivo disponível é muito semelhante ao do ano passado. Nos dois anos estavam previstos operar, entre 15 e 31 de Maio, 34 meios aéreos, número que sobe para 72 entre 1 de Junho e 30 de Setembro e desce para 61 nos primeiros 15 dias de Outubro. Apenas havia diferenças entre 16 e 31 de Outubro, estando previsto este ano, nesta quinzena, 21 aeronaves, menos duas do que no ano passado.

A tipologia dos meios também é praticamente igual. No entanto, no ano passado, devido a problemas na contratação de helicópteros – todos os concorrentes avançaram com propostas superiores ao valor máximo permitido, logo, foram excluídos – uma parte dos meios não estiveram disponíveis quando estava previsto. A 15 de Maio só estavam a operar 27 aparelhos, quando deviam estar prontos a voar 34. Os 72 aparelhos previstos para 1 de Junho, só estiveram no terreno a 6 de Setembro, a três semanas do fim daquela que tradicionalmente é considerada a pior época dos incêndios rurais.

Este ano, a contratação foi mais pacífica, apesar de ainda ter tido alguns percalços. "A Força Aérea tem vindo, de forma contínua, a envidar todos os esforços que garantam os meios aéreos necessários definidos para 2024, nomeadamente através da procura no mercado e respectivos processos de contratação. Assim, até ao momento, num processo que está em curso, foram garantidos 70 meios aéreos, em conformidade com as indicações da tutela", dava conta ao PÚBLICO por escrito, no mês passado, o ramo das Forças Armadas que ficou responsável pela contratação das aeronaves para combater os fogos. E acrescentava: "Para os 18 contratos estabelecidos até ao momento corresponde um valor na ordem de 80 milhões de euros."

A informação foi actualizada esta quarta-feira pela porta-voz da Força Aérea, Patrícia Fernandes, que confirmou que o Estado avançou para a contratação de dois Canadair, através de ajuste directo, um procedimento que se encontra em fase de adjudicação. Os aviões anfíbios, do modelo CL-215, serão alugados à Avincis, que disponibiliza habitualmente estes meios ao Estado português.

Segundo o PÚBLICO apurou, o atraso na contratação dos Canadair esteve relacionado com o facto de a Protecção Civil ter sinalizado que pretendia o modelo mais recente deste avião, mais difícil de arranjar no mercado e com um preço muito superior à versão mais antiga que o Estado português tem contratado habitualmente. A opção estaria relacionada com os problemas mecânicos que estes aviões apresentaram no passado, que obrigaram os aviões a ficar em terra. Não tendo conseguido alugar o modelo pretendido, houve um compasso de espera até o Ministério da Administração Interna decidir avançar com a contratação.

Na directiva operacional que discrimina todos os meios que integram o dispositivo de combate aos incêndios havia um asterisco nos dois aviões bombardeiros pesados que indicavam "pendente de contratação". No entanto, pouco depois de o documento ter sido conhecido, em meados de Maio, a Força Aérea continuava a dizer que não tinha aberto nenhum procedimento de contratação.

A Força Aérea lançou no final do ano passado os concursos que faltavam (algumas aeronaves estavam já garantidas, fruto de concursos plurianuais) para contratar os meios para o dispositivo deste ano. Novamente os concorrentes contestaram o valor máximo proposto, tendo todos apresentado propostas acima desse limitar, acabando excluídos. No início deste ano, a FAP lançou novos concursos, já com outros valores máxi-

Reforço de viaturas e mais operacionais

Bombeiros recebem viaturas no Pombal

A Autoridade Nacional de Emergência e Protecção Civil vai entregar hoje, no Pombal, mais 15 veículos usados no combate aos incêndios rurais a corporações de bombeiros.

Na mesma cerimónia, serão igualmente entregues cinco viaturas de comando, de um total de 30, destinados à estrutura operacional da própria autoridade.

Esta será a segunda vez este ano que a Autoridade Nacional de Emergência e Protecção Civil entrega novos veículos aos bombeiros, num total de 81 viaturas — umas são Veículos Florestais de Combate a Incêndios (VFCI) e outras Veículos Tanque Tácticos Florestais (VTTF) — que devem chegar até ao final do ano.

Estas viaturas foram adquiridas no âmbito do Plano de Recuperação e Resiliência (PRR), representando um investimento de mais de 14 milhões de euros. Muitas serão integradas no Dispositivo Especial de Combate a Incêndios Rurais, que conta, entre 1 de Julho e 30 de Setembro, com 14.155 operacionais, apoiados por 3173 veículos.

Mais de oito mil destes operacionais são bombeiros, 2430 são profissionais afectos ao Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas (principalmente sapadores florestais) e quase 2000 são militares da Guarda Nacional Republicana.

Em 2023, o número de elementos envolvidos no combate aos incêndios naquele que é considerado o período mais crítico foi de 13.891 operacionais, o que significa que este ano há mais 264 operacionais para o combate aos fogos.

O mesmo acontece com as viaturas disponíveis, que aumentam em 183, passando dos 2990 veículos para os 3173.

DANIEL ROCHA

mos, conseguindo contratar uma parte das aeronaves. Já em Março, avançou-se com procedimentos concorrenciais urgentes, que terminaram com a contratação, por ajuste directo, dos restantes aparelhos. Excepção foram os dois Canadair, que só tiveram luz verde para serem alugados na semana passada.

As empresas que concorrem habitualmente a estes concursos insistem que os preços-base dos concursos estão muito baixos, perante a maior procura de aeronaves para combater fogos (que atribuem aos efeitos das alterações climáticas que tornaram os incêndios um problema em vários países do Norte e Centro da Europa) e o aumento generalizado dos preços.

Desde o início da guerra da Ucrânia, em Fevereiro de 2022, verificou-se um aumento de preços generalizado que se reflectiu nos helicópteros e nos seus componentes. O preço de venda de aparelhos novos, garantem, subiu drasticamente, o que torna o aluguer incompatível com os valores propostos a concurso. Por outro lado, o preço dos componentes, dizem, cresceu de forma significativa, chegando algumas peças a duplicar o valor desde o início da guerra. Os outros custos também subiram, salientam, dando conta da exigência de um aumento de remunerações superior a 40% por parte dos pilotos e no aumento dos seguros.

Incidência revela níveis elevados de resiliência

Estudo avaliou stress pós-traumático em bombeiros

Mariana Oliveira

Um estudo da Universidade de Coimbra (UC) mostra uma prevalência de 8,6% de stress pós-traumático entre uma amostra de 139 bombeiros daquele distrito, muitos dos quais participaram no combate aos incêndios de Pedrógão Grande, em 2017, onde morreram 66 pessoas.

"A prevalência não é tão grande quanto estaríamos à espera. Como estamos perante uma amostra mais sujeita a eventos adversos tal mostra um nível bastante alto de resiliência entre os bombeiros", explica ao PÚBLICO o neurocientista Miguel Castelo-Branco, coordenador científico do Centro de Imagem Biomédica e Investigação Translacional (CIBIT) do Instituto de Ciências Nucleares Aplicadas à Saúde (ICNAS) da UC, um dos autores do estudo.

A amostra inicial era de 283 bombeiros, mas apenas 139 terminaram os inúmeros questionários que faziam parte do estudo, que foi publicado numa revista científica no final do ano passado.

A mesma investigação revelou que 14% dos bombeiros apresentavam problemas psicológicos. Miguel Castelo-Branco sublinha que o mais importante é prevenir e sensibilizar esta classe para os problemas de saúde mental a que podem estar sujeitos, daí que tenham sido feitos vários *webinares* dirigidos a bombeiros.

"Problemas como o stress pós-traumático têm que ser diagnosticados e as pessoas têm de ser ajudadas a lidar com eles. Não podemos admitir que impere o silêncio. É preciso estar atento a sinais de alerta", afirma o médico, que realça a participação do Centro de Prevenção e Tratamento do Trauma Psicológico da Unidade Local de Saúde de Coimbra, um dos parceiros neste projecto.

O estudo integra um trabalho mais alargado, chamado DECFIRE, financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia, que também analisou a resposta cerebral de bombeiros perante simulações de acções de resgate de pessoas em risco em casos de incêndio. Foi o resultado desta última parte da investigação que foi ontem tornada pública, através de um comunicado da UC.

A investigação concluiu que nos cenários em que não havia vítimas mortais, os bombeiros activaram áreas do cérebro ricas em dopamina, que funcionam como um sistema de recompensa, aumentando a motivação do sujeito.

Foi incluído um grupo de 47 pessoas, divididos em dois subgrupos, um de bombeiros e outras pessoas com ocupações convencionais.

Num ecrã era-lhes mostrada uma casa em chamas e a probabilidade (que variava entre 10% e 70%) de a habitação desabar.

Também eram informados se havia um adulto ou, em alternativa, uma família de quatro pessoas no interior da residência e a probabilidade (que variava entre 10% e 70%) de se salvarem sem ajuda. Se entrassem na casa, os bombeiros sabiam que havia 80% de probabilidades de quem estava dentro da habitação se salvar.

"Em alguns segundos os participantes no estudo tinham que tomar uma decisão simples: entravam ou não na casa para salvar as vítimas", explica Miguel Castelo-Branco. Enquanto participavam na simulação, o cérebro dos participantes era analisado através de imagem por ressonância magnética.

O médico refere que, apesar de haver um viés para tentar salvar as vítimas, houve várias situações em que os participantes decidiram não entrar na casa. "Curiosamente os bombeiros demoravam mais tempo a tomar a decisão de não entrar."

Esta investigação, que contou com a parceria da Administração Regional de Saúde do Centro e a Federação de Bombeiros do Distrito de Coimbra, mostrou que "a experiência e a capacidade de lidar com o stress permitem aos bombeiros ter um sistema de tomada de decisão mais eficiente", sublinhou o médico.

José Maria Soares Bezerra

Faleceu (dia 12 de junho, com 91 anos)

É com imenso pesar que comunicamos o falecimento de José Maria Soares Bezerra, ocorrido no dia 2 de junho, aos 91 anos. José Maria Soares Bezerra foi uma pessoa extraordinária, cuja vida tocou profundamente todos ao seu redor, com a sua dedicação, fervor no trabalho e enorme empreendedorismo, deixando um legado de generosidade e inspiração. José Maria Soares Bezerra será sempre lembrado pelo seu espírito contagiante, o seu sorriso único e a sua capacidade de iluminar qualquer ambiente. A sua ausência deixa um vazio imenso, mas a sua memória viverá eternamente nos nossos corações. Que possamos honrar a sua memória seguindo o seu exemplo.O funeral será realizado às 10.30 horas, na igreja de Lever/ /Crestuma, dia 14 de junho.A família enlutada agradece todas as manifestações de carinho e apoio neste momento de dor.

Sociedade

Tecnologias e IA: “Os exames são uma clara condicionante à inovação pedagógica”

Entrevista

Cristiana Faria Moreira Texto
Adriano Miranda Fotografia

Marco Bento Investigador em Educação defende que a escola deve ensinar os alunos a usar a Inteligência Artificial

Para o investigador em Tecnologia Educativa e professor na Escola Superior de Educação de Coimbra Marco Bento, as ferramentas de inteligência artificial (IA), como o ChatGPT, ainda não entraram – formalmente – nas salas de aula. E isso preocupa-o sobremaneira. Defende que a escola deve começar desde cedo a educar os seus alunos para a ética de utilização destas ferramentas, para a identificação de fontes, para a honestidade intelectual. Desta forma, acredita que podem ser úteis no processo educativo e ajudar no estudo mais autónomo dos alunos.

Neste processo, Marco Bento, que é também investigador no Centro de Investigação e Inovação em Educação (InED) da Escola Superior de Educação do Politécnico do Porto, admite que o modelo de exames nacionais e todo o caminho que é feito pelos professores, sobretudo no secundário, para preparar os alunos para a prova devem ser revistos. A nova época de exames do ensino secundário arranca hoje.

Tem-se falado muito do uso de ferramentas de IA, como o ChatGPT, por alunos no ensino superior. Os do secundário também já as usam? Como podem ajudá-los no estudo?

Há aqui alguma ingenuidade por parte dos professores, por acharem que os alunos não conhecem estas ferramentas. Na verdade, já conhecem, o que não significa que as usem bem. Estão a usar mal porque estão a usar a IA como se fosse um motor de busca, como se fosse um Google. E a IA não é um Google. O que me parece é que quanto mais cedo colocarmos isso na equação pedagógica, melhor ensinaremos os alunos a tirar o máximo partido daquilo que a IA pode dar, inclusivamente, dos erros que ela nos dá. E ajudaremos [os alunos] a criar melhor conteúdo para que possam estudar mais autonomamente.

A escola devia explorar mais estas ferramentas? Não são demasiados recursos digitais?

A escola debate-se com uma diabolização do digital. E não é em Portugal. É uma coisa global pós-pandemia. A IA é apenas mais um elemento que se junta à equação. E essa é uma falsa questão.

Questionamos várias vezes o uso dos ecrãs, do digital e da IA, mas, na verdade, temos muito digital fora da escola – não na escola. E isso é o que me preocupa. Se é fora da escola, os alunos estão a usar sem qualquer monitorização e controlo. Ninguém faz a ideia do que é que eles estão a fazer. Não estão a ser educados nesse processo de honestidade intelectual, de ética de utilização. Se não começarmos cedo a trabalhar a ética, a identificação de fontes, o que vai acontecer é que não vai ser no secundário que vamos ensinar-lhes. Faz falta ser trabalhado dentro da escola desde cedo.

> **A inovação com tecnologia não acontece à velocidade que gostaríamos por causa dos exames. No 1.º e 2.º ciclos conseguimos já ter muita inovação. Não têm a condicionante de ter um exame**

Como é que as várias ferramentas de IA podem ajudar no estudo dos alunos para os exames?

Para ser muito honesto, não sei se os alunos usam a inteligência artificial para estudar para os exames. Tenho algumas dúvidas porque o exame é uma 'encomenda'. O que grande parte dos alunos está a fazer é a memorizar conteúdo para depois entregar na data do exame. Pode, eventualmente, ajudar alguns alunos que estão a estudar e, não tendo professor ali, podem usar a IA como “tutor” *online*. Imagino que os alunos usem mais estas ferramentas para, por exemplo, fazer trabalhos.

No caso dos trabalhos, os alunos tratam pouco a informação que obtêm dessas ferramentas? Há o risco de entregarem trabalhos que são cópias integrais ou quase integrais dessa informação?

É isso mesmo. Que não é nada diferente em relação àquilo que se fazia há 20 ou 30 anos. Os alunos sempre copiaram ao longo da história. Se, por um lado, hoje se copia facilmente, por outro lado, também se detecta mais facilmente.

Como é que isso se pode alterar?

A questão parece-me que tem a ver com o tipo de trabalho que é pedido. Grande parte dos professores ainda não percebeu que, se continuar a pedir um trabalho apenas para validar produto, vai continuar a haver plágio. Se pedir um trabalho e der *feedback* constante na aula, se ajudar o aluno a trabalhar com estas ferramentas, se questionar sobre cada etapa do trabalho, vai detectando onde o aluno está a errar e tem mais elementos da avaliação, em vez de só validar um produto final. Dá muito trabalho? Dá, porque isso implica mudar a gestão de uma aula. Deixa de ser uma aula clássica, onde exponho e transmito conteúdo, e passa a ser uma aula muito mais prática. É uma mudança de paradigma. E por isso é que é tão contestado, porque obriga o corpo docente a ter de se redefinir enquanto corpo docente. Deixa de poder trabalhar como trabalhava, deixa de poder avaliar como avaliava.

O uso destas ferramentas não acaba por prejudicar o pensamento crítico? No fundo, dá-lhes uma resposta imediata...

Depende do tipo de exercício que fazemos. Não se deve usar o ChatGPT para ir procurar uma resposta objectiva. Para isso vamos ao Google. E os alunos estão a usar a IA para questões como esta. Na verdade, estão à espera de uma resposta imediata porque aquilo que a escola pergunta é muito objectivo.

A escola tem de criar questões que impliquem relacionar, interpretar. A comparação que fiz há um tempo foi que a IA é como se estivéssemos a conversar com todos os professores catedráticos do mundo. O que tenho à minha frente é a possibilidade de criar diálogo. E é isso que tem que ser estimulado. O diálogo implica interpretar. O sentido crítico é desenvolvido pelo tipo de exercício que o professor cria.

Com o crescimento destas plataformas e ferramentas, antevê mudanças na forma como os exames são elaborados?

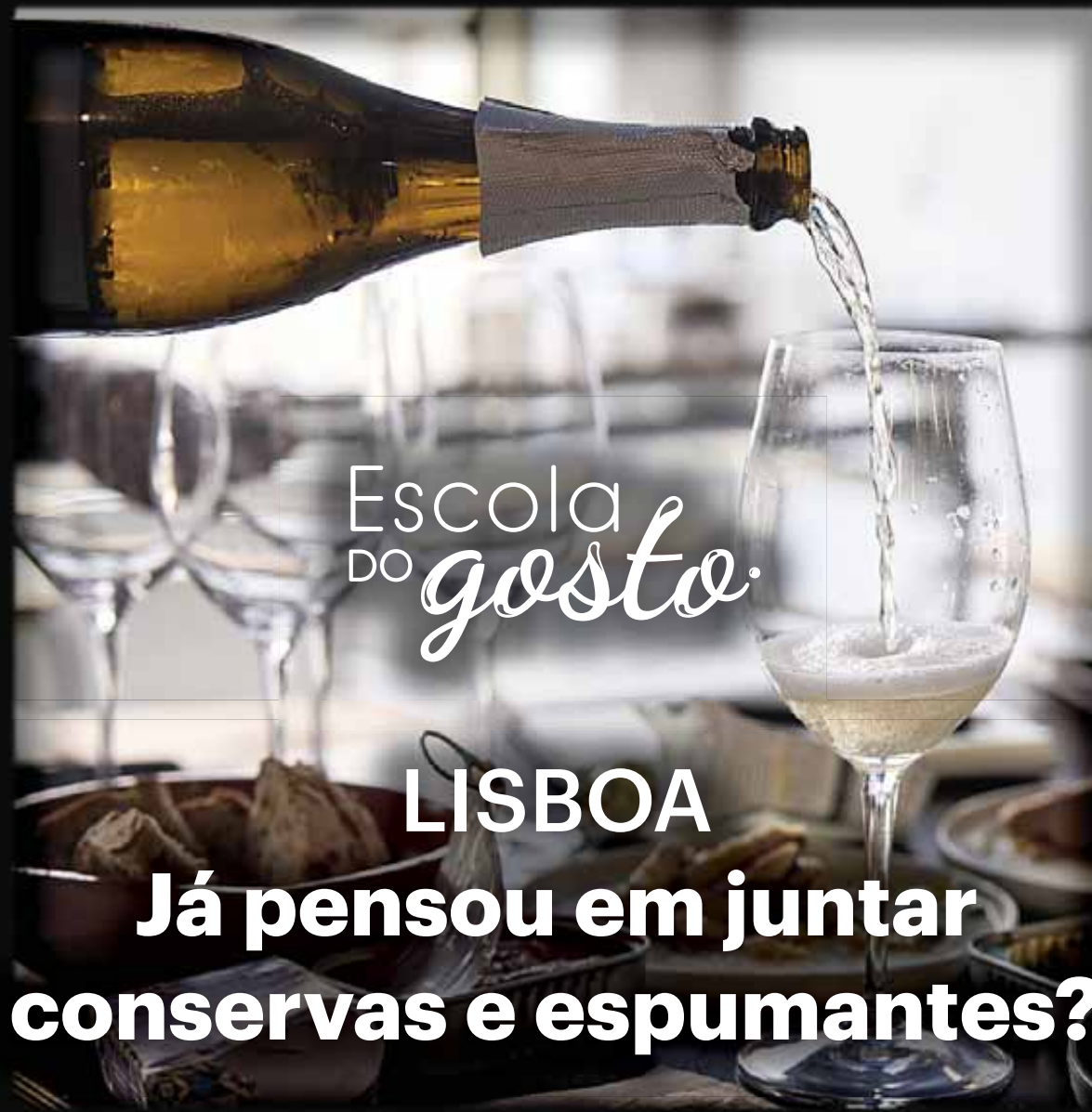
A mim, parece-me que o problema da inovação pedagógica e da inovação com tecnologia não acontece à velocidade que gostaríamos, por causa dos exames. Os exames são uma clara condicionante para a alteração da metodologia pedagógica dos professores. Quando trabalho com professores do 1.º ou do 2.º ciclo, eventualmente do 3.º, embora aí comece a ser um bocadinho diferente, conseguimos já ter muita inovação. Temos escolas onde os professores trabalham por projecto, através de narrativas digitais, de aprendizagem invertida, com diferentes modelos pedagógicos. Conseguem-no porque não têm a condição de ter um exame no final de ciclo.

No caso do secundário é diferente, embora haja professores que conseguem fazê-lo. Mas, vêem-se condicionados porque há aquele objectivo final. Todo o trabalho de Setembro para lá é trabalhar a treinar para um exame.

O exame é um problema porque condiciona essa inovação. Se retirássemos esse peso do exame, libertaríamos os professores para uma maior flexibilidade, porque o exame é condicionante da sua pedagogia e da forma como ensinam.

O que é que deve mudar?

A forma de acesso ao ensino superior deveria também depender das próprias universidades. O ensino superior devia responsabilizar-se mais. Claro que o ensino superior também não quer isso porque nos dá algum trabalho. O desfasamento entre o secundário e o ensino superior é muito grande.

Devíamos estar todos um bocadinho mais próximos neste processo de selecção. Esse ponto alteraria a pressão que os professores do secundário também têm e faria com que o tipo de trabalho a fazer com os alunos pudesse ser um bocadinho mais inovador.

Conselho superior questiona novo tribunal para imigração

Ana Henriques
e Joana Gorjão Henriques

Órgão que governa tribunais administrativos e fiscais diz que a competência é sua e que não foi informado da ideia

O Conselho Superior dos Tribunais Administrativos e Fiscais diz nunca ter sido informado sobre a criação de um tribunal para processos de imigração e asilo. E questiona a sua constitucionalidade.

Soube-se na passada semana que por iniciativa do Conselho Superior da Magistratura (CSM), que é o órgão que superintende aos chamados tribunais comuns, o Governo aceitou e vai promover um tribunal dedicado exclusivamente a este tipo de questões, que até agora eram tratadas nos tribunais administrativos. O nome proposto foi Tribunal da Imigração e Asilo, mas não é certo que venha a ser essa a sua designação.

Questionado pelo PÚBLICO, o conselho que superintende por seu turno aos tribunais administrativos e fiscais recorda que a Constituição atribui a um tribunal seu, o Administrativo do Círculo de Lisboa, a competência para julgar os processos judiciais relacionados com os pedidos de autorização de residência (pedidos relacionados com os procedimentos de entrada, permanência, saída e afastamento de cidadãos estrangeiros do território português, bem como o estatuto de residente de longa duração), assim como os pedidos de asilo.

"Enquanto órgão colegial, o Conselho dos Tribunais Administrativos e Fiscais nunca teve qualquer informação concreta sobre a criação de um tribunal para processos de imigração e asilo, nem ponderou a criação deste tribunal com 'competência híbrida'", declara este órgão. "Apenas a sua presidente teve conhecimento da ideia de criação de uma 'estrutura jurisdicional' para tratar destas matérias que são da competência dos tribunais da jurisdição administrativa e fiscal, não tendo ainda conhecimento de qualquer proposta concreta, para que a possa analisar, nomeadamente em termos de constitucionalidade, e dar os contributos que vier a ter por convenientes", acrescenta.

De acordo com dados fornecidos por este órgão, o Tribunal Administrativo do Círculo de Lisboa tem neste momento pendentes 7387 processos relativos a esta matéria, mais de metade dos quais são pedidos de intimação judicial apresentados pelos estrangeiros para que a Agência para a Integração, Migrações e Asilo decida se lhes atribui ou não autorizações de residência.

"Só no corrente mês, até 6 de Junho, entraram mais 265 destes processos. Por outro lado, desde 1 de Janeiro até 6 de Junho, deram entrada 210 processos de asilo, dos quais foram já decididos 109, encontrando-se pendentes 101. O tempo médio de decisão destes processos de asilo foi de 43 dias", refere o mesmo conselho, acrescentando que desde Fevereiro que tem quatro juízes a trabalhar em exclusivo nestes casos, que entretanto passaram a cinco. "A partir de 1 de Setembro de 2024 poderão ser colocados, pelo menos, mais quatro juízes para trabalhar nestes processos", antecipa o mesmo órgão.

Segundo um vogal do CSM, Tiago Pereira, a ideia é que este tribunal, que será criado em Lisboa e possivelmente noutra cidade mais tarde, tenha competências exclusivas "em tudo o que respeita a imigração e asilo, desde a detenção e expulsão de migrantes aos processos relativos aos menores não acompanhados (ou acompanhados por pessoas que não se sabe se são familiares), terminando nos processos administrativos de asilo e autorização de residência (próprios dos tribunais administrativos)". Isto, diz, permitiria garantir melhor comunicação entre os vários juízes envolvidos, uma vez que a competência actual é distribuída por juízos de Pequena Instância Criminal, Família e Menores e tribunais administrativos.

Contactado para se pronunciar sobre as dúvidas levantadas pelo Conselho dos Tribunais Administrativos e Fiscais, o CSM remeteu-se ao silêncio.

ADRIANO MIRANDA

Na falta de resposta da AIMA, imigrantes têm recorrido aos tribunais

Um em cada quatro reclusos tem mais de 50 anos

Ana Cristina Pereira

Relatório anual do Conselho da Europa torna a mostrar sobrelotação em diversos países. Em Portugal problema persiste

O envelhecimento da população acelera para lá dos muros da prisão. No início do ano passado, uma em cada quadro pessoas em Portugal privadas de liberdade tinha 50 ou mais anos, revela o último relatório anual do Conselho da Europa.

O inquérito SPACE I é o único instrumento comparativo dos sistemas penitenciários europeus. E a tendência é global. A 31 de Janeiro de 2023, a idade média das pessoas encarceradas situava-se nos 38 anos. As médias mais altas foram reportadas pela Sérvia (50), Geórgia (44), Itália (43), Portugal (41), Espanha (41), Espanha/Catalunha (40), Estónia (40), Albânia (40), República Checa (40) e Noruega (40).

Naquela data, 15% das pessoas encarceradas contavam entre os 50 e 64 anos. A Itália era o país com a maior proporção de reclusos nessa faixa etária (24%), seguida de Eslováquia (24%), Macedónia do Norte (21%), Portugal (21%) e Espanha (19%). Outros cerca de 3% tinham 65 anos ou mais. Neste parâmetro, Portugal registava 4%.

Tudo somado, em Portugal, 24,9% das pessoas privadas de liberdade tinham 50 ou mais anos. Esse é o limiar etário considerado pelos estudiosos do envelhecimento nas prisões, admitindo que atrás das grades as pessoas ficam sujeitas a processos vários que aceleram o envelhecimento.

O relatório mostra ainda que, comparando com o ano anterior, registou-se um aumento das taxas de encarceramento em diversos países, com destaque para a República da Moldávia (+52,1%). "Pelo segundo ano consecutivo, a taxa global da população prisional europeia cresceu ligeiramente", sublinhou Marcelo Aebi, chefe da equipa SPACE da Universidade de Lausanne, citado no comunicado do Conselho da Europa. "Ainda poderá ser um efeito de recuperação da redução registada nos anos de pandemia", diz. Em Portugal, a subida foi pequena o suficiente (+3,5%) para os autores terem encaixado o país na categoria de população prisional estável.

A superlotação continua a ser "um desafio importante" em vários países, diz o Conselho da Europa

A superlotação continua a ser "um desafio importante". No princípio de 2023, "sete administrações penitenciárias reportaram uma densidade prisional superior a 105 reclusos por 100 vagas, um indicador de sobrelotação grave". Chipre (166), Roménia (120), França (119), Bélgica (115) lideram. Embora o sistema prisional de Portugal, de um modo geral, não esteja numa situação de sobrelotação, há prisões onde a situação persiste. No final de 2023, era o caso, por exemplo, de Porto, PJ de Lisboa, Pinheiro da Cruz e Braga.

Administração do Hospital de Viseu demite-se

Marta Sofia Ribeiro

O Conselho de Administração da Unidade Local de Saúde (ULS) de Viseu Dão-Lafões apresentou ontem a sua demissão em bloco, alegando "quebra de confiança política" por parte da ministra da Saúde. A demissão surge depois de Ana Paula Martins ter dito no Parlamento que "não é aceitável ter em Janeiro hospitais com profissionais já com o valor de horas extras anuais obrigatórias atingido". Considerando que as lideranças em saúde são "fracas", a governante afirmou que "tem de haver escrutínio, tem de haver avaliação de desempenho para os gestores".

Numa carta enviada aos profissionais da ULS, à qual o PÚBLICO teve acesso, a administração apontou que "as recentes declarações públicas da senhora ministra da Saúde, em sede de audição parlamentar ocorrida no dia de ontem [quarta-feira], constituem uma manifesta quebra de confiança política na actual equipa do órgão de gestão" da unidade.

Os administradores demissionários sublinharam os esforços da equipa que, apesar das "insuficiências de recursos e as limitações da autonomia de gestão", "nunca se esquivou aos problemas". A equipa diz sair de "consciência tranquila" e afirma que apresenta a demissão "para facilitar a transição para uma nova equipa" que lidere a instituição "em condições de perfeita articulação com a tutela".

Na quarta-feira, em audição parlamentar, a ministra afirmou: "Porque é que temos hospitais, e não vou dizer qual, que em Janeiro já tinham pediatras a entregar o papel das 150 horas e das 250 horas? E não aconteceu nada? Não se fez nada? E achou-se normal que isto acontecesse? E estiveram até agora à espera que fechasse a urgência de pediatria? Isso são bons líderes? Não, não são." Ana Paula Martins disse que não basta "que os administradores, sejam eles quem forem, venham dizer que não têm condições".

A administração da ULS de Viseu Dão-Lafões activou em 1 de Março o plano de contingência, por falta de médicos, que implicou o encerramento exterior das urgências pediátricas de sexta-feira a domingo no período nocturno. A 21 de Maio, anunciou que ia fechar a urgência pediátrica durante as noites de Junho, por não ter pediatras suficientes. **Com Lusa**

O futuro do Aleixo terá novas torres de habitação, mas para outros moradores

Encosta do antigo bairro vai ter 13 prédios, um dos quais com 21 pisos, e apenas uma fracção de casas a custos controlados. É uma "substituição social", diz sociólogo que acompanhou desmantelamento

Camilo Soldado Texto
Tiago Bernardo Lopes Fotografia

Jorge Amaral diz que até nem tem muitas razões de queixa. Habitou o 13.º andar da torre cinco do Bairro do Aleixo durante 25 anos e foi transferido para a vizinha Pasteleira Nova quando o estigmatizado complexo foi demolido. "Há moradores que ficaram tristes", recorda, perderam a sua comunidade, espalhada que foi por vários pontos de habitação camarária do Porto, mas o estivador de 54 anos ficou pelas redondezas. Isso acabou por amortecer o choque da mudança.

"Nós nunca vamos voltar às nossas origens. Estamos espalhados e aquilo não vai ser um bairro social", comenta, quando a pergunta é sobre os planos da autarquia para o futuro do Aleixo. Sem bairro, cujas cinco torres de 13 pisos foram demolidas entre 2011 e 2019, sobrou uma mancha de 66,5 mil metros quadrados.

Para esse vazio, hoje uma espécie de prado pontuado por árvores que cobre a encosta em direcção ao rio, a autarquia tem planos. Na quarta-feira, em reunião de executivo, a Câmara Municipal do Porto aprovou a abertura da discussão pública da Unidade de Execução do Aleixo.

Entre os 13 edifícios previstos (a maioria para habitação, uma franja para casas a custos controlados), haverá cinco torres: três com 12 pisos, uma com 14 e outra com 21 pisos.

A área bruta de construção prevista na Unidade Operativa de Planeamento e Gestão (UOPG) do Aleixo é de perto de 80 mil metros quadrados. Na reunião de executivo, o presidente da autarquia, Rui Moreira, e o seu vereador do urbanismo, Pedro Baganha, apresentaram a ideia de construção em altura como a única opção que permitiria deixar área livre para a criação de uma área verde pública que permite também criar bacias de mitigação de cheias.

"Não estamos habituados em Portugal, pelo menos no Porto, a construção em altura, mas alguns dos bairros mais qualificados têm índices construtivos superiores e têm construção em altura", disse Pedro Baganha, em resposta a uma questão levantada pela vereadora da CDU, Ilda Figueiredo. Como exemplo, o vereador apontou o conjunto

Plano prevê construção de cinco torres (uma com 21 andares) nos terrenos do antigo bairro camarário

"Desfez-se uma fortaleza para se fazer outra", diz o arquitecto Paulo Moreira

do Foco, com área verde ao centro e construção em redor.

"Substituição social"

"Esse é um argumento que se usava a meio do século XX, o de libertar terreno. Sabemos em que é que isso resultou: em guetos de fazer cidade que cortam com o que está à volta", refere o arquitecto Paulo Moreira, que sublinha que não conhece ainda o plano em detalhe.

Esse é um dos argumentos avançados para demolir as cinco torres de 13 andares do velho Aleixo. "Dizia-se que era uma fortaleza, que quebrava os laços com a vizinhança", recorda. "Desfez-se uma fortaleza para se fazer outra." A construção em altura não é uma inevitabilidade, depende do modelo de cidade que se escolha. "É possível fazer o mesmo número de fogos com maior densidade e menor altura", reforça.

A proposta aprovada "não é vinculativa", mas já será próxima do modelo final, disse o vereador de Moreira, o presidente que, quando chegou à autarquia, em 2013, herdou este processo iniciado por Rui Rio. As soluções do plano que vai agora a consulta pública tiveram de ser negociadas com os proprietários das parcelas privadas, mas também com os representantes do Invesurb, o Fundo Especial de Investimento Imobiliário Fechado concebido em 2010 para gerir o projecto do Bairro do Aleixo.

O sociólogo João Queirós acompanhou de perto o desmantelamento do bairro até 2019 e refere que este foi um caso de "determinismo ecológico", seguindo um princípio segundo o qual "um problema social tem uma causa física", logo, a intervenção ataca essa "suposta causa física". "Mas sabemos que os problemas sociais se resolvem com respostas sociais. Demolindo um edifício, dispersando as pessoas, desalojando-as, não estamos a fazê-lo", considera.

O fim do Aleixo não significou o problema do consumo e tráfico de droga, que continua empurrado de bairro em bairro. João Queirós diz que há uma certa ironia na solução em altura, que não servia pobres, mas já serve a classe média-alta.

Acresce que no velho Aleixo cabiam 320 famílias. Ao todo, estima Pedro Baganha, os novos edifícios terão "menos de 500 fogos", dos quais 140 a 150 vão alimentar o programa de arrendamento acessível da CMP.

João Queirós fala num processo que prossegue a "diminuição do *stock* habitacional de iniciativa e gestão pública" (de 320 para 150, na melhor das hipóteses), uma perda que se soma à transformação de um terreno público em espaço privado.

Assim, o plano que desenha o futuro do bairro vai consumar uma "substituição social", diz o autor do livro *Aleixo. Génese, (des)estruturação e Desaparecimento de um Bairro do Porto* (Afrontamento, 2018). Este processo, considera o sociólogo, é um caso exemplar do "mau funcionamento das políticas de habitação social".

O que quer que ali se construa, que ajude a resolver um problema que não desapareceu com a demolição das torres, comenta um dono de um café que há dez anos mantém as portas abertas nas redondezas. Fala da droga e do tráfico, que se espalhou, descreve, pedindo que o nome não apareça no jornal, por receio. E explica o raciocínio: "Vão fazer o empreendimento para pessoas com dinheiro, que são mais ouvidas que nós, que podemos mandar cartas, fazer manifestações e nada tem efeito."

Para já, o que está em cima da mesa é um plano, algo que vai balizar os projectos mais específicos que serão depois desenhados. Quando se passar a esse pormenor, defende Paulo Moreira, "seria interessante que se preservasse de alguma forma a memória daquele lugar".

Esse elemento, sugere, é a bancada que servia o ringue do Aleixo. A única estrutura que sobreviveu à demolição poderia ser o "elemento simbólico que lembra a história do bairro, que faria com que o espaço público fosse verdadeiramente de todos e para que as pessoas ainda tivessem alguma ligação ao terreno".

Parte dessa ligação ainda é alimentada pela Associação de Promoção Social da População do Bairro do Aleixo, que mantém um ATL e jardim de infância em actividade, agora em instalações da autarquia. Algumas das crianças que frequentam as escolas alojadas numa das margens da Rua Diogo Botelho já não têm memória do bairro, mas são filhas e netas de quem lá viveu.

O presidente da direcção, José Renato Sousa, regista a inclusão de habitação a custos controlados como um ponto positivo no plano, mas fala também da necessidade de preservar "a memória do bairro". A manutenção da bancada do ringue e a sua integração na zona verde era uma "oportunidade" de o fazer.

A julgar pelos desenhos avançados pela autarquia, ainda não é certo que mesmo o último vestígio do velho Aleixo sobreviva a um processo mais vasto de substituição.

Cimeira do G7 para reforçar o Leste da Europa

Líderes ocidentais com desafios internos procuram soluções para a guerra na Ucrânia durante encontro em Itália

Ivo Neto

Os líderes do G7 iniciaram a sua cimeira anual, ontem. Se a anfitriã, a primeira-ministra italiana Giorgia Meloni, vive ainda na ressaca do grande resultado eleitoral das europeias de domingo, entre os convidados que chegaram a Itália, o ambiente é mais sombrio, com desafios internos difíceis de superar, mas, para já, com resultados positivos ao nível da política externa. Na agenda está a guerra da Ucrânia, sendo que já foi alcançado um princípio de acordo sobre o mecanismo de concessão de uma nova assistência financeira à Ucrânia utilizando os proveitos gerados pelos juros dos activos imobilizados. Os EUA assinaram também um acordo de segurança de dez anos que protege a relação entre Washington e Kiev de uma possível vitória de Trump nas eleições de Novembro.

Num encontro agendado para dois dias, foi alcançado um acordo de princípio sobre a emissão de 50 mil milhões de dólares (cerca de 46 mil milhões de euros) de empréstimos à Ucrânia, utilizando o proveito gerado pelos juros dos activos soberanos russos congelados depois de Moscovo ter lançado a invasão do país vizinho em 2022. "O G7 concordou em conceder à Ucrânia empréstimos no valor de cerca de 50 mil milhões de dólares até ao final do ano", disse, na rede social X, Ursula Von der Leyen. "Isto tem por base a acção UE, onde já estamos a direccionar estes lucros inesperados para a defesa e reconstrução da Ucrânia", explicou ainda a presidente da Comissão Europeia.

Prevê-se que o empréstimo seja reembolsado com o proveito dos juros obtidos com os 300 mil milhões de dólares de activos russos congelados, que se encontram, na sua maioria, em bancos europeus, explica o jornal *El País*. O *The New York Times* mantém, ainda assim, algumas cautelas, explicando, por exemplo, que continuam a existir divergências sobre a forma como a dívida seria garantida se os activos fossem devolvidos ou se as taxas de juro caíssem.

Ao final do dia, numa conferência de imprensa ao lado de Joe Biden, o Presidente ucraniano, Volodymyr Zelensky, congratulou-se pela decisão. "É um passo vital para a prestação de apoio sustentável à Ucrânia", disse o líder ucraniano. "As medidas adoptadas pelo G7 criarão uma base mais sólida para o êxito da Ucrânia", respondeu, por seu lado, Joe Biden.

A porta-voz do Ministério dos Negócios Estrangeiros russo, Maria Zakharova, reagiu prontamente, explicando que as tentativas do Ocidente de retirar o rendimento dos activos russos congelados eram criminosas e levariam a uma resposta de Moscovo que seria muito dolorosa para a União Europeia.

"Há muito trabalho a fazer, mas estou certo de que nestes dois dias conseguiremos ter discussões que conduzirão a resultados concretos e mensuráveis", disse a primeira-ministra italiana, Giorgia Meloni, aos seus convidados do G7.

Ambientes diferentes

Enquanto Meloni segue em alta depois de ter vencido as eleições europeias do fim-de-semana, alguns dos líderes das outras seis nações – Estados Unidos, Japão, França, Alemanha, Reino Unido e Canadá – enfrentam grandes problemas internos que correm o risco de minar a sua autoridade.

O Presidente dos EUA, Joe Biden, enfrenta uma batalha difícil para ganhar a reeleição em Novembro, com as principais sondagens a darem a vitória a Donald Trump. O primeiro-ministro britânico, Rishi Sunak, deve perder as eleições nacionais do próximo mês – os trabalhistas surgem com mais 20 pontos nas últimas sondagens e o Presidente francês, Emmanuel Macron, dissolveu o parlamento do seu país no domingo, depois de o seu partido ter sido derrotado nas eleições europeias.

Todos sorriram ao cumprimentar Meloni, sob um sol abrasador, à entrada da estância de Borgo Egnazia, descreve a agência Reuters, onde passarão os próximos dois dias em sessões que serão abertas a uma série de outros líderes, incluindo o Papa Francisco.

YARA NARDI/REUTERS

Joe Biden, Ursula von der Leyen, Justin Trudeau, Emmanuel Macron, Fumio Kishida, Rishi Sunak e Olaf Scholz, no primeiro dia da cimeira do G7

> **Foi alcançado um acordo de princípio sobre a emissão de 50 mil milhões de dólares (cerca de 46 mil milhões de euros) de empréstimos à Ucrânia**

Segundo o *Washington Post*, o Presidente Biden e o Presidente Zelensky tinham na agenda assinar um acordo de segurança de dez anos que comprometerá Washington a fornecer a Kiev uma vasta gama de assistência militar, escudando a colaboração entre os dois países da eventual eleição de Donald Trump em Novembro.

"Queremos demonstrar que os EUA apoiam o povo da Ucrânia, que estamos ao seu lado e que continuaremos a ajudar a responder às suas necessidades de segurança, não só amanhã, mas também no futuro", tinha dito Jack Sullivan, Conselheiro de Segurança Nacional dos Estados Unidos, aos jornalistas, ainda no Air Force One durante a viagem para Itália.

O acordo não obriga os EUA a enviarem tropas para defender a Ucrânia, mas compromete os EUA a desenvolver consultas de alto nível com Kiev no prazo de 24 horas se a Ucrânia for novamente alvo de um ataque de grande escala, explica o jornal norte-americano. Os Estados Unidos também continuarão a treinar as Forças Armadas da Ucrânia, aprofundarão a cooperação na produção da indústria de defesa e partilharão mais informações do que actualmente.

No final da conferência de imprensa, Zelenksy disse que o acordo entre os dois países "é um dia histórico". "Estou orgulhoso do nosso povo e do que a Ucrânia é capaz de fazer. E estou muito grato a todos os americanos, a toda a gente na América", referiu.

Reunião dos ministros da Defesa da NATO

Ucrânia pede mais apoio, aliados da NATO dizem que está a resultar

Rita Siza, Bruxelas

Stoltenberg criticou atrasos na entrega do material militar à Ucrânia, que ajudaram nos avanços da Rússia em Karkhiv

O secretário-geral da NATO, Jens Stoltenberg, lançou, ontem, um novo alerta contra as "lacunas" e os "atrasos" na prestação do apoio militar prometido pelos aliados ocidentais à Ucrânia, e que "poderia ter feito a diferença no campo de batalha" para suster a ofensiva das forças da Rússia na região de Kharkiv e ao longo da fronteira Leste do país.

"É uma das razões pelas quais os russos estão agora a conseguir avançar e a ocupar efectivamente mais terreno na Ucrânia", justificou o líder da NATO, insistindo que o Governo de Kiev, que aguardava há meses pela entrega de novas capacidades de defesa e mais munições, "precisa de previsibilidade, e também de mais responsabilidade" dos seus aliados para aguentar uma guerra de atrito.

Ao apelo de Stoltenberg, seguiu-se o do ministro ucraniano da Defesa, Rustem Umerov, que, à chegada ao quartel-general da NATO para reuniões sucessivas do Grupo de Contacto para a Defesa da Ucrânia e do Conselho NATO-Ucrânia, repetiu que o seu país tem "necessidade urgente" de sistemas de defesa antiaérea do tipo Patriot (no mínimo sete, apontou) e de capacidades de artilharia.

Vários aliados corresponderam ao apelo e fizeram novos anúncios – foi o caso do Canadá, que se comprometeu a entregar uma grande quantidade de *rockets*; da Noruega, Dinamarca e Países Baixos, que juntos estão a "montar" baterias antiaéreas; da Itália, que disponibilizou um sistema avançado SAMP/T, ou da Alemanha, que já forneceu três sistemas Patriot e, segundo confirmou o ministro da Defesa, Boris Pistorius, está agora a negociar a entrega de mísseis e sistemas de radar.

Da parte do secretário da Defesa dos Estados Unidos, Lloyd Austin, veio uma palavra de confiança – antes de mais na capacidade das forças ucranianas em "fazer bom uso" de todo o equipamento que começa a chegar em maior quantidade ao país, e depois no efeito que a mudança da postura dos aliados, que levantaram a restrição ao uso deste armamento em ataques contra alvos militares dentro do território russo, já teve no teatro de guerra.

"O que estamos a ver é um abrandamento dos avanços da Rússia e uma estabilização dessa frente de guerra. E a partir de agora, penso que veremos ganhos incrementais", disse, falando concretamente da região à volta de Karkhiv. "Os ucranianos fizeram bom uso das armas e munições para fortificar as suas posições defensivas, e à medida que chegarem mais, vão ficar ainda mais fortes", estimou.

Segundo o ministro da Defesa, Nuno Melo, "há uma noção de que as dificuldades para a Rússia começam a aumentar, e [os apoios dos] aliados para esse efeito também continuam a aumentar", revelou, considerando que a conjugação "de uma coisa e outra desejavelmente poderá significar más notícias para a Rússia e melhores notícias para a Ucrânia".

Desta vez, o Governo não avançou nenhuma promessa de contribuir com novos equipamentos militares para o esforço de guerra da Ucrânia. "À sua escala, Portugal tem contribuído financeiramente [por exemplo para a aquisição conjunta de munições] e está em várias coligações de capacidades", aéreas, marítimas e terrestres, salientou Nuno Melo, que na sua estreia em reuniões ministeriais da NATO, assinou com o congénere ucraniano um protocolo para a formação, em território nacional, de militares daquele país "no desempenho de artilharia em carros de combate". O treino poderá arrancar imediatamente, garantiu o ministro.

A reunião dos ministros da Defesa da NATO prossegue hoje: a um mês da cimeira comemorativa do 75.º aniversário da Aliança Atlântica, em Washington, o secretário-geral ainda está a ultimar a agenda de trabalhos. As atenções estão focadas na questão do apoio à Ucrânia. "Teremos de chegar a acordo quanto ao plano da NATO para a assistência e formação em matéria de segurança para a Ucrânia, que seja combinado com um compromisso financeiro de longo prazo, de forma a garantir um quadro mais sólido de assistência militar", afirmou Stoltenberg.

Aliados da NATO comprometeram-se a enviar mais armas para a Ucrânia

OLIVIER HOSLET/EPA

Rustem Umero e Jens Stoltenberg no encontro da NATO

Líder do partido francês Os Republicanos rejeita demitir-se

João Ruela Ribeiro

Éric Ciotti foi afastado depois de ter apoiado publicamente um acordo para as legislativas com a extrema-direita

Éric Ciotti apoia uma coligação com a extrema-direita

As ondas de choque do resultado das eleições europeias em França, ganhas pela União Nacional de extrema-direita, continuam a ser sentidas e deixaram o partido conservador Os Republicanos em clima de crise interna.

A direita francesa vive um período de enorme turbulência e adivinha-se uma guerra civil nas suas fileiras. Na quarta-feira, numa reunião da comissão executiva d'Os Republicanos marcada de urgência, num local fora da sede nacional do partido, foi decidido o afastamento do presidente Éric Ciotti.

No entanto, o líder partidário contestou a decisão e apresentou um recurso judicial junto de um tribunal parisiense, dizendo que a sua demissão "não faz qualquer sentido" e que a reunião da direcção decorreu em "flagrante violação" dos estatutos.

Ontem, Ciotti foi filmado a entrar na sede d'Os Republicanos. "Sou presidente do partido e vou ao meu escritório", afirmou em declarações à imprensa.

O partido conservador implodiu depois de Ciotti ter dito publicamente que apoia um entendimento com a extrema-direita para as eleições legislativas convocadas pelo Presidente Emmanuel Macron para 30 de Junho – a antecipação das eleições foi, por sua vez, uma resposta do chefe de Estado à vitória da União Nacional de Marine Le Pen nas eleições europeias de domingo.

A decisão de Ciotti representa uma viragem histórica na política francesa, em que houve sempre uma recusa das famílias políticas moderadas em coligar-se ou apoiar a extrema-direita.

O anúncio de Ciotti foi extremamente mal recebido por parte considerável dos líderes partidários, acusando-o de estar a violar os princípios d'Os Republicanos. Uma nova reunião da comissão política do partido foi convocada para sexta-feira para voltar a validar a demissão de Ciotti.

O tribunal parisiense junto do qual o ainda líder conservador apresentou o recurso irá pronunciar-se esta manhã e uma decisão favorável a Ciotti poderá aprofundar ainda mais as divisões internas no partido.

Descrevendo a crise no partido gaulista como "um espectáculo angustiante", a senadora d'Os Republicanos, Agnès Évren, disse ao France 24 não saber o que "irá acontecer agora". "Quando se põem os cargos à frente dos princípios, isso não honra a política", declarou.

Entretanto, as movimentações nos restantes quadrantes políticos continuam. Depois de ter anunciado a reedição da Frente Popular, a esquerda quer voltar a mostrar a sua força nas ruas.

Para este fim-de-semana foram convocadas manifestações pelos partidos e por cinco confederações sindicais para demonstrar repúdio pela perspectiva de uma maioria de extrema-direita na Assembleia Nacional após as eleições antecipadas. Em Paris, esperam-se entre 50 e cem mil pessoas na manifestação de sábado, segundo a direcção da polícia da capital francesa.

As negociações para a criação de um programa político comum que una toda a esquerda estão em curso, mas podem ter embatido num primeiro obstáculo.

Segundo o *Libération*, há desentendimentos quanto à classificação da natureza do ataque do Hamas em Israel, a 7 de Outubro de 2023. No passado, o líder da França Insubmissa, Jean Luc Mélenchon, chegou a rejeitar classificar o ataque como um acto terrorista e equiparou o Hamas a Israel.

Na fronteira entre Israel e o Líbano, desenrola-se uma guerra em câmara lenta

Steve Hendrix e Mohamad El Chamaa

Israel está sob crescente pressão para permitir que mais de 60 mil civis deslocados regressem às suas casas no Norte do país

As aldeias de montanha e os vales ondulantes ao longo da fronteira de Israel com o Líbano já parecem uma zona de guerra. Os estrondos de *rockets* e *drones* interceptados agitam regularmente o ar. O ritmo dos ataques do Hezbollah e de Israel aumentou de diário para quase de hora a hora. "Todas as semanas se tornam mais frequentes e mais intensos", disse Liron, o vice-comandante de um esquadrão do Exército que se amontoou num abrigo durante um alerta de ataque aéreo, na quinta-feira da semana passada. Estavam abrigados a menos de três quilómetros da fronteira libanesa, num acampamento que utilizavam há meses, no que tinha sido um campo de futebol.

A sua localização não era segredo. Um dia antes, dois ataques certeiros de *drones* do Hezbollah tinham destruído uma das suas três casernas de lona, matando um soldado e ferindo uma dúzia de outros. As paredes de um abrigo antibomba, onde o médico da unidade tinha lutado para salvar o braço de uma jovem reservista, ainda estavam salpicadas de sangue."Não houve qualquer aviso", disse Liron no *bunker* sufocante. "Foi só um estrondo."

A maior parte dos seus combatentes veio para norte depois de terem estado destacados em Gaza. Agora, fazem parte da crescente força israelita que protege a fronteira, à espera de um segundo conflito em grande escala que, a cada dia que passa, parece mais inevitável.

"O nevoeiro da guerra está a crescer à nossa volta", diz Liron, enquanto mais explosões ecoam nas colinas. "A situação não é suportável."

Israel travou duas guerras , em 1996 e 2006, com o Hezbollah – o grupo militante alinhado com o Irão que é a força militar e política mais dominante no Líbano – e os dois lados têm trocado fogo desde os ataques do Hamas, a 7 de Outubro. O Hezbollah afirmou que não vai parar de lutar enquanto não houver um cessar-fogo em Gaza.

Com o recrudescimento dos ataques transfronteiriços, os responsáveis israelitas de todo o espectro político tornaram-se mais expressivos quanto à sua vontade de fazer recuar o Hezbollah da fronteira.

Herzi Halevi, o comandante máximo das Forças de Defesa de Israel (IDF, na sigla em inglês), disse na semana passada que a decisão de lançar um ataque em grande escala estava próxima. Os negociadores norte-americanos estão a tentar evitar uma escalada, mas Israel está sob crescente pressão interna para travar os ataques do Hezbollah e permitir que mais de 60 mil civis deslocados regressem às suas casas, depois de oito meses a viver em hotéis e abrigos em todo o país. Uma sondagem realizada pelo diário de língua hebraica *Maariv* revelou que 62% dos israelitas apoiam a ideia de um ataque.

HEIDI LEVINE/FTWP

Tanques israelitas estacionados na fronteira de Israel com o Líbano

Hezbollah e Israel já travaram duas guerras em 1996 e 2006. Tensão aumentou depois de 7 de Outubro

Ao anunciar a sua demissão do gabinete de guerra do primeiro-ministro Benjamin Netanyahu no domingo, o moderado Benny Gantz disse que "uma verdadeira vitória" para Israel significaria trazer os residentes do Norte para casa em segurança.

Segundo as autoridades, pelo menos oito civis israelitas e 19 soldados das IDF foram mortos por ataques do Hezbollah. E pelo menos 87 civis e cerca de 300 combatentes do Hezbollah foram mortos em ataques israelitas no Líbano, de acordo com dados compilados pelo *The Washington Post*. De acordo com as Nações Unidas, mais de 94 mil pessoas fugiram das suas casas no país.

Durante meses, o Hezbollah utilizou principalmente *drones* e mísseis antitanque contra alvos próximos da fronteira. Mas em Abril, de acordo com declarações do Hezbollah, passou a usar mísseis Almas 3 de fabrico iraniano, equipados com câmaras que captam imagens em tempo real dos ataques, que são depois divulgadas nas redes sociais. Os seus combatentes usaram pela primeira vez mísseis antiaéreos contra aviões israelitas na semana passada, ainda segundo o grupo.

O secretário-geral da ONU, António Guterres, diz que os combates estão a ficar fora de controlo. "Estas trocas de fogo podem desencadear um conflito mais alargado, com consequências devastadoras para a região."

Exclusivo PÚBLICO/*The Washington Post*

Senado argentino aprova reforma ampla do Estado proposta por Milei, sob protestos violentos

João Ruela Ribeiro

Ao fim de seis meses, e depois de um debate que se prolongou madrugada dentro, o Presidente argentino, Javier Milei, obteve a primeira vitória legislativa do seu mandato, com a aprovação de uma reforma ampla que visa desregular a economia e emagrecer o Estado. A votação no Senado, na quarta-feira, foi acompanhada de enormes protestos nas ruas de Buenos Aires que Milei disse serem uma "tentativa de golpe de Estado".

A vitória obtida por Milei terá tido um sabor agridoce. Dispondo apenas de um senador do partido A Liberdade Avança, o Governo ultraliberal foi forçado a negociar ponto por ponto da sua reforma ambiciosa e pelo caminho teve de abandonar várias das medidas desejadas.

Mesmo com todo o esforço negocial, a reforma obteve um empate 36-36 no Senado que só foi desfeito com o voto da vice-Presidente, Victoria Villarruel, que é também presidente da câmara alta. "Por esses argentinos que sofrem, esperam e não querem ver os seus filhos sair do país, que merecem recuperar o seu orgulho, o meu voto é afirmativo", vincou.

Se inicialmente o Presidente tinha escolhido mais de 40 empresas públicas para serem privatizadas, na versão final do diploma apenas houve acordo para que oito sejam vendidas. De fora ficaram empresas como as Aerolíneas Argentinas, os correios ou a Rádio e Televisão Argentina, por exemplo.

Outras cedências estão relacionadas com medidas ligadas à abolição das reformas antecipadas sem cortes, à interrupção das obras públicas e à dissolução de organismos ligados à ciência e cultura.

O Governo de Milei também incluiu no pacote legislativo a declaração de um estatuto emergencial que lhe permita governar sem recorrer ao Congresso durante um ano, mas as negociações com o Senado reduziram de 11 para quatro as áreas em que isso poderá ser possível.

Apesar dos passos atrás dados por Milei, a aprovação desta reforma motivou protestos maciços em Buenos Aires ao longo de quarta-feira. "A pátria não se vende, defende-se!", gritavam milhares de pessoas que foram marchando pelas ruas próximas do Congresso, que participavam numa manifestação convocada pelos partidos de esquerda e por sindicatos.

Milei acusou manifestantes de serem "terroristas" e de pretenderem levar a cabo um "golpe de Estado"

A meio da tarde, quando a polícia antimotim tentou desocupar parte de uma rua, começaram a estalar os primeiros confrontos com os manifestantes. A polícia usou gás lacrimogéneo e balas de borracha para dispersar a multidão, que respondia atirando pedras e garrafas. Ao todo, foram detidas pelo menos 30 pessoas e houve dezenas de feridos, incluindo deputados da oposição, segundo o *El País*.

"Hoje, o Governo está a declarar guerra ao povo argentino", afirmou a deputada peronista Cecilia Moreau, durante a manifestação. "Já se votaram leis muito controversas, mas nunca aconteceu haver um dispositivo policial - diria até paramilitar - como este", acrescentou.

Logo no início do mandato de Milei, a ministra do Interior, Patricia Bullrich, que foi candidata presidencial da direita tradicional, apresentou um pacote legislativo com medidas mais restritivas do direito à manifestação e ocupação de locais públicos.

Em comunicado, o gabinete de Milei acusou os participantes nas marchas de serem "terroristas" e de terem "tentado perpetrar um golpe de Estado, atentando contra o normal funcionamento do Congresso da nação argentina".

Rua Júlio Dinis, n.º 270, Bloco A, 3.º Piso 4050-318 Porto
Tel. **22 615 10 00**
lojaporto@publico.pt
De seg a sex das 09H às 18H

CLASSIFICADOS

iscte INSTITUTO UNIVERSITÁRIO DE LISBOA

O Iscte – Instituto Universitário de Lisboa pretende recrutar Técnicos(as) Superiores em regime de Contrato Individual de Trabalho.

Para mais informações consultar no dia útil seguinte:
https://www.iscte-iul.pt/conteudos/iscte/quem-somos/trabalhar-no-iscte/1393/concursos

Instituto Português da Qualidade
Ministério da Economia

AVISO

Faz-se público que, autorizado por Despacho do Presidente do Conselho Diretivo do Instituto Português da Qualidade, I.P., (IPQ) de 22 de abril de 2024, se encontra aberto, pelo prazo de 10 dias úteis, a partir do 2.º dia útil a contar da data de publicação no *Diário da República*, 2.ª Série, n.º 111, de 11 de junho de 2024, procedimento concursal para provimento do cargo de direção intermédia de 2.º grau, de Diretor/a da Unidade de Regulamentação e Qualificação de Entidades.
A publicação integral irá ser publicada na Bolsa de Emprego Público (BEP).
11 de junho de 2024.

O Presidente do Conselho Diretivo
João Pimentel

AVISO
AUTO-ESTRADA A8

Devido a trabalhos a efetuar na A8, informa-se que, durante o período compreendido entre 17 de Junho 2024 e 17 de Agosto 2024, existirão condicionamentos na circulação em diversos troços entre o Nó de Torres Vedras Norte e o Nó da Tornada, em ambos os sentidos.
Para minimizar os eventuais incómodos os trabalhos decorrerão maioritariamente em período noturno. Todos os trabalhos estarão devidamente sinalizados.

Respeite a sinalização, viaje em segurança.

Auto-Estradas do Atlântico, SA

Fundada em 1988 pelo Professor Doutor Carlos Garcia, a Associação Portuguesa de Familiares e Amigos de Doentes de Alzheimer - Alzheimer Portugal é uma Instituição Particular de Solidariedade Social. É a única organização em Portugal, de âmbito nacional, constituída há mais de 30 anos especificamente constituída para promover a qualidade de vida das pessoas com demência e dos seus familiares e cuidadores. Tem cerca de dez mil associados em todo o país.
Oferece Informação sobre a doença, Formação para cuidadores formais e informais, Apoio domiciliário, Apoio Social e Psicológico e Consultas Médicas da Especialidade.
Como membro da Alzheimer Europe, a Alzheimer Portugal participa ativamente no movimento mundial e europeu sobre as demências, procurando reunir e divulgar os conhecimentos mais recentes sobre a Doença de Alzheimer, promovendo o seu estudo, a investigação das suas causas, efeitos, profilaxia e tratamentos.

Contactos

Sede: Av. de Ceuta Norte, Lote 15, Piso 3, Quinta do Loureiro, 1300-125 Lisboa
Tel.: 21 361 04 60/8 - E-mail: geral@alzheimerportugal.org
Centro de Dia Prof. Dr. Carlos Garcia: Av. de Ceuta Norte, Lote 1, Loja 1 e 2
Quinta do Loureiro, 1350-410 Lisboa - Tel.: 21 360 93 00
Lar, Centro de Dia e Apoio Domiciliário «Casa do Alecrim»: Rua Joaquim Miguel Serra Moura, n.º 256 - Alapraia, 2765-029 Estoril
Tel. 214 525 145 - E-mail: casadoalecrim@alzheimerportugal.org
Delegação Norte: Centro de Dia "Memória de Mim" - Rua do Farol Nascente, n.º 47A R/C, 4455-301 Lavra - Tel. 229 260 912 | 226 066 863 - E-mail: geral.norte@alzheimerportugal.org
Delegação Centro: Urb. Casal Galego - Rua Raul Testa Fortunato n.º 17, 3100-523 Pombal Tel. 236 219 469 - E-mail: geral.centro@alzheimerportugal.org
Delegação da Madeira: Avenida do Colégio Militar, Complexo Habitacional da Nazaré, Cave do Bloco 21 - Sala E, 9000-135 FUNCHAL
Tel. 291 772 021 - E-mail: geral.madeira@alzheimerportugal.org
Núcleo do Ribatejo: R. Dom Gonçalo da Silveira n.º 31-A, 2080-114 Almeirim
Tel. 24 300 00 87 - E-mail: geral.ribatejo@alzheimerportugal.org
Núcleo do Algarve da Alzheimer Portugal: Urbanização do Pimentão, lote 2, Cave, Gabinete 3, Três Bicos, 8500-776 Portimão - Telemóvel: 965 276 690 - E-mail: geral.algarve@alzheimerportugal.org

BOLSA DE RECRUTAMENTO DE DOCENTES 24/25

O Instituto Politécnico de Beja acolhe manifestações de interesse com vista ao eventual recrutamento de um(a) docente convidado(a) preferencialmente com o grau de Doutor ou Especialista. Todos os interessados deverão enviar uma carta de apresentação, CV, cópia do comprovativo do(s) grau(s) académico(s) relevante para secretariado.presidencia@ipbeja.pt com referência à área de formação para a qual se candidatam.

A formação académica e experiência profissional deverá enquadrar-se nas seguintes áreas de educação e formação (CNAEF):

1) Enfermagem (723) e/ou área afim Medicina (721); 2) Terapia e Reabilitação (726); 3) Eng. Informática ou área afim (481 e 523); 4) Eng. Informática (481 e 523); 5) Segurança e Higiene no Trabalho (862); 6) Tecn. de proteção do ambiente (851); 7) Indústria alimentares (541); 8) Audiovisual e Produção dos Media (213); 9) Artes do Espetáculo (212); 10) Desporto (813); 11) Língua e Literat. Estrangeiras - Inglês (222); 12) Língua e Literat. Estrangeiras - Espanhol (222); 13) Língua e Literatura Maternas (223); 14) Psicologia e Gerontologia (311); 15) Psicologia e Ciências de Educação (311 e 142); 16) Psicologia (311); 17) Ciências de Educação - Subáreas: Form. de Prof. e Did. do Português (142 e 144);18) Formação de educadores de infância (143); 19) Serviço Social: metodologias de intervenção social (762); 20) Serviço Social: intervenção social no domínio da juventude ... (762); 21) Sociologia e Serviço Social (312 e 762); 22) Serviço Social: intervenção social no domínio da saúde (762); 23) Serviço Social (762); 24) Ciências de Educação: Educação Especial (142); 25) Educação especial: comunicação aumentativa e/ou tecnologias adaptadas em contexto de educação especial (142); 26) Sociologia ou Ciências Sociais (312 ou 310); 27) Ciências de Educação/ Formação de Professores: Estudo do meio/ciências da terra (142 e/ou 145); 28) Ciências de Educação/ Form. de Prof.: tecnologia educativa (142 e/ou 146); 29) Física (441); 30) Matemática e/ ou Estatística e/ou Ensino da Matemática (46 e/ou 14); 31) Produção Agrícola e Animal/ Ciências Veterinárias (621 e 640); 32) Gestão e Administração (345); 33); Economia (314); 34) Contabilidade e Fiscalidade (344); 35) Turismo e Lazer (812); 36) Direito (380).

A bolsa de recrutamento visa exclusivamente a determinação de existência de potenciais interessados com o perfil académico e profissional pretendido pelo IPBeja, tendo em vista uma adequada preparação das decisões que neste âmbito venham eventualmente a ser tomadas.

A presente publicação não consubstancia, por isso, a abertura de um qualquer concurso, reservando-se a liberdade de decisão sobre a contração ou não contração.

Mais detalhes em
https://www.ipbeja.pt/servicos/srh/Paginas/BolsadeRecrutamentodeDocentes.aspx

ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

Comissão de Trabalho, Segurança Social e Inclusão

ÀS COMISSÕES DE TRABALHADORES OU ÀS RESPETIVAS COMISSÕES COORDENADORAS, ASSOCIAÇÕES SINDICAIS E ASSOCIAÇÕES DE EMPREGADORES

Nos termos e para os efeitos dos artigos 54.º, n.º 5, alínea *d)*, e 56.º, n.º 2, alínea *a)*, da Constituição, do artigo 16.º da Lei Geral do Trabalho em Funções Públicas, aprovada em anexo à Lei n.º 35/2014, de 20 de junho, dos artigos 469.º a 475.º da Lei n.º 7/2009, de 12 de fevereiro (Aprova a revisão do Código do Trabalho), e do artigo 132.º do Regimento da Assembleia da República, avisam-se estas entidades de que se encontram para apreciação, de 14 de junho a 14 de julho de 2024, as iniciativas seguintes:

Projetos de Lei n.ᵒˢ 159/XVI/1.ª (PCP) — *Combate a precariedade laboral e reforça os direitos dos trabalhadores (vigésima alteração à Lei n.º 7/2009, de 12 de fevereiro, que aprova o Código do Trabalho),* **160/XVI/1.ª (PCP)** — *Altera o regime de trabalho temporário, limitando a sua utilização e reforçando os direitos dos trabalhadores (vigésima alteração à Lei n.º 7/2009, de 12 de fevereiro, que aprova o Código do Trabalho) e* **168/XVI/1.ª (BE)** — *Compatibiliza a idade mínima para prestar trabalho com o termo da escolaridade obrigatória.*

As sugestões e pareceres deverão ser enviados, até à data-limite acima indicada, por correio eletrónico dirigido a *10CTSSI@ar.parlamento.pt* ou por carta dirigida à *Comissão de Trabalho, Segurança Social e Inclusão*, Assembleia da República, Palácio de São Bento, 1249-068 Lisboa.

Dentro do mesmo prazo, as comissões de trabalhadores ou as comissões coordenadoras, as associações sindicais e associações de empregadores poderão solicitar audiências à *Comissão de Trabalho, Segurança Social e Inclusão*, devendo fazê-lo por escrito, com indicação do assunto e fundamento do pedido.

O texto das citadas iniciativas encontra-se publicado na Separata n.º 11/XVI do *Diário da Assembleia da República*, de 14 de junho de 2024, e pode ser consultado na «página» *internet* da Assembleia da República, na morada: http://www.parlamento.pt/DAR/Paginas/Separatas.aspx

Solução para acelerar PRR da habitação preocupa especialistas em transparência

Governo paga a câmaras antes da avaliação do IHRU, para evitar atrasos. "Se o IHRU não tem capacidade para a análise prévia, como a vai ter depois?", questiona a Transparência e Integridade

Victor Ferreira

Embora compreendam o "pragmatismo" da solução "ovo de Colombo" adoptada pelo Governo de começar a pagar a câmaras e empresas municipais apoios do Plano de Recuperação e Resiliência (PRR) antes de o Instituto da Habitação e Reabilitação Urbana (IHRU) avaliar as candidaturas, a ideia de adiantar até 25% do apoio elegível sem a análise prévia é algo que causa alguns calafrios a especialistas e à Associação Cívica Transparência e Integridade (TI).

O Governo reconhece que esta solução de pagar primeiro e avaliar depois não é "o método tradicional". Mas contrapõe que "é legal, seguro e equitativo". "Os adiantamentos que vão ser feitos aos municípios não colocam em causa o erário público. Estamos a falar de municípios e não de empresas ou interesses privados", vinca o ministro Adjunto e da Coesão Territorial, numa resposta por escrito ao PÚBLICO.

Portugal tem apenas dois anos para construir estas casas e comprovar que foram entregues a quem precisa, se quiser aceder às verbas do PRR para este fim, já que o prazo termina a 30 de Junho de 2026.

Para a presidente da TI, Margarida Mano, não está em causa a "bondade" do esforço do executivo em acelerar a construção de 26 mil fogos a custo acessível para famílias necessitadas. A finalidade da mudança de regras, fixada por uma portaria publicada na passada sexta-feira, "é aproveitar e não desperdiçar os fundos" do PRR, mas o Governo deveria ter dito, quando decidiu dispensar a análise prévia do IHRU, com que "medidas de controlo e verificação" é que pretende "mitigar os riscos desta solução".

O IHRU tem milhares de candidaturas pendentes e segundo o Governo não há meios para decidir em tempo útil. Nas contas de Castro Almeida, o PRR para a área social (habitação, centros de saúde e escolas) só se salva se até ao Outono for lançado um gigantesco pacote de obras, de quase 2000 milhões de euros.

A solução foi criar um atalho que, depois da habitação, deverá ser estendido, com as devidas adaptações, à construção de escolas e de novos centros de saúde: as câmaras ou empresas municipais com candidaturas entregues dentro do prazo (que expirou a 31 de Março de 2024, no caso da habitação) assinam um termo de responsabilidade em que garantem, entre outras coisas, que as suas propostas cumprem as regras, e podem de imediato lançar concursos e receber do PRR até 25% do apoio elegível.

Mitigar os riscos

A presidente da TI compreende o estado de emergência , mas avisa: "As urgências têm de ser temperadas com mecanismos ou com modelos que prevejam os mecanismos de fiscalização e de auditoria adicionais, ou da verificação da execução."

Lembrando que a história dos tribunais e alguns estudos mostram que a contratação pública e o urbanismo são "zonas de risco elevado de fraude e corrupção", Margarida Mano considera "preocupante" que o Governo queira acelerar procedimentos sem ter explicado como é que vai depois minimizar riscos.

Não há qualquer diminuição do rigor na análise das candidaturas, apenas muda o momento em que esta análise é feita

Manuel Castro Almeida
Ministro Adjunto e da Coesão Territorial

"Não há qualquer diminuição do rigor na análise das candidaturas, apenas muda o momento em que esta análise é feita", assegura o ministro Castro Almeida, ao PÚBLICO. "Esta forma de apreciação de candidaturas vai permitir que as 26.000 casas previstas no PRR sejam construídas dentro do prazo estabelecido, ou seja até Junho de 2026", reforça.

Mas a presidente da TI não fica mais descansada. "A questão é esta: como é que o IHRU, que não tem capacidade agora, por falta de meios, para fazer esta análise, a vai ter para fazer a análise depois?"

"É fundamental não só encontrar os mecanismos que resolvam a atrofia [do IHRU neste momento], como também os mecanismos que mitigam os riscos decorrentes da solução que estamos a tomar. E eu não ouvi até agora quais foram", frisa.

Por outro lado, acrescenta, "temos de ter noção de que actuações diferentes de licenciamento por parte de cada câmara aumentam a discricionariedade", o que significa que eventuais problemas só serão detectados quando os concursos já estiverem lançados ou a obra no terreno e parte do dinheiro já está entregue.

Desdramatizando, Margarida Mano afirma que a redução de riscos "pode ser feita de várias formas", mas também entende que o Governo já deveria ter explicado de forma mais concreta como é que se pretende actuar. "A discricionariedade, a falta de controlo, a grave diminuição de transparência são aspectos, obviamente, relevantes. E que a fraca execução do PRR na habitação não deve viabilizar por si", alerta.

A assinatura de um termo de responsabilidade não significa que esta passe para as câmaras. "A responsabilidade continua a ser do Governo. Os riscos já existiam antes, muita

Bloco de Esquerda e PCP vêem solução com maus ol

BE ainda não decidiu se vai chamar o ministro da Habit

Autarcas contactados nos últimos dias pelo PÚBLICO mostram-se favoráveis a esta solução, apesar de a presidente da Associação Nacional de Municípios Portugueses, Luísa Salgueiro, ter reafirmado esta semana que o caminho não deveria ter sido este. Ainda assim, o texto do termo de responsabilidade foi negociado e teve a aprovação desta entidade.

Entre alguns partidos com assento parlamentar, PS e PSD não responderam a questões sobre o tema. Já a vice-presidente do grupo parlamentar do BE, Marisa Matias (na foto), afirma que a solução encontrada pelo Governo para acelerar o PRR "não vai resolver o problema da habitação" e diz que aquilo que o executivo está a fazer "é criar um mecanismo com vista ao aceleramento burocrático dos papéis".

Relativamente à decisão de avançar com contratos sem antes analisar as candidaturas, a deputada é taxativa: "Não havendo uma avaliação prévia das candidaturas, obviamente que coloca uma responsabilidade maior nos municípios." Questionada sobre a possibilidade de o BE chamar o ministro das Infra-Estruturas e da Habitação ao Parlamento para dar explicações sobre esta solução, Marisa Matias disse que o partido ainda não tomou uma decisão.

A posição do PCP não é muito diferente da do Bloco. "As verbas do PRR, independentemente dos esforços que os municípios possam vir a fazer para suprir a incapacidade gestora central, dão apenas uma reduzidíssima resposta ao problema de carência de habitação. Lembremos que, em Estratégias Municipais de Habitação, os municípios

MANUEL ROBERTO

O IHRU tem milhares de candidaturas pendentes e, segundo o Governo, não há meios para decidir em tempo útil

hos

tação ao Parlamento

apontam uma carência de 94.254 fogos, dos quais só na Área Metropolitana de Lisboa (AML) são 25.082. Lembremos que a verba total do PRR, para habitação, é de 1211 milhões de euros e que só o investimento necessário para a AML é de 1288 milhões de euros, isto a valores de referência, consideravelmente abaixo dos de adjudicação", afirma o PCP numa nota enviada ao PÚBLICO.

Para o partido liderado por Paulo Raimundo, a resposta que o país precisa, seja na urgente disponibilização de habitação pública, seja para a construção de equipamentos públicos – na área da saúde, educação e outros –, "reclama, não apenas o aproveitamento e gestão soberana dos fundos comunitários (incluindo o PRR), mas também, e principalmente, um sério e significativo investimento público por via do Orçamento do Estado para responder às necessidades do país. **Margarida Gomes**

2026

Portugal tem apenas dois anos para construir e entregar 26 mil casas, se quiser usar as verbas do PRR para tal. Prazo termina a 30 de Junho de 2026

gente concorda que se foi longe de mais no 'simplex' urbanístico e que se criou um risco de insegurança jurídica. Com estas regras novas acelera-se o PRR, mas também se aceleram os riscos", conclui.

O presidente da Comissão Nacional de Acompanhamento, Pedro Dominguinhos, sublinha por seu lado que as novas regras não dispensam o lançamento do concurso público nem a fiscalização concomitante do Tribunal de Contas - que, ao abrigo do artigo 47.º da sua lei orgânica (que é anterior a este Governo), não dá visto prévio a projectos relacionados com habitação.

"Eu percebo a urgência do Governo. Estamos com um problema muito sério, porque o IHRU não consegue, neste momento, avaliar as candidaturas", que excedem largamente os 26 mil fogos previstos no PRR. Segundo o Governo, haverá cerca de 57 mil, o que significa que milhares de habitações propostas ficarão sem apoio do PRR - a solução deverá passar por financiar essa construção com empréstimo ao Banco Europeu de Investimento. As negociações já estão em curso.

Há outra questão que pode ser levantada, admite Dominguinhos, que é "a qualidade das candidaturas" que irão avançar sem análise prévia. Porém, mesmo aí, os municípios das quatro regiões (Norte, Centro, Alentejo e Algarve) que esta semana assinaram termos de responsabilidade têm de ter estratégias locais de habitação aprovadas e, "portanto, têm claramente uma indicação do que é que podiam incluir na candidatura" ao PRR.

Portaria altera decreto-lei

Ao abrigo da portaria da semana passada, o Governo continuará a assinar termos de responsabilidade com mais autarquias. Na próxima semana, será a vez das da região de Lisboa e Vale do Tejo, onde a falta de casas acessíveis é ainda mais premente.

Porém, há juristas que também levantam dúvidas legais sobre a mudança de regras através da portaria publicada na passada sexta-feira.

Uma portaria é uma decisão administrativa e a que está em causa não se limita a alterar outra portaria mais antiga, de 2021, que regulamentava o "modelo e os elementos complementares" que as câmaras têm de observar para instruir candidaturas aos dois programas de apoio à habitação (o programa 1.º Direito e a Bolsa Nacional e Alojamento Urgente e Temporário).

Na opinião de alguns juristas contactados pelo PÚBLICO, a portaria de 7 de Junho de 2024, assinada pelo ministro que tutela a pasta da habitação, Miguel Pinto Luz, mexe com regras que tinham sido fixadas num decreto-lei de 2018, quando inverte a ordem de adiantar dinheiro antes da análise das candidaturas.

Os artigos 63.º e 65.º desse decreto definem que a ordem das coisas seria analisar os requisitos técnicos, avaliar o respectivo mérito absoluto comparando-o com o mérito das demais candidaturas, aprovar ou não, e em caso afirmativo, avançar para acordos de financiamento - ou acordos de colaboração no caso dos municípios.

Com a portaria da semana passada, esta ordem foi invertida. Embora não seja jurista, a presidente da TI (que já foi ministra num Governo de coligação entre o PSD e o CDS-PP) reconhece que a mudança de decretos por portarias pode ser considerada uma anomalia, nos últimos anos cada vez mais frequente, aliás.

O herbário de Hubert Reeves: "Algumas pequenas flores silvestres têm uma grande história"

PATRICIA AUBERTIN

Patricia Aubertin A francesa era amiga de Hubert Reeves. Dessa amizade e dos passeios dos dois pelos campos da Borgonha nasceu um livro que é uma declaração de amor às flores silvestres

Entrevista

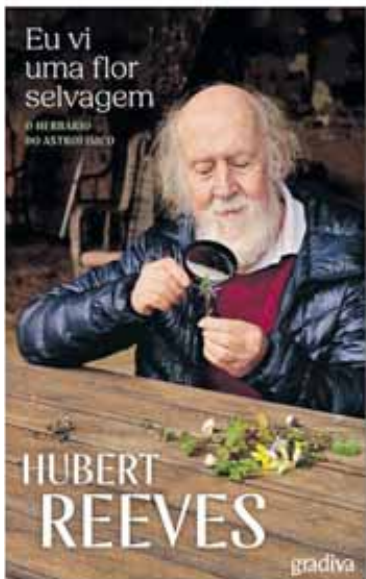
Teresa Firmino

Por si só, os títulos de *Eu Vi Uma Flor Selvagem – O Herbário do Astrofísico*, livro de Hubert Reeves publicado em Portugal pela editora Gradiva no final de 2023, aguçam a curiosidade. No "Florilégio", encontramos 44 pequenos capítulos, cada um dedicado a uma flor silvestre, onde temos o "Jarro-maculado, a armadilha fatal", a "Bardana-maior, o velcro vegetal", a "Erva-benta, um remédio para a febre amorosa" ou "A cenoura-brava e as suas gotas de sangue". "Esta planta admirável reaviva em mim recordações de infância no Quebeque, em Mont-Royal, a colina no coração de Montreal. Encontrávamo-la ao longo dos caminhos para onde nos escapávamos durante os recreios da escola. A brincadeira consistia em atingir os colegas com estas flores", contou Hubert Reeves (1932-2023) sobre a bardana-maior. "Antes de regressarmos às aulas, apressávamo-nos a retirar os picos!"

Editado em França em 2017, este livro é ilustrado pelas fotografias de Patricia Aubertin, amiga de Hubert Reeves. Pelos bosques de Malicorne, na Borgonha (França), a revisora publicitária e tradutora e o astrofísico franco-canadiano muitos passeios deram juntos a apreciar as flores silvestres. Nesta entrevista, Patricia Aubertin recorda o amigo e o seu amor pela natureza. "Estas flores são verdadeiros esplendores acessíveis a cada um de nós. Porém, é possível passarmos toda uma vida sem nunca nos debruçarmos sobre elas para as admirarmos", escreveu o astrofísico no início deste "seu" herbário. "Deste modo, passamos ao lado de alegrias que, por certo, se renovam todos os anos."

***Eu Vi Uma Flor Selvagem* é um título bonito para um livro. Pode dizer-se que é dedicado à beleza do mundo natural?**
Essencialmente, sim. Hubert Reeves gostava de títulos interessantes para os seus livros. Escolheu este a partir do início de um poema japonês *haiku*, que diz: "Vi uma flor selvagem. Quando aprendi o seu nome, achei-a mais bela." Quer saber como comecei a trabalhar com ele neste livro?
Sim, quero...
Tornámo-nos amigos há mais de 20 anos, em 2003. Ele tinha uma casa em Malicorne, uma aldeia na Borgonha. Esta casa, um lugar maravilhoso, é numa quinta antiga do século XVIII, com um jardim muito grande. E eu também tenho uma casa de campo [noutra aldeia] não muito longe da dele. Um dia dei-lhe um álbum de fotografias que eu tinha tirado da natureza e de flores, porque as adoro. Acho que gostou do livro. Era amante da natureza. Certo dia, em 2012, disse-me: "Gostaria de escrever um livro sobre as flores pequenas, as flores silvestres. Ninguém as conhece. As pessoas andam por cima delas na floresta ou na beira da estrada. Nem sequer as vêem. São tão simples e tão pequenas e, no entanto, tão bonitas." E perguntou-me: "Gostaria de trabalhar comigo nesse livro e tirar as fotografias?" "Claro que sim!"
Trabalharam anos no livro...
Trabalhámos no livro durante cinco anos. Encontrávamo-nos muitas vezes na casa de campo dele na Borgonha. Passeávamos por ali ao longo das diferentes estações do ano e eu tirava fotografias. Observávamos as primeiras flores silvestres da Primavera, e depois as seguintes, e a maneira como algumas permaneciam as mesmas, como as margaridas, pequenas flores brancas. Algumas pequenas flores silvestres têm uma grande história. Evoluem, mudam muito, tornam-se maiores e, depois, vem o Verão, o Outono...

Pouco a pouco, ficámos interessados em botânica. Claro que ele não era botânico, era astrofísico, mas adorava preservar o ambiente. Era profundamente ecologista, e eu também. O livro acabou por ter 44 capítulos sobre flores silvestres. Na parte final, o livro é sobre botânica: Hubert Reeves escreveu sobre a evolução das plantas durante as diferentes eras da Terra, a origem das estações, o ADN das plantas, a polinização, a simbiose entre flores e insectos, as borboletas ou o musgo nas árvores no Inverno.
Quer partilhar a história de algumas flores no livro?
Uma flor chamada *Arum* [*maculatum*, ou jarro-maculado] tem como estratégia atrair moscas. Emana um cheiro estranho, que, na verdade, não é muito agradável, e atrai as moscas. Assim que uma mosca entra na flor, fecha-se. É uma armadilha. A mosca permanece na armadilha por 24 horas e mexe-se a tentar sair. Quando a armadilha se abre, a mosca está cheia de pólen e pode ir para outra planta. Também me mostrou a flor de uma árvore chamada "*Catalpa*". Dentro da flor, podemos ver a cor amarela ou a cor vermelha. Explicou-me que, quando a flor tinha a cor amarela, significava que as abelhas podiam vir tirar o pólen. Quando ficava vermelha, isso tinha acabado.
Como corriam os vossos passeios em Malicorne?
Normalmente, encontrávamo-nos em casa dele. Íamos para o escritório, tomávamos uma chávena de chá e víamos fotografias ou líamos sobre plantas. Era um homem muito, muito doce. Era muito simples. Ouvia as pessoas, o que elas sentiam. Tinha muito sentido de humor também. E trabalhava sempre com música.

PATRICIA AUBERTIN

Adorava música, por isso havia sempre música clássica a tocar. Adorava levar as pessoas ao jardim muito grande e mostrar-lhes as plantas, as árvores. Fazia longas caminhadas no jardim. Plantou lá sequóias quando eram pequenas e agora estão grandes. Trouxe

DR

O astrofísico Hubert Reeves nas traseiras da sua casa em Malicorne, na região francesa da Borgonha, junto a uma planta de que gostava muito: o cardo--penteador, conhecido em França também como "cabaré dos pássaros"

O astrofísico e a sua amiga Patricia Aubertin, que tirou as fotografias para o livro de Hubert Reeves sobre flores silvestres

Em baixo, o jarro--maculado com a armadilha para moscas no interior

sementes de cedros-do-líbano e agora são árvores enormes. Chamava-lhes "a Floresta Milenar", que significa a floresta que vai durar mil anos. Esperava que permanecesse muito tempo depois de ele desaparecer.

Quando víamos uma flor, falávamos dela e eu tirava fotografias. Era como se eu tivesse muitos amigos novos. As flores têm nomes científicos e muitas têm nomes vernáculos, como se tivessem uma personalidade diferente. Algumas têm nomes estranhos. [Risos]. Uma chama-se "ruína-de-roma" [*Cymbalaria muralis*, também conhecida por "cimbalária"]. É muito pequena e trepa pelas pedras dos muros.

Hubert Reeves costumava levar as flores para o escritório?

Geralmente não as apanhava, gostava de as ver na natureza. Não queria matá-las. [Risos]

Portanto, o herbário do astrofísico é uma metáfora?

Sim, é uma metáfora.

Quais eram as flores silvestres favoritas dele?

Gostava muito do cardo-penteador [*Dipsacus fullonum*]: em França chama-se "cabaré dos pássaros". As folhas que saem ambas juntas do caule formam um pequeno copo, com água da chuva ou do orvalho, e as aves podem beber nele. É por isso que se chama cabaré: é como se fossem ao bar beber. Junto a uma lagoa na quinta havia uma planta trepadeira – uma glicínia, que tem flores violeta. A partir daí espalhou-se por todo o lado, indo por baixo do chão e aparecendo junto à casa. Adorava esta glicínia e o cheiro era incrível. Tinha muito orgulho nesta glicínia: consegue torcer-se, consegue trepar o ferro... Em frente à lagoa, costumava sentar-se num banco velho. Na verdade, escreveu um livro com o título *O Banco do Tempo que Passa* [de 2017 e também editado pela Gradiva]. Sentava-se aí a meditar sobre a vida, a observar a beleza da lagoa, das flores e das árvores. Quando vinham visitas, adorava levá-las àquele banco e dizer-lhes: "Sentem-se aqui e contemplem a beleza da natureza." Tínhamos de nos sentar lá com ele. [Risos]

O livro *Eu Vi Uma Flor Selvagem* tem uma mensagem ecológica e política sobre o planeta?

Ecológica, sem dúvida. Ele falava de ecologia e da sexta extinção na Terra, em palestras. Mas dizia que, se dissermos às pessoas que não há esperança, ninguém vai fazer nada. Por isso, manteve sempre um pouco de esperança, um pouco de optimismo. Podemos fazer alguma coisa para proteger a natureza. É um livro que ajuda as pessoas a abrir os olhos e a ver a beleza da natureza. Como não é muito grande, pode levar-se connosco, quando damos um passeio no campo e ficar a conhecer as flores.

Para si, o que foi fazer este livro?

Foi uma honra. Não sou fotógrafa profissional, sou apenas alguém que gosta de tirar fotografias. Ele era um bom amigo. Era um homem simples. Tinha o grande talento de pôr a ciência complicada ao nível das pessoas comuns.

E por que razão Malicorne era um sítio tão especial para ele?

Porque é a casa que ele e a sua segunda mulher compraram. Como o nome da aldeia é Malicorne, chamaram à propriedade Malicorne. Ele tinha sido casado com outra mulher no Quebeque e tiveram quatro filhos. Depois, conheceu Camille, que era jornalista em França. Os dois compraram essa propriedade quando ainda era uma quinta agrícola. Continua a ser uma casa de campo simples, mas tornaram este lugar de acolhimento de artistas, escritores, cientistas. Passavam uns tempos com eles. Antes de o conhecer, eu sabia que um homem famoso tinha uma casa em Malicorne, mas não sabia muito sobre ele. Um amigo meu que o conhecia levou-me a casa dele. A casa tem uma espécie de celeiro aberto, mas com tecto. Nesse dia, era onde uma orquestra de câmara estava a ensaiar. Ficámos amigos depois disso. Conhecemo-nos assim, no meio da música.

O nosso livre-arbítrio é menor do que gostamos de pensar

Ensaio

David Marçal

O modo como agimos pode estar fortemente associado a mecanismos neurológicos sobre os quais não temos controlo

O conceito de livre-arbítrio é indispensável para a culpabilidade nos tribunais. A alegação de que somos livres para fazer escolhas é também um pilar da cultura meritocrática. E, claro, o livre-arbítrio está na base dos livros de auto-ajuda, que vendem a promessa de que podemos ser e ter a vida que quisermos (se tomarmos a decisão de comprar o livro). O livre-arbítrio pode ser definido como a capacidade de uma pessoa agir de acordo com a sua vontade, libertando-se das amarras do passado. Mas como é que alguém que tem uma história pode agir de modo independente dela?

Para os filósofos compatibilistas, isto é, defensores da compatibilidade entre determinismo e livre-arbítrio (como Hobbes, Locke, Leibniz, Stuart Mill e Hume), um agente terá livre-arbítrio se, agindo de uma forma, pudesse ter agido de outra. Para os libertários (como Descartes e Kant) a chave do livre-arbítrio está na racionalidade. Na perspectiva das neurociências, o modo como agimos pode estar fortemente associado a mecanismos neurológicos sobre os quais não temos controlo. Neste texto, que faz parte da série Como Perder Amigos Rapidamente, iremos percorrer alguns exemplos extremos que enfatizam as limitações do livre-arbítrio.

No dia 1 de Agosto de 1966 Charles Whitman, de 25 anos, subiu à Torre da Universidade do Texas, em Austin, nos Estados Unidos. Lá chegado, matou a recepcionista. Depois disparou indiscriminadamente sobre quem estava no edifício e na rua, tendo assassinado 13 pessoas e ferido 32, até ser abatido pela polícia, fim com o qual já contava. Na noite anterior havia matado a sua mãe e a sua mulher, tendo escrito sobre esta última: "Eu amo-a muito e ela tem sido para mim a melhor esposa que qualquer homem pode esperar. Não consigo encontrar racionalmente nenhuma razão específica para fazer isto."

Charles Whitman fora escuteiro, militar, voluntário e estudado Engenharia Civil. Nos escritos que deixou pediu que na autópsia verificassem se havia algo de errado com o seu cérebro. E havia. Um tumor de grandes dimensões a pressionar uma região chamada "amígdala" deverá ter sido determinante para o seu comportamento inesperado.

Um outro caso semelhante é relatado pelo neurocientista David Eagleman, num seu artigo na revista *The Atlantic*. Um homem de 40 anos começou a ter um súbito e avassalador interesse por pornografia infantil. Passou a fazer várias coisas que nunca tinha feito, tais como avanços sexuais discretos à sua enteada pré-adolescente. A mulher descobriu a sua colecção de pornografia infantil e ele foi condenado a cumprir um programa de reabilitação. Mas, na clínica, teve comportamentos desapropriados de natureza sexual, com funcionários e clientes. Foi mandado para a prisão.

Na véspera do encarceramento, e por já não aguentar persistentes dores de cabeça, deu entrada nas urgências hospitalares. Após os neurocirurgiões terem removido um enorme tumor no córtex órbito-frontal, o seu apetite sexual normalizou-se. Mas, um ano depois da cirurgia, o comportamento pedófilo voltou. Uma parte do tumor tinha escapado à cirurgia e voltado a crescer. Depois da remoção total, os seus impulsos desviantes desapareceram de vez.

Há vários outros factores que podem causar problemas cognitivos e comportamentais, nalguns casos irreversíveis. O envenenamento com chumbo em crianças é um deles. Tal como outros metais pesados, o chumbo pode danificar irreversivelmente as células do sistema nervoso central. Um estudo realizado em 2017 na Nova Zelândia mostrou que crianças com elevados níveis de chumbo no sangue aos 11 anos tinham aos 38 um quociente de inteligência e um estatuto socioeconómico mais baixo. Em muitos países, as tintas com chumbo foram proibidas há décadas, mas ainda há várias fontes de contaminação, incluindo remédios da medicina aiurvédica.

O pramipexol, um medicamento para tratar a doença de Parkinson, pode transformar pessoas idosas que em toda a sua vida nunca jogaram em jogadores compulsivos, esbanjando fortunas em casinos e jogos *online*. A doença de Parkinson faz perder células que produzem um neurotransmissor chamado "dopamina". O referido medicamento, imitando a dopamina, interfere com o sistema de recompensa do cérebro, podendo alterar a avaliação de custos e benefícios das decisões.

Também os genes afectam o nosso comportamento. Por exemplo, os homens são bem mais propensos a cometer crimes violentos do que as mulheres.

Como argumenta David Eagleman, não há uma independência real entre a biologia de uma pessoa e o seu processo de tomada de decisões. Em muitos casos conhecemos os factores associados a certos comportamentos. Mas haverá muitos outros casos em que motivos não conhecidos condicionam as nossas decisões. Com o avanço das neurociências, podemos esperar conhecer cada vez mais as bases biológicas dos nossos comportamentos e questionar até que ponto as nossas decisões são verdadeiramente livres. Mas a ciência nunca eliminará a discussão filosófica e moral.

Bioquímico e divulgador de ciência

Como perder amigos rapidamente

Sobre aqueles casos em que ciência e os dados contrariam muitos dos *influencers* e *opinion makers*

Acompanhe em publico.pt

Sessenta anos, 50 edições, todo um futuro pela frente

Vinte e dois concertos (dois dos quais para o jovem público) compõem a edição mais "transversal" de sempre do festival, que começa hoje com Omar Sosa e vai até 22 de Julho

Diana Ferreira

A Academia de Música de Espinho havia sido fundada no início dos anos 60 e a realização de concertos associou-se, desde muito cedo, à sua actividade regular. Em 1964, por iniciativa de Mário Neves, esses concertos estruturaram-se na primeira edição do então intitulado Festival de Música de Verão, que se realizaria ininterruptamente até 1976. Segundo Alexandre Santos, director do entretanto renomeado Festival Internacional de Música de Espinho (FIME) e presidente do conselho directivo da academia que o viu nascer e o organiza até hoje, 60 anos e 50 edições depois, o evento aproveitava algumas produções que aconteciam nos grandes centros, com a associação Pro-Arte e contou, desde o primeiro momento, com a Orquestra de Câmara da Gulbenkian, que regressaria diversas vezes.

Após quase uma década de interregno, o festival que esta noite entra na sua 50.ª edição, com um concerto em que o pianista cubano Omar Sosa se junta à Orquestra de Jazz de Espinho, seria retomado em 1985. Em "certa ruptura com a programação anterior", diz Alexandre Santos ao PÚBLICO, "e conquistando uma maior transversalidade em termos de conteúdos". Assim começam os concertos de jazz, nomeadamente com António Pinho Vargas. E assim se começa também a entrar no espaço público, juntando ao Salão Nobre do Casino de Espinho e ao extinto Teatro S. Pedro, até aí os principais recintos do evento, a Praça de Touros, onde tinham lugar, por exemplo, os espectáculos de bailado.

Nessa altura, o festival não tinha propriamente um programador, mas Manuel Cunha tornou-se uma "figura catalisadora, ao encarregar-se da produção, função que assegurou até se aposentar". Volvidas seis edições e outras duas interrupções, Alexandre Santos passaria a ocupar-se da programação em 1994. "Nessa altura, foi fundamental uma candidatura que fizemos a fundos europeus. O festival arrancou associado a um encontro de percussão e a um encontro de orquestras, com um elevadíssimo número de concertos (talvez o maior até então). O seminário internacional de percussão trouxe a Espinho, na altura, mais de 100 percussionistas dispersos por essa Europa fora e também da América."

O curso de percussão da academia tinha arrancado em 1989 e havia já uma evolução na área que se pretendeu trazer para o próprio festival, tendo as edições de 1994 e 1995 sido muito importantes neste contexto.

"Em 1994, para além das orquestras convidadas, fizemos um estágio internacional que reunia músicos das orquestras, sobretudo de jovens, e fizemos a 5ª de Mahler dirigida por Omri Hadari, uma sinfonia que não se fazia em Portugal havia algum tempo", recorda o actual director.

Contrariando a incerteza

Apesar da circunscrição no tempo do apoio recebido para aquele novo impulso do festival, o evento chegou aos dias de hoje sem mais interrupções, passando por diversas fases, porque as estruturas de financiamento eram então muito menos consistentes.

"Nos anos 90, o apoio do Ministério da Cultura era muito inferior ao de hoje, além de não haver programas de apoio. Vivia-se na circunstância de se poder ou não fazer, conforme fossem surgindo as possibilidades." Mesmo o apoio da Câmara Municipal de Espinho, também ininterrupto desde 1994, "era sempre incerto": só neste milénio passou a ser objecto de um protocolo.

Apesar da incerteza, "houve uma evolução muito positiva nessa fase", com "um certo arrojo na programação, incluindo-se já alguma música contemporânea, de que não havia oferta muito consistente naquela altura". Também aí a percussão assumiu um papel importante, "trazendo-se anualmente ao festival o que de melhor se fazia pela Europa".

1994

O actual director do Festival Internacional de Música de Espinho, Alexandre Santos, iniciou as funções em 1994, sendo esta a sua 31.ª edição

Nos últimos anos, o FIME tem beneficiado de uma estrutura mais consolidada, com financiamentos mais regulares, entre os quais o Apoio Sustentado da Direcção-Geral das Artes (DGArtes), e diferentes nomes têm colaborado na programação de Alexandre Santos, incluindo João Pedro Mendes dos Santos (2007-2015), o violoncelista Romain Garioud (2016-17) e, mais recentemente, João Silva e Sérgio Garcia.

Associadas ao FIME estão, ainda, a Orquestra Clássica de Espinho (OCE) e a Orquestra de Jazz de Espinho (OJE), que recebem anualmente um apoio global de 120 mil euros da DGArtes. De fora fica a actividade do Auditório de Espinho, por sua vez integrado na Rede Nacional de Teatros e Cineteatros Portugueses.

Ecléctico e internacional

O FIME de hoje rege-se por "um modelo com componentes muito bem definidas", explica Alexandre Santos. "Procuramos ter sempre intérpretes de grande craveira, com grande homogeneidade a esse nível; e uma programação muito transversal, que tem vindo a associar a música erudita a outras, nomeadamente ao jazz, entrando por vezes também nas músicas do mundo. Hoje as linguagens estão mais cruzadas, mais abertas e mais complexas. Por outro lado, procuramos que o festival seja muito acessível, trazendo muitas das iniciativas para o espaço público, mas também praticando preços acessíveis [da entrada gratuita aos 15 euros]."

Outras apostas são a apresentação de "obras de referência e produções que associam músicos portugueses a músicos de outras geografias" e o investimento em espectáculos incomuns, "mais exigentes" ou impossíveis de programar "na temporada regular".

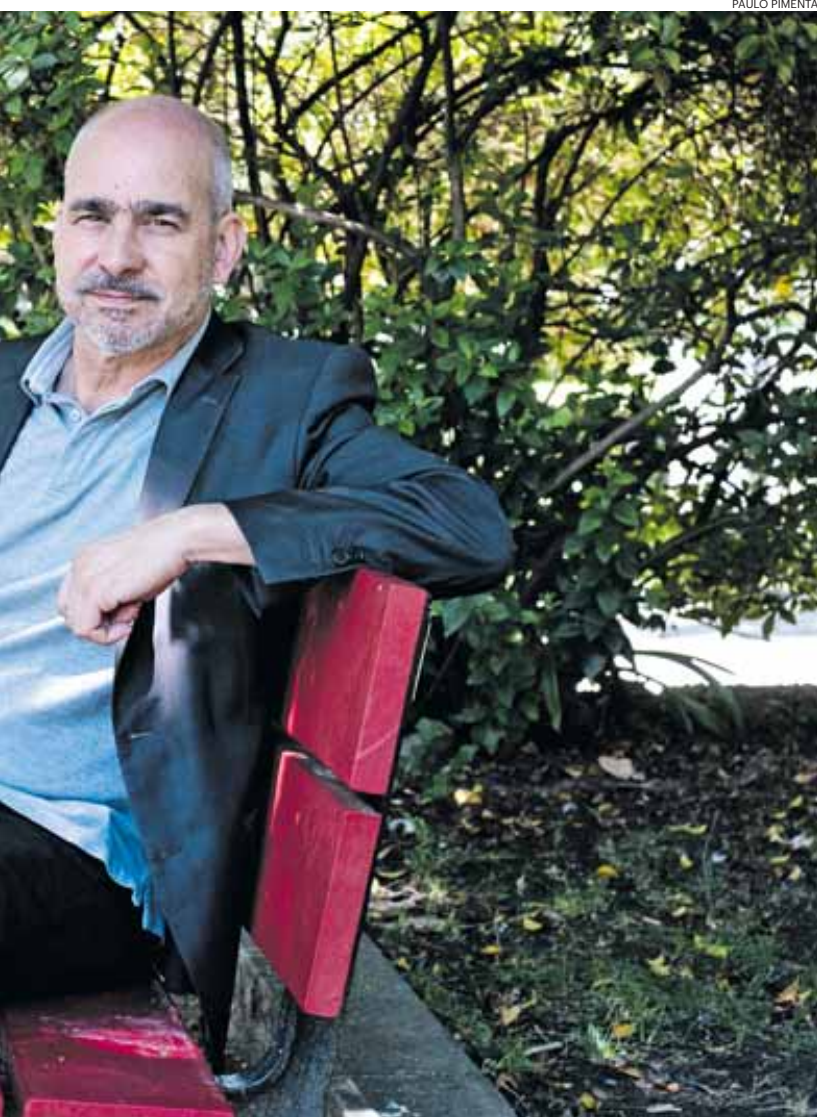
Pelos seus custos avultados, os concertos de Paquito d'Rivera e de Omar Sosa com a Orquestra de Jazz de Espinho, mas também os de Pierre-Laurent Aimard, de Dee Dee Bridgewater, ou a apresentação da 9ª Sinfonia de Beethoven ao ar livre, são, nesta 50.ª edição com 22 espectáculos que se estende até 22 de Julho e cujos bilhetes começam a escassear, exemplo de projectos que não caberiam na programação anual.

Sobre a eventual perda de terreno da música erudita para outras músicas, Alexandre Santos diz que essa é

DR

PAULO PIMENTA

JULIA WESELY

Alexandre Santos convocou para esta edição pianistas como o cubano Omar Sosa e o francês Pierre-Laurent Aimard

uma leitura que poderá, eventualmente, ser feita desta edição, mais festiva, mas salienta a relação com essa tradição, seja pelos artistas programados (como Pedro Burmester com Mário Laginha, amanhã), seja pelo próprio repertório, como as *Quatro Estações* de Vivaldi numa versão de Max Richter (dia 21), ou Uri Caine a explorar Mahler com um grupo de músicos portugueses (dia 28).“Há um certo descolar, mas que nos traz sempre para a mesma âncora”, garante o director.

Em vez de se reger por uma fórmula estanque, o FIME procura responder ao contexto. “A partir do momento em que a Casa da Música passou a ter um ciclo de piano fortíssimo, começámos a sentir que o público já não tinha a mesma necessidade e descontinuámos o hábito de, a cada ano, trazer um grande pianista.”

Os já distantes concertos de quartetos de cordas foram desaparecendo por uma razão semelhante: “Quem faz programação não pode fazê-lo só a pensar se vai ter mais ou menos gente na sala, mas obviamente que esse é um elemento fundamental.”

Formar mecenas e públicos

Apesar de “certo”, o orçamento do festival não deixa de ser magro para o que se pretende fazer. “Não é comparável ao de festivais similares na Europa central, embora no contexto nacional tenha uma situação privilegiada. Mesmo assim, é sempre necessária uma certa criatividade para conseguir rentabilizar os meios”, diz Alexandre Santos, confessando que procura muitas vezes trazer artistas numa fase mais inicial da carreira. “Por exemplo, Sokolov retomou as vindas a Portugal em 2002, no FIME, e regressou em 2004. A partir daí, tornou-se uma realidade um bocadinho mais distante.”

O director do FIME verifica que a pandemia fez incrementar os preços dos artistas, mas pior ainda é o aumento dos custos de produção, sobretudo os logísticos, dado o crescimento desenfreado do turismo.

Com uma agravante: “Em Portugal não temos condições para aceder ao mecenato para este tipo de iniciativas, de uma forma comparável à que existe em muitos outros países europeus. Aqui, o mecenato existe para as grandes produções, para as grandes estruturas nacionais, e para festivais privados; não existe nesta área. Seria necessário haver uma consciência para apostar neste tipo de estruturas, externalizando socialmente os ganhos da actividade produtiva. Isso faz-se com uma aposta do lado político, com campanhas próprias, e trazendo incentivos para este contexto.”

E também junto do poder local, argumenta, “há uma consciencialização a fazer relativamente ao orçamento para a cultura”. O director nota que as “restrições e dificuldades de apoio” a eventos como o FIME “não têm paralelo” com o investimento em “produções mais dirigidas ao entretenimento, que visam aglomerar pessoas e que, do ponto de vista crítico e do enriquecimento cultural, não têm grande impacto”.

A propósito dos concertos para jovens que a OJE e a OCE promovem regularmente, e do esforço que é feito no sentido de mobilizar o público escolar para esses momentos, Alexandre Santos repete que há ainda muito trabalho a fazer. “As escolas não podem resolver tudo, mas têm um papel fundamental no desenvolvimento do conhecimento da produção artística.”

Com uma âncora na percussão, o programa cruza música erudita, jazz e músicas do mundo

O festival continua a lutar por um tipo de mecenato que, diz o director, ainda não existe em Portugal

Deveriam, defende, ter equipas que olhem para a oferta cultural, pois ela é “estruturante na formação dos jovens, do ponto de vista da sua personalidade, da forma como olham para o mundo”.

A OJE começou em 2008 como uma experiência académica, sendo hoje uma orquestra profissional com uma média de cinco programas por ano (alguns deles em mais do que um concerto) e um trajecto que Alexandre Santos considera fantástico, somando diversas encomendas e a estreia de projectos, “acrescentando valor”.

Esta noite, às 22h, a formação acompanha Omar Sosa, recriando o álbum *Es:sensual,* que o pianista cubano gravou com a Orquestra de Jazz da NDR, num concerto de entrada gratuita que terá lugar na Praça Dr José de Oliveira Salvador.

Iniciados há cerca de 15 anos e sem comprometer a qualidade, os Concertos Júnior destinam-se aos mais novos, este ano com o FIME ensemble a oferecer *O Carnaval dos Animais e outros mais* (dia 30) e o grupo Percussões da Escola Profissional de Música de Espinho (EPME) a propor *Paisagens Imaginárias* (14 de Julho).

Périplo é mais uma rubrica de livre acesso, com a qual se pretende fazer a música acontecer em lugares menos comuns: este ano, Angélica Salvi (harpa) e João Frade (acordeão) apresentam-se a solo (ambos no dia 29), no jardim da Biblioteca Municipal.

A jóia da percussão

Se há cidade portuguesa que associamos à percussão é, sem dúvida, Espinho. Ali foi criado o primeiro curso secundário de percussão em Portugal, tendo a EPME incentivado fortemente ainda a criação do curso superior de percussão no Instituto Politécnico do Porto. O nível desta área instrumental acabou por se tornar altamente competitivo em quase todo o país. Evocando um dos momentos fortes da história do FIME, o dia 13 de Julho é-lhe dedicado, com música, oficina e conversa, tudo de entrada livre: Nuno Aroso e Rachel Zang (a solo e à conversa), três grupos académicos (EPME, Universidade de Aveiro e Politécnico de Castelo Branco), uma oficina, um concerto de rua e, por fim, o Pulsat Percussion Group.

Alexandre Santos deseja que o festival que dirige mantenha a capacidade de oferecer uma programação “muito ecléctica, de grande qualidade, com produções próprias e propostas diferenciadas”, e que possa continuar a fazer-se “de forma próxima da cidade, tentando seduzir públicos para virem conhecer algo que ainda não conhecem”. É-lhe importante sentir que Espinho acarinha o festival e não esconde a alegria que sente ao ver os milhares de pessoas que assistem aos concertos em espaços públicos.

A sua equipa não tem ambições desmedidas e não quer fazer deste um festival de turistas, esperando que o evento mantenha a sua estrutura, “com as dinâmicas normais que dizem respeito à evolução do contexto”, reforça. Prestes a ver arrancar a 31.ª edição por ele dirigida, Alexandre Santos refere tranquilamente que mais cedo ou mais tarde deixará o FIME, mas, antes disso, gostaria ainda de aprofundar uma maior rede de apoios de iniciativa privada, “para conseguir alcançar uma escala melhorada ao nível da estrutura”.

Cultura

Keith Jarrett, migração, feminicídio e banhos a caminho do Teatro Municipal do Porto

Daniel Dias

Primeira metade da temporada 2024/2025 "estimula o debate sobre saúde mental e desejo sexual", promete direcção

CHRISTOPHE RAYNAUD DE LAGE

MARIA BARANOVA

***A Noiva e o Boa Noite Cinderela*, de Carolina Bianchi, chega ao Porto em Novembro. Em cima, *Weathering*, de Faye Driscoll; em baixo, *HAMMAM*, de Javiera Peión-Veiga**

FERNANDA RUIZ

Daqui a três meses, o Teatro Rivoli, no Porto, festejará os dez anos da sua reabertura. Nesta década, passaram pelo Teatro Municipal do Porto (TMP), que tem o seu segundo pólo no Teatro Campo Alegre, cerca de 900 mil pessoas e mais de 1200 espectáculos, quase metade dos quais co-produzidos pelo próprio TMP. A sua décima temporada, que arranca a 13 de Setembro, e cuja primeira metade foi ontem divulgada, deseja constituir o início de um novo ciclo, como diz a actual dupla de directores artísticos, Cristina Planas Leitão e Drew Klein. Para o efeito, reúne nomes como Trajal Harrell, Faye Driscoll, Alma Söderberg, a companhia australiana de dança contemporânea Chunky Move, Carolina Bianchi, Susana Chiocca ou o realizador tailandês Apichatpong Weerasethakul, este com um espectáculo que convidará os espectadores a circular pelo palco do Rivoli com óculos de realidade virtual.

Os espectáculos chamados a esta programação, resumem os directores artísticos, citados em comunicado, "desafiam o estado actual das coisas, estimulando o debate sobre temas como saúde mental, desejo sexual e realidades expandidas". A temporada inicia-se com a estreia no TMP de Trajal Harrell. O coreógrafo norte-americano traz ao Porto *The Köln Concert*, que parte do homónimo concerto de Keith Jarrett em 1975. Quando chegou à sala, o pianista percebeu que o instrumento que iria tocar naquela noite era muito mais pequeno do que o que requisitara – e estava em mau estado. Apesar disso, seguiu em frente com a actuação, eternizada num álbum que se tornou um fenómeno de vendas na esfera do piano jazz.

Trajal Harrell usa não apenas a música de Jarrett, mas também quatro canções de Joni Mitchell, num espectáculo em que "procura uma forma de as pessoas se encontrarem apesar da diferença de idiomas, visões do mundo e identidades", sugere a sinopse. Entre os sete intérpretes estão o próprio Harrell e um nome português, Maria Ferreira Silva.

No mesmo dia em que acontece a primeira apresentação de *The Köln Concert*, o dramaturgo e encenador Rui Catalão estreia, no Campo Alegre, *Mal de Ulisses*, que explora o "estado psíquico das pessoas sujeitas a processos migratórios".

Na área da música, dar-se-á o reencontro com o duo de piano e electrónica Joana Gama & Luís Fernandes, que este ano também festeja o seu décimo aniversário, e que apresentará *Strata* a 20 de Setembro. Uma semana antes, o guitarrista, compositor e improvisador norte-americano Bill MacKay estreia-se em Portugal, inaugurando mais um ciclo *Understage*, programa de concertos mensais no subpalco do Rivoli.

Ainda a 20 e 21 de Setembro, Susana Chiocca estreia no subpalco a experiência de realidade virtual *Supra*, novo momento do projecto *Bitcho*, que desenvolve desde 2012. Uma semana depois, o ciclo Make Trouble regressa com Dries Verhoeven e Javiera Peón-Veiga. O criador belga que se move entre o teatro e as artes visuais mostra *Guilty Landscapes: Episode I Hangzhou* (dias 24 a 28), espectáculo experienciado individualmente – o espectador interage com o que à primeira vista parece ser um vídeo pré-gravado, num trabalho que "problematiza a [sua] atitude relativamente à 'dor dos outros'", pode ler-se no *site* do criador. A coreógrafa chilena traz *Hammam* (dias 27 e 28), experiência imersiva que "explora o banho enquanto fenómeno colectivo de purga, regeneração e prática de cura social".

Já em Outubro, o realizador tailandês Apichatpong Weerasethakul (que aqui utiliza música de Ryuichi Sakamoto) estreia em solo nacional *A Conversation with the Sun* (dias 23 a 26), trabalho sobre "comungar com seres espectrais invisíveis, corpos adormecidos ou estados de doença, e ter a experiência do tempo suspenso num círculo". Envolve "ligeira interacção com o público", que circulará pelo palco do grande auditório do Rivoli. Antes disso, José Nunes estreia *Classified* (dias 4 e 5), trabalho em que o co-fundador da companhia portuense Estrutura parte do seu sonho de um dia fazer de James Bond.

Apichatpong Weerasethakul convida-nos a subir ao palco com óculos de realidade virtual

Já em Novembro, a coreógrafa norte-americana Faye Driscoll passa pelo Rivoli com *Weathering* (dias 8 e 9), criação que questiona: "Como sentimos o impacto de acontecimentos que nos atravessam e são muito maiores? Conseguimos desacelerar o suficiente para sentir o pó, a dor, o uivo, a ausência?" A sueca Alma Söderberg apresenta-se depois no mesmo teatro com *Noche* (dias 15 e 16). E a 22 e 23 desse mês a encenadora e *performer* brasileira Carolina Bianchi, juntamente com o seu colectivo Cara de Cavalo, sobe ao palco do Campo Alegre para apresentar *A Noiva e o Boa Noite Cinderela*, primeiro capítulo da trilogia *Cadela Força*, uma das apostas do último Festival de Avignon, que explora "histórias que têm em comum narrativas de violação seguidas de feminicídio".

A 6 e 7 de Dezembro, acontece no Rivoli a estreia nacional de *4/4*, da Chunky Move, companhia australiana que coloca em palco bailarinos com formações variadas, desde a dança contemporânea a danças de rua como o krump e o hip-hop. E nos dias 13 e 14 o dramaturgo Luís Mestre volta à sua *Tetralogia das Estações*, apresentando *Noite de Verão* e *Noite de Inverno* (em estreia) no Rivoli.

De Setembro a Dezembro, o TMP receberá dez estreias absolutas e nove estreias nacionais. E acolherá ainda, como já é tradição, o Festival Internacional de Marionetas do Porto (que ali levará este ano *Aruna e a Arte de Bordar Inícios*, de Ainhoa Vidal; *Lullaby for Scavengers*, de Kim Noble/Campo; e *In many hands*, de Kate McIntosh) e a Festa do Cinema Francês.

Em *Volta para a Tua Terra*, Keli Freitas usa o afecto para falar de imigração

Pedro Manuel Magalhães

A partir do rasto da sua bisavó portuguesa, a criadora brasileira traça um retrato da sua actual condição de imigrante

DR

Peça de Keli Freitas estreia-se esta noite no Centro Cultural Vila Flor

Uma "vida desconhecida inteira pela frente", a chegada a um "novo mundo" onde o café é pago "em euros" e em que ter uma bisavó portuguesa, afinal, "não dá direito a nada". É a partir destes fragmentos de um desembarque do outro lado do Atlântico que Keli Freitas, criadora brasileira residente em Portugal há sete anos, reflecte sobre a sua vida enquanto imigrante e desenha *Volta para a Tua Terra*, a sua nova peça, que se estreia hoje no Centro Cultural Vila Flor (21h30), em Guimarães, no âmbito dos Festivais Gil Vicente.

Graças a um processo de autodescoberta através da procura pela já falecida bisavó Virgínia, natural de Torres Vedras, Keli Freitas leva a cabo o resgate da sua memória familiar, e daí segue para uma reflexão sobre a sua condição. "É o facto de eu viver em Portugal e ser privada de direitos – é uma luta anual para ser uma trabalhadora independente legalizada – que me move a fazer essa peça", enquadrou a criadora em conversa com os jornalistas, após um ensaio na Fábrica Asa.

Nela, e sob um leve tapete sonoro, vai dizendo que em redor do bairro onde reside, o Bairro das Colónias, em Lisboa, todos as ruas "tinham nomes de ex-colónias portuguesas". A toponímia mudou depois da revolução de Abril, "mas não colou, ninguém lhe chama assim". Ou que, quando o seu visto caducou, viveu a "primeira manhã ilegal" e tomou "o primeiro pequeno-almoço ilegal". E repetindo que a advogada, a Segurança Social ou o extinto Serviço de Estrangeiros e Fronteiras lhe disseram que ter um parente português não lhe confere nacionalidade. "Se a minha bisavó me desse o direito a uma cidadania, eu talvez tivesse gastado a minha energia tirando a cidadania e não escrevendo uma peça sobre o interesse que brotou em mim por não poder ter direito a nada", explicou.

O questionamento da sua experiência enquanto imigrante já vem de trás. Em *Outra Língua* (2022), explorou as diferenças de linguagem entre o português de Portugal e o português do Brasil. Na sua nova criação, Keli Freitas lembra a quantidade de vezes que lhe perguntam de onde é: "Ser brasileiro, estar em Portugal, ser colonizado, estar na terra do colonizador são estatutos que permeiam qualquer coisa que você faça: desde ir ao mercado até fazer uma peça de teatro. Você abre a boca e é a primeira que se sabe sobre você. Eu não sou portuguesa e todos os dias sou lembrada disso. É exaustivo, cansa." E, numa altura em que as portas de entrada em Portugal se tornam mais inacessíveis e os imigrantes "não são bem-vindos", há um "caminho muito claro a delinear-se à nossa frente". Um caminho que lhe diz pessoalmente respeito: "Como imigrante, eu me assusto."

"Colagem de vida"

Volta para a Tua Terra, o título do espectáculo, reproduz uma frase xenófoba, escutada diariamente por quem é imigrante, mas esta escolha, argumenta a criadora, não serve "para ilustrar nada". "Quando decidi que o nome da peça seria esse, eu tomei um susto: isso é tão forte. Ao mesmo tempo, acho que o próprio trabalho trabalha contra o título.

Ser brasileiro, estar em Portugal, ser colonizado na terra do colonizador são estatutos que permeiam tudo o que você faça

Keli Freitas
Actriz e encenadora

Todo o mundo sabe o que essa frase quer dizer, e talvez você encontre dentro da peça uma história diferente da que o título conta."

Porque o que aqui está "é uma colagem de vida". *Volta para a Tua Terra* constitui a segunda parte de uma trilogia em torno da descoberta das figuras femininas da família de Keli Freitas. O primeiro espectáculo, *Adicionar um Lugar Ausente*, é sobre a sua mãe e a terra onde nasceu, Minas Gerais.

Neste segundo capítulo da trilogia, a árvore genealógica é desmontada. Ana Gigi, mulher com quem Keli Freitas partilha o palco e que acolheu a artista quando esta chegou a Portugal, faz breves descrições de alguns dos familiares da amiga. Gigi, que tem o mesmo nome que a bisavó de Keli, reflecte o outro lado desta viagem. "A peça é uma singela parte de singelos acontecimentos pessoais, como ter aqui a minha melhor amiga que tem o mesmo nome dessa senhora. Temos também uma desculpa para passarmos mais tempo juntas. A peça não é só sobre essa bisavó, é também os encontros todos que ela faz."

A criação resulta de seis anos de pesquisa sobre a bisavó de Keli Freitas. Espelha um trabalho exaustivo de investigação, que desembocou em várias idas à Torre do Tombo à procura de documentos sobre a família. "É um dos assuntos que me interessam como artista, eu nunca tinha lidado com um arquivo tão grande para um projecto só. Tinha 35 anos e agora tenho 41. [Esta peça] é o tempo da minha vida em Portugal, o tempo da Gigi e da nossa amizade", reflecte a artista. *Volta para a Tua Terra* podia ser sobre "uma outra imigrante qualquer em Portugal". Afinal, tratou-se de "construir um espaço possível para falar de uma história banal".

Pintura de Ticiano encontrada numa paragem de autocarro londrina vai a leilão em Julho

Executada no início do século XVI pelo pintor renascentista veneziano Ticiano, a pintura *Descanso na Fuga para o Egipto*, que foi roubada do palácio dos marqueses de Bath em 1995 e reapareceu sete anos mais tarde numa paragem de autocarro de Londres, vai ser leiloada pela Christie's no próximo dia 2 de Julho, esperando-se que possa alcançar entre 15 e 25 milhões de libras (respectivamente 17,7 e 29,6 milhões de euros).

Pintada a óleo sobre um painel de madeira de 46,5 por 64 centímetros, terá sido realizada por volta de 1510, na juventude de Ticiano, e foi adquirida em 1878 pelo quarto marquês de Bath, John Thynne.

Em 1995, a obra foi roubada do palácio da família, Longleat House, em Wiltshire, no Sudoeste da Inglaterra. A família ofereceu 100 mil libras a quem prestasse informações que conduzissem à recuperação da pintura, e esta acabou por aparecer em 2002, numa paragem de autocarro de Richmond, na área metropolitana de Londres, onde fora deixada, já sem moldura, numa saca de plástico.

A descoberta deveu-se ao então responsável da unidade de investigação de roubos de arte e antiguidades na Scotland Yard, Charles Hill, mas o assaltante nunca foi identificado.

A pintura voltou à família dos marqueses de Bath, que está agora a vendê-la. Mas até chegar a Longleat House, teve muitos outros proprietários documentados, e também já fora anteriormente roubada.

De um negociante de especiarias veneziano, Bartolomeo della Nave, a pintura passou ao primeiro duque de Hamilton, executado em 1649. Foi então vendida ao arquiduque Leopoldo Guilherme da Áustria, e andou até

A obra Descanso na Fuga para o Egipto foi realizada por volta de 1510, na juventude de Ticiano

ao século XIX nas colecções de titulares do Sacro-Império Romano-Germânico. Em 1809 foi saqueada pelas tropas napoleónicas do Palácio Belvedere de Viena, e, antes de ser adquirida pelo quarto marquês de Bath, ainda pertenceu ao abastado coleccionador escocês Hugh Andrew Johnstone Munro of Novar (1797-1864), um conhecido mecenas do pintor William Turner. **PÚBLICO**

DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO

DOURO,

QUAL O FUTURO?

Colocar a sustentabilidade como uma das prioridades
nas nossas acções quotidianas, para garantia
da subsistência colectiva, é cada vez mais urgente.
Como pode a Região do Douro trabalhar para um modelo
de desenvolvimento sustentável, cumprindo a Agenda 2030,
nas diversas vertentes: ambiental, económica, social e cultural?
É esta a temática a descobrir na **4.ª Conversa em Ventozelo.**

Stock limitado

“Gostos” no X passam a ser privados
O CEO do X, Elon Musk, anunciou na terça-feira que vai deixar de ser possível um utilizador ver os “gostos” de outros em publicações na rede social. Uma pessoa só poderá ver os “gostos” que fizer e aqueles que forem feitos em publicações suas.

DR

Uma “mistura de LinkedIn e Tinder”

O objectivo da eikko é reduzir as perdas de tempo e os enviesamentos em processos de recrutamento. O funcionamento assemelha-se ao de uma aplicação de encontros

Fernando Costa

Há uns anos, ao procurar emprego, Hugo Esteves reparou que não recebia respostas a várias das suas candidaturas. Isso motivou-o a, “uma ou duas semanas antes da pandemia”, criar, com Nuno Moço, a *web app* eikko. Na prática, descreve Hugo Esteves, agora CEO da eikko, ao PÚBLICO, “é como se fosse uma mistura de LinkedIn e Tinder”.

Depois de se inscreverem no *site* oficial, os candidatos criam um perfil que inclui informações como a idade, o contacto e naturalidade, mas também uma série de preferências. Prefiro teletrabalho, trabalho presencial ou híbrido? Em *part-time* ou a tempo inteiro? Quanto quero receber por ano? Há ainda a opção de preencher um formulário de personalidade onde candidatos esclarecem se preferem trabalhar sozinhos ou em grupo, se preferem tarefas criativas, entre outras.

As empresas são convidadas a indicar os valores que defendem e a dar informações sobre a identidade empresarial. Também tem de anunciar que competências exige ao futuro trabalhador, qual o salário previsto e as características do trabalho. O algoritmo alinha empresas e candidatos com características que combinam e dá-se o *match*.

“Do lado do candidato é uma coisa à Tinder”, explica Hugo Esteves. “Abre o emprego, vê as suas características e vê se aquele emprego é adequado a si.” À empresa é apresentada uma lista de candidatos que se enquadram no que procuram. E ninguém fica sem resposta: quando acontece a ligação entre recrutador e recrutado ambos são notificados.

Hugo Esteves assume a redução do enviesamento no recrutamento como uma das maiores preocupações no desenvolvimento da *web app*. Não são utilizados para treinar o algoritmo dados pessoais dos candidatos, à excepção dos que se relacionam com as suas competências. Também não se usam dados de recrutamentos antigos e só depois de acontecer o *match* é que o recrutador pode ver o perfil completo da pessoa “para não ser influenciado pelas suas crenças e viés cognitivo inconsciente”.

Em recrutamentos tradicionais também há casos em que o algoritmo exclui candidatos porque usam no currículo palavras-chave diferentes das que estão nos anúncios. “O nosso modelo de processamento de linguagem natural consegue perceber que a competência *customer service* é equivalente a *customer management*, ou que Microsoft Excel é muito semelhante a Google Sheets”, explica o CEO.

Também “há estudos que indicam que os homens costumam indicar mais competências do que as mulheres”, o que as pode prejudicar. “No nosso caso, o algoritmo tenta compensar para que isso não aconteça”, acrescenta.

No mercado há “mais ou menos um ano”, a eikko trabalha, actualmente com “empresas da área tecnológica, ligadas à inovação, ao empreendedorismo”.

Ainda não há uma aplicação que possa ser descarregada para telemóveis, mas é um objectivo. “Obviamente que é sempre melhor ter a *app* nativa, mas ainda não temos fundos para isso”, confessou o CEO.

Inteligência artificial

Apple junta-se à “corrida” e faz parceria com OpenAI

A Apple apresentou novidades que podem não só nivelar a competição com a Microsoft na corrida à inteligência artificial (IA), como fazer escalar a venda de novos equipamentos. A partir do Outono os sistemas operativos do iPhone, iPad e Mac vão passar a incluir ferramentas de IA integradas, capazes de cruzar informações de diferentes aplicações.

A tecnológica chama-lhe, convenientemente, Apple Intelligence (AI), e promete usar maioritariamente os recursos dos dispositivos, só recorrendo à “*cloud*” quando estritamente necessário, salvaguardando a privacidade. Algumas das funcionalidades podem ser executadas através do ChatGPT, com a permissão do utilizador. A parceria com a OpenAI foi anunciada na WWDC, a conferência anual da Apple para programadores que decorre esta semana.

O sistema AI só estará disponível nos mais apetrechados iPhones 15 Pro e nos iPads e Macs com o *chip* M1 ou superior — ou seja, será um poderoso argumento para vender o próximo iPhone, produto que continua a ser a principal fonte de receita da Apple e assiste há anos a uma estagnação nas vendas.

O assistente virtual Siri, até aqui bastante atrasado em relação ao concorrente da Google, pode bem ganhar um novo balanço. Resta saber se a Siri será capaz de comunicar em português de Portugal.

Outras novidades são a manipulação dos ícones no ecrã do iPhone, suporte para mensagens via satélite e RCS (a norma que substituiu a SMS), maior integração entre Mac e iPhone e uma calculadora para o iPad que inclui muitas e interessantes funcionalidades de IA. No computador, o *browser* Safari promete ser mais rápido, ganhando a capacidade de extrair informação útil dos *sites* e de fazer resumos. Foi ainda apresentada uma actualização de *firmware* nos AirPods Pro 2 que acrescenta novos gestos e melhor qualidade de som nas chamadas telefónicas. P.E.

Guia

Cinema

O Homem dos Teus Sonhos

Cartaz, críticas, trailers e passatempos em cinecartaz.publico.pt

Porto

Cinema Trindade
R. Dr. Ricardo Jorge. T. 223162425
Evil Does Not Exist - O Mal Não Está Aqui 17h15; **Ainda Temos o Amanhã** M14. 19h30; **O Sabor da Vida** M12. 14h30; **Manga d'Terra** M14. 17h30, 21h45; **A Quimera** M12. 15h, 19h15; **Pedágio** M14. 21h30

Cinemas Nos Alameda Shop e Spot
R. dos Campeões Europeus 28 198. T. 16996
O Reino do Planeta dos Macacos M12. 18h20; **Furiosa: Uma Saga Mad Max** M14. 18h, 21h20; **Garfield: O Filme** M6. 13h50, 16h20, 19h20 (VP); **Assassino Profissional** M12. 21h50; **Manga d'Terra** M14. 20h30; **Bad Boys: Tudo ou Nada** M14. Sala Atmos - 13h20, 16h10, 19h, 22h; **Dragonkeeper - Ping e o Dragão** M6. 13h10, 15h30 (VP); **O Teu Rosto Será o Último** 14h20, 17h10; **Bolero** M12. 21h30; **Heróis na Hora** M6. 13h30, 16h (VP); **O Exorcismo** 13h40, 15h50, 18h30, 21h10; **O Homem dos Teus Sonhos** M14. 14h, 16h30, 19h10, 21h40

Medeia Teatro Municipal Campo Alegre
R. das Estrelas. T. 226063000
Dias Selvagens 21h30;

Amarante

Cinema Teixeira de Pascoaes
Largo de Santa Luzia. T. 255431084
Close M12. 21h30

Aveiro

Cinemas Nos Glicínias
C.C. Glicinias, Lj 50. T. 16996
Furiosa: Uma Saga Mad Max M14. 20h30, 24h; **Garfield: O Filme** M6. 13h30, 16h15, 18h50 (VP); **Assassino Profissional** M12. 15h20, 18h, 21h10, 23h50; **Bad Boys: Tudo ou Nada** M14. Sala Atmos - 13h05, 15h45, 18h30, 21h30, 00h10; **Haikyel!! A Batalha na Lixeira** M6. 13h50, 16h, 18h20, 20h50, 23h10; **Heróis na Hora** M6. 13h30, 16h15, 18h50 (VP); **O Exorcismo** 14h50, 17h10, 19h30, 22h10, 00h30; **The Watchers: Eles Vêem Tudo** M16. 21h50, 00h20

Braga

Cinemas Nos Braga Parque
Quinta dos Congregados. T. 16996
Tarot - Carta da Morte M16. 21h45, 00h25; **O Reino do Planeta dos Macacos** M12. 14h10, 17h30; **Furiosa: Uma Saga Mad Max** M14. 13h40, 17h, 20h40, 23h50; **Garfield: O Filme** M6. 13h25, 15h50, 18h20 (VP/2D), 15h25 (VP/3D), 21h, 23h30 (VO/2D); **Assassino Profissional** M12. 13h15, 16h10, 18h50, 21h40, 00h15; **Bad Boys** M14. 13h10, 15h55, 18h40, 21h20, 00h05; **Dragonkeeper - Ping e o Dragão** M6. 14h, 16h30, 19h (VP); **Haikyel!! A Batalha na Lixeira** M6. 13h20, 15h30, 17h40, 19h50, 22h, 00h10; **O Exorcismo** 13h05, 18h, 21h30, 23h55; **O Homem dos Teus Sonhos** M14. 13h30, 16h, 18h30, 21h10, 23h35; **The Watchers: Eles Vêem Tudo** M16. 21h50, 00h20

Cineplace Nova Arcada - Braga
C. C. Nova Arcada, Av. De Lamas.
Pinóquio: A História Verdadeira M6. 13h20, 15h20, 17h20 (VP); **O Panda do Kung Fu 4** M6. 13h30 (VP); **O Reino do Planeta dos Macacos** M12. 21h30; **IF: Amigos Imaginários** M6. 13h, 15h, 17h10 (VP); **Furiosa: Uma Saga Mad Max** M14. 21h; **Garfield: O Filme** M6. 13h, 15h, 17h10, 19h20 (VP); **Bad Boys: Tudo ou Nada** M14. 14h20, 16h40, 19h, 21h20; **Dragonkeeper - Ping e o Dragão** M6. 13h, 15h10, 17h20 (VP); **Comandante** M14. 21h50; **Haikyel!! A Batalha na Lixeira** M6. 13h30, 15h30, 17h30, 19h30; **Bolero** M12. 19h20, 21h30; **Heróis na Hora** M6. 13h, 15h, 17h10, 19h (VP); **O Exorcismo** Xplace Atmos - 15h30, 18h30,

Estreias

O Homem dos Teus Sonhos

De Kristoffer Borgli. Com Lily Bird, Nicolas Cage, Julianne Nicholson, Jessica Clement. EUA/CAN. 2023. 102m. Comédia Dramática. M14.

Paul Matthews era um homem comum até se ter tornado uma personagem constante nos sonhos das outras pessoas. Tudo corre com relativa tranquilidade até os sonhos, até aí inócuos, se converterem em pesadelos horríveis, onde ele tem sempre um papel preponderante.

Pedágio

De Carolina Markowicz. Com Maeve Jinkings, Thomas Aquino, Isac Graça, Erom Cordeiro. POR/BRA. 2023. 102m. Drama. M14.

Suellen, trabalhadora de uma portagem, é capaz de tudo para cuidar de Tiquinho, o seu filho. Quando descobre que ele é homossexual, decide recorrer a um pastor que lhe é recomendado devido às suas terapias de reconversão do "mal gay". Mas o tratamento está fora das possibilidades económicas desta mãe.

Bolero

De Anne Fontaine. Com Raphaël Personnaz, Doria Tillier, Jeanne Balibar, Emmanuelle Devos. BEL/FRA. 2024. 120m. Drama, Musical. M12.

Paris, década de 1920. A dançarina Ida Rubinstein pede a Maurice Ravel para compor uma música para um balé, que ela quer que seja ousado e cheio de sensualidade. Apesar de ele estar numa fase pouco criativa e se debater com problemas de saúde, o resultado é "Bolero", a mais famosa obra da sua carreira.

Comandante

De Edoardo De Angelis. Com Pierfrancesco Favino, Johan Heldenbergh, M. Rossi, Luca Chikovani. ITA. 2023. 120m. Drama, Biografia. M14.

Baseado num evento verídico ocorrido em plena Segunda Grande Guerra, este filme conta a história do capitão Salvatore Todaro (1908-1942), o comandante do submarino "Cappellini" que, depois de ter afundado um navio que carregava armamento para os ingleses, tomou uma decisão inesperada que desafiava as leis da guerra mas honrava as do mar: resgatar os sobreviventes da embarcação inimiga.

O Exorcismo

De Joshua John Miller. Com Russell Crowe, Ryan Simpkins, Sam Worthington, Chloe Bailey. EUA. 2024. 93m. Terror.

Anthony Miller é contratado para substituir um actor que morreu durante a rodagem de um filme de terror. Quando começa a demonstrar um comportamento errático, a filha começa a questionar-se se o pai estará a ter uma crise mental ou se estará sob a influência de algo sobrenatural.

Cobweb - A Teia

De Kim Jee-woon. Com Song Kang-ho, Lim Soo-jung, Oh Jung-se, Jeon Yeo-been. JAP. 2023. 135m. Comédia. M14.

Década de 1970. Kim, um famoso cineasta coreano, estava satisfeito com a estreia do seu último filme até ser totalmente arrasado pela crítica. Algum tempo mais tarde, com um novo trabalho praticamente terminado, começa a sonhar com um final alternativo que, segundo o seu instinto, pode transformar aquele filme numa obra-prima.

Haikyel!! A Batalha na Lixeira

De Susumu Mitsunaka. Com Ayumu Murase (Voz), Kaito Ishikawa (Voz), Yûki Kaji (Voz). JAP. 2024. 85m. Animação, Aventura. M6.

A equipa de voleibol da escola secundária de Karasuno avança para a terceira fase do torneio Harutaka, na província de Miyagi (Japão). Chegados a esta fase da competição, terão de enfrentar os jogadores da escola de Nekoma, com quem têm um historial de rivalidade.

Heróis na Hora

De Ricard Cussó. Com Deborah Mailman (Voz), Ed Oxenbould (Voz), Frank Woodley (Voz). Austrália. 2020. 90m. Animação. M6.

Uma jovem vombate transformou-se numa super-heroína depois de salvar um esquilo. Essa situação deu-lhe um inesperado gosto por socorrer criaturas em perigo, algo verdadeiramente difícil na cidade onde vive, que atingiu os índices de criminalidade mais baixos da sua história.

As estrelas

P

	Jorge Mourinha	Luís M. Oliveira	Vasco Câmara
Assassino Profissional	★★★☆☆	—	—
O Auge do Humano 3	★★★☆☆	★☆☆☆☆	★★★☆☆
O Bêbado	—	★★★☆☆	★★★☆☆
Bolero	★★☆☆☆	—	★☆☆☆☆
Cobweb — A Teia	★★☆☆☆	—	—
Comandante	—	★☆☆☆☆	★☆☆☆☆
Furiosa	★★☆☆☆	★★☆☆☆	★☆☆☆☆
O Homem dos Teus Sonhos	★★☆☆☆	—	★★☆☆☆
Manga d'Terra	★★★★☆	★★★☆☆	★★★☆☆
Origin — Desigualdade e Preconceito	—	★☆☆☆☆	★☆☆☆☆
Pedágio	—	★★☆☆☆	★★☆☆☆
A Quimera	★★★☆☆	★★★☆☆	★★☆☆☆
Sob as Águas do Sena	—	—	●
O Teu Rosto Será o Último	★☆☆☆☆	★★☆☆☆	—

● Mau ★☆☆☆☆ Medíocre ★★☆☆☆ Razoável ★★★☆☆ Bom ★★★★☆ Muito Bom ★★★★★ Excelente

21h30, 23h40; **O Homem dos Teus Sonhos** M14. 19h30, 21h40; **The Watchers: Eles Vêem Tudo** M16. 19h20, 21h30; **Bad Boys: Tudo ou Nada** M14. Xplace Atmos - 14h40, 17h, 19h20, 21h40, 24h

Coimbra

Casa do Cinema de Coimbra
Ainda Temos o Amanhã M14. 17h; **A Quimera** M12. 14h30; **Comandante** M14. 19h15; **Pedágio** M14. 21h30

Cinemas Nos Alma Shopping
Challengers M12. 15h10, 18h20, 22h; **O Reino do Planeta dos Macacos** M12. 20h30; **IF: Amigos Imaginários** M6. 14h50, 17h40 (VP); **Furiosa: Uma Saga Mad Max** M14. 13h50, 17h10, 20h40; **Garfield: O Filme** M6. 13h40, 16h20, 19h10 (VP); **Bad Boys: Tudo ou Nada** M14. Sala Atmos - 13h20,16h, 18h40, 21h30; **O Teu Rosto Será o Último** 14h40, 17h50, 21h10; **Cobweb - A Teia** M14. 21h40; **Comandante** M14. 14h20, 17h20; **Haikyel!! A Batalha na Lixeira** M6. 14h10, 16h30, 18h50, 21h20; **Bolero** M12. 14h30, 17h30, 20h50; **O Exorcismo** 14h, 16h40, 19h20, 21h50; **Pedágio** M14. 21h

Cinemas Nos Fórum Coimbra
O Reino do Planeta dos Macacos M12. 21h, 21h45; **Furiosa: Uma Saga Mad Max** M14. 14h, 17h45, 21h30; **Garfield: O Filme** M6. 15h, 18h15 (VP); **Assassino Profissional** M12. 13h30, 16h10, 19h15, 22h15; **Bad Boys: Tudo ou Nada** M14. 14h45, 17h30, 20h15, 23h10; **Heróis na Hora** M6. 14h30, 16h50, 19h30 (VP); **O Homem dos Teus Sonhos** M14. 14h15, 17h, 20h, 22h45; **The Watchers: Eles Vêem Tudo** M16. 22h

São João da Madeira

Cineplace - São João da Madeira
O Reino do Planeta dos Macacos M12. 21h20; **Garfield** 14h20, 16h20 (VP); **Bad Boys: Tudo ou Nada** M14. 17h10, 19h30, 21h50; **Bad Boys** M14. 19h, 21h20; **Dragonkeeper - Ping e o Dragão** M6. 13h, 15h (VP); **Haikyel!! A Batalha na Lixeira** M6. 14h, 15h50, 17h40 (VP); **Heróis na Hora** M6. 13h30, 15h20, 17h10 (VP); **O Exorcismo** 18h30, 21h30; **O Homem dos Teus Sonhos** M14. 19h30

Viana do Castelo

Cineplace Estação Viana Shopping
Furiosa: Uma Saga Mad Max M14. 18h40; **Garfield: O Filme** M6. 14h20, 16h20 (VP); **Bad Boys: Tudo ou Nada** M14. 14h30, 16h50, 19h10, 21h30; **Dragonkeeper - Ping e o Dragão** M6. 14h50 (VP); **Heróis na Hora** M6. 13h, 16h50 (VP); **O Exorcismo** 18h20, 21h20; **The Watchers: Eles Vêem Tudo** M16. 21h40

Vila Nova de Gaia

Cinemas Nos GaiaShopping
C.C. Gaiashopping, Lj 2.25. T. 16996
Tarot 21h50, 00h30; **O Reino do Planeta dos Macacos** M12. 18h30, 22h; **IF: Amigos Imaginários** M6. 13h50, 16h40 (VP); **Furiosa: Uma Saga Mad Max** M14. 20h40, 00h10; **Garfield** 13h30, 16h10, 18h50 (VP); **Assassino Profissional** 13h, 15h40, 18h20, 21h, 23h40; **Bad Boys: Tudo ou Nada** M14. 13h20, 16h, 18h40, 21h30, 00h20; **Bad Boys: Tudo ou Nada** M14. Sala 4DX - 12h50, 15h30, 18h10, 20h50, 23h20; **Dragonkeeper - Ping e o Dragão** M6. 13h10, 15h50 (VP); **Haikyel!! A Batalha na Lixeira** M6. 12h40, 14h50, 17h, 19h10, 21h20, 23h30; **O Exorcismo** 13h40, 16h30, 19h, 21h40, 24h; **O Homem dos Teus Sonhos** M14. 14h, 16h20, 21h10, 23h50; **The Watchers: Eles Vêem Tudo** M16. 18h50

UCI Arrábida 20
Arrábida Shopping. T. 223778800
Challengers M12. 18h20, 21h20; **Profissão: Perigo** M12. 18h50, 21h45; **O Reino do Planeta dos Macacos** M12. 16h20, 21h45; **IF: Amigos Imaginários** M6. 14h20, 16h50, 19h15 (VP), 21h35 (VO); **O Sabor da Vida** M12. 13h15, 16h05, 19h15, 22h05; **Os Estranhos: Capítulo 1** M16. 13h55, 19h30; **Furiosa: Uma Saga Mad Max** M14. 14h25, 18h, 21h50, 00h05; **Garfield: O Filme** M6. 13h45, 16h25, 18h55 (VP), 21h25 (VO); **Assassino Profissional** M12. 13h50, 16h30, 19h10, 22h, 00h15; **Origin - Desigualdade e Preconceito** 16h, 21h20; **Manga d'Terra** M14. 13h40, 19h; **A Quimera** M12. 16h, 21h15; **Bad Boys: Tudo ou Nada** M14. 13h35, 14h10, 16h15, 16h45, 18h55, 19h20, 21h30, 21h55, 24h; **Dragonkeeper - Ping e o Dragão** M6. 13h30, 15h55 (VP); **O Teu Rosto Será o Último** 13h25, 18h55; **Cobweb - A Teia** M14. 13h20, 16h10, 19h05, 22h, 00h10; **Comandante** M14. 16h15, 21h55; **Haikyel!! A Batalha na Lixeira** M6. 14h10, 16h30, 19h10, 21h30; **Bolero** M12. 13h40, 16h20, 19h, 21h40; **Heróis na Hora** M6. 14h, 16h10 (VP); **O Exorcismo** 14h20, 16h40, 19h20, 21h50, 00h20; **O Homem dos Teus Sonhos** M14. 14h05, 16h35, 19h05, 21h25; **Pedágio** M14. 13h35, 18h50; **The Watchers** M16. 14h15, 16h40, 19h20, 21h40, 00h25

Lazer

TEATRO

Os Homens Morrem as Mulheres Sobrevivem

PORTO Teatro Nacional São João. De 13/6 a 22/6. Quarta, quinta e sábado, às 19h; sexta, às 21h; domingo, às 16h. M/14. 7,50€ a 16€

A companhia Ensemble – Sociedade de Actores estreia uma peça escrita por Arnold Wesker e encenada por Jorge Pinto. Conta a história de Minerva, Misha e Claire, três mulheres reunidas em reflexões sobre os falhanços – e culpas e fantasmas – das respectivas relações.

FESTAS

Festa do Vinho Verde e dos Produtos Regionais

PONTE DE LIMA Expolima. De 14/6 a 16/6. Entrada livre

Para dar a conhecer a excelência do néctar da região e do que mais ali se produz, dos saberes aos sabores, a festa volta a pôr Ponte de Lima no centro das atenções. A 32.ª edição do certame ergue brindes, *showcookings*, degustações, harmonizações e provas comentadas. O X Concurso de Vinhos Verdes, um festival de folclore e os concertos de João Pedro Pais, Os Azeitonas e Kumpania Algazarra, entre outras notas, completam o programa.

PASSEIOS

Rider — Passeio de Automóveis e Motos Clássicas

CARAMULO De 14/6 a 16/6.

A descrição feita pelo Museu do Caramulo dá uma boa imagem do que é o conceito do Rider: um convite a andar por estradas "que combinam paisagens serpenteantes por serras e montanhas, a beleza cénica do Rio Dão, e a rica e variada gastronomia tipicamente beirã". O passeio de automóveis e motos clássicas está de volta ao asfalto, com especial ênfase na zona da serra da Lousã. Durante três dias, a caravana regressa à estrada com participantes de nacionalidades diversas (Portugal, Espanha, Inglaterra, Alemanha e Holanda são algumas das bandeiras presentes) e um programa paralelo feito de visitas aos museus do Quartzo e do Caramulo, a uma colecção particular de motos antigas e ao Caramulo Experience Center.

Jogos

Jogue também online. Palavras-cruzadas, bridge e sudoku em publico.pt/jogos

EuroDreams 17 19 21 22 23 27 1

1.º Prémio 20.000€/mês x 30 anos

Esta informação não dispensa a consulta da lista oficial de prémios

Lotaria Popular

1.º Prémio 50.000€

Esta informação não dispensa a consulta da lista oficial de prémios

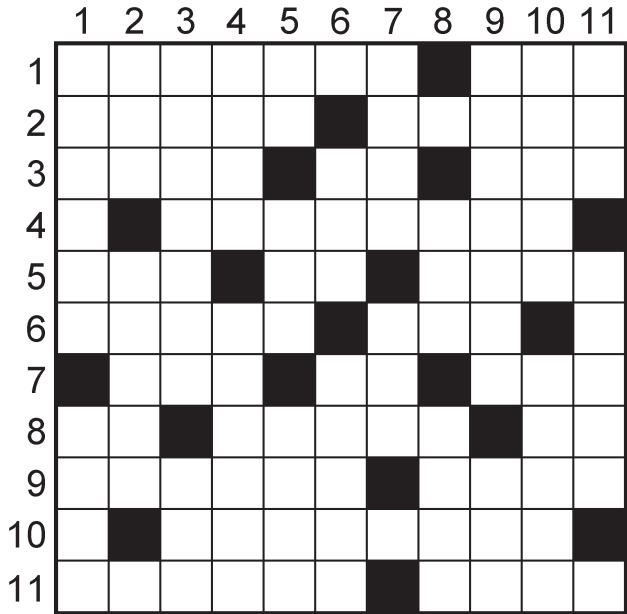
Cruzadas 12.461

Paulo Freixinho
palavrascruzadas@publico.pt

Horizontais: 1. Reportaram quase dez mil casos de crianças em perigo às CPCJ em 2023. Anotação musical para indicar repetição. **2.** Difícil. Elemento de formação de palavras que exprime a ideia de masculino. **3.** Da mesma forma que. Armada Portuguesa. Preposição designativa de substituição. **4.** Impõe taxas adicionais à importação de carros eléctricos da China. **5.** Abandona. Prefixo (repetição). Levantou. **6.** Ermida fora do povoado. Prefixo (ouvido). **7.** Argola. Elas. Autor (fig.). **8.** Antes do meio-dia. Calcular a olho. Admirador entusiasta. **9.** Cientistas portugueses descobriram nova terapia biológica para tratar esta doença. Capital da Noruega. **10.** Ideal de tranquilidade de espírito preconizado pelos filósofos epicuristas e estóicos. **11.** "(...) ruiva, ou vento ou chuva". Argila colorida.

Verticais: 1. Dispensado. Vela de moinho. **2.** Exsudo. Dinheiro (gíria). **3.** Trocar. Casal. **4.** Cheiro. Insulto. **5.** Variante do pronome "o". Larva (Brasil). Fechar as asas (a ave) para descer mais rapidamente. **6.** Pequeno ferimento. Adorara. **7.** Interjeição usada familiarmente para afugentar gatos. Península da Costa Rica. **8.** Latim (abrev.). Que tem cor entre rubro e violáceo. **9.** Promove concursos e bolsas de criação para dinamizar a banda desenhada oriunda de Moçambique, Angola e Cabo Verde. Textualmente (adv.). **10.** Furioso. Bafejar. **11.** Redução de senhor. Junção.

Solução do problema anterior

Horizontais: 1. Arraial. Cor. **2.** Ceou. Sugere. **3.** Oto. TT. Ur. **4.** PR. Sardinha. **5.** Lóculo. Mear. **6.** ASAE. Pa. LA. **7.** Pichardo. **8.** Mi. Razão. **9.** Zumbir. Euro. **10.** Ás. Cadastro. **11.** Sabe. Yb.
Verticais: 1. Acoplar. Zás. **2.** Retrós. Musa. **3.** Roo. Capim. **4.** Au. Suei. BCE. **5.** Tal. Cria. **6.** Astro. Hardy. **7.** Lu. Paz. Ab. **8.** Guimarães. **9.** Cerne. Douto. **10.** Or. Halo. Rr. **11.** Repara. Soou.

Bridge

João Fanha
fanhabridge.pt

Dador: Norte
Vul: EO

Oeste	Norte	Este	Sul
	1♣	passo	1ST
passo	3ST	Todos passam	

Leilão: Qualquer forma de Bridge.

Carteio: Saída: 10♥. Qual a melhor linha de jogo?

Solução: Temos sete vazas garantidas, e boas expectativas quanto ao naipe de paus. Será bastante fácil obter mais duas vazas a paus se os paus que faltam estiverem divididos 2-2 ou 3-1 nas mãos dos adversários, mas muito cuidado para a possibilidade de se encontrarem 4-0. Consegue ver alguma maneira de lidar com essa eventualidade?
Uma vez que lhe faltam J10 de paus, será necessário ter duas cartas maiores para as capturar se quisermos fazer as cinco vazas a paus. Ora, isso só é possível começando por bater o Rei de paus e esperar que os quatro paus que faltam estejam todos eles na mão de Oeste. Quando Este não assiste, prossiga com outro pau em direção ao morto. Oeste irá inserir o 10 e teremos que fazer a vaza com a Dama, voltar a Sul e repetir novamente a passagem a paus, e ainda voltar a Sul uma última vez para encaixar o quinto pau. Tem entradas na mão de Sul para tudo isto?
A chave do jogo é preservar duas entradas a copas jogando desde logo o Ás de copas! O Rei e o Valete de copas serão as duas entradas que Sul necessita para executar este plano.

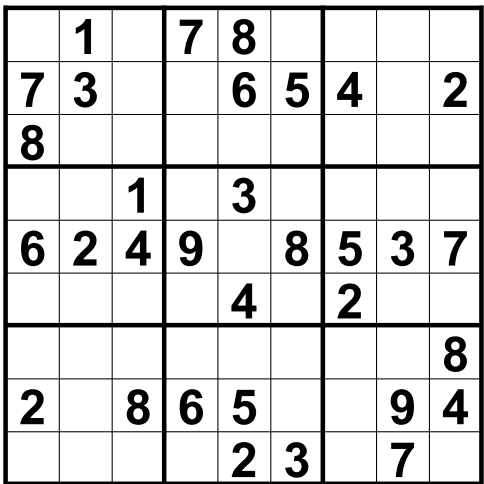
Considere o seguinte leilão:

Oeste	Norte	Este	Sul
			1♦
1♠	X	passo	?

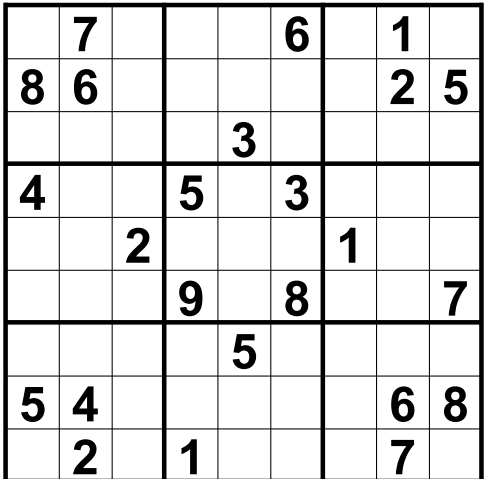
O que marca em Sul com a seguinte mão?
♠763 ♥K10 ♦AJ32 ♣KQ74

Resposta: Marque 1ST. Não garante a defesa a espadas e se o parceiro a tiver ainda teremos o carteio bem colocado. A caminho de partida e sem defesa a espadas, deve o parceiro usar o cuebid para nos perguntar por ela.

Sudoku

Problema 12.686 (Fácil)

Solução 12.684

4	7	1	2	8	9	6	3	5
9	2	5	6	3	1	7	4	8
8	3	6	7	5	4	2	9	1
1	4	9	3	6	2	8	5	7
7	6	8	4	1	5	3	2	9
3	5	2	8	9	7	4	1	6
5	8	3	9	4	6	1	7	2
6	9	7	1	2	3	5	8	4
2	1	4	5	7	8	9	6	3

Problema 12.687 (Muito Difícil)

Solução 12.685

7	2	9	1	3	6	5	8	4
8	5	3	4	2	7	6	1	9
1	6	4	5	8	9	3	7	2
2	7	1	8	6	4	9	3	5
6	3	5	9	7	2	1	4	8
9	4	8	3	5	1	2	6	7
4	1	2	6	9	8	7	5	3
5	8	7	2	1	3	4	9	6
3	9	6	7	4	5	8	2	1

Guia

CINEMA

May December: Segredos de um Escândalo
TVCine Top, 19h35
Há 20 anos, Gracie Atherton-Yoo, na altura com 36 anos, viu-se envolvida num enorme escândalo quando a sua relação amorosa com Joe, de apenas 13, foi tornada pública. Hoje, depois de ela ter cumprido pena de prisão e terem sido ultrapassadas todas as dificuldades, os dois levam uma vida tranquila na Georgia, com os seus dois filhos gémeos. Tudo muda com a chegada de Elizabeth, uma actriz envolvida na produção de um filme sobre o caso. Estreado no Festival de Cinema de Cannes, este é um filme do veterano Todd Haynes. O argumento, escrito por Samy Burch e Alex Mechanik e nomeado para um Óscar, é inspirado na história de Mary Kay Letourneau (1962-2020). O elenco conta com Natalie Portman, Charles Melton e Julianne Moore, na sua quinta colaboração com Todd Haynes.

Sherlock Holmes
Cinemundo, 20h20
Sherlock Holmes, o mais brilhante investigador de todos os tempos, criado pelo médico e escritor *sir* Arthur Conan Doyle, ressurge numa abordagem diferente, cheia de acção, onde o intelecto e a dedução estão agora aliados às artes marciais e ao boxe. Londres, 1890. Lord Blackwood (Mark Strong), proclamando a sua imortalidade e poderes ocultos, confunde a Scotland Yard e aterroriza a população. Com a realização do britânico Guy Ritchie, este filme de 2010 junta a dupla Robert Downey Jr. e Jude Law como Sherlock e Watson, respectivamente. A continuação, *Sherlock Holmes: Jogo de Sombras*, datada de 2011, passa depois no dia 21.

DOCUMENTÁRIOS

Ryuichi Sakamoto: Coda
TVCine Edition, 22h
Este ano, as salas de cinema despediram-se de Ryuichi Sakamoto, o pianista e compositor japonês desaparecido em 2023, com *Opus*, o seu derradeiro concerto. Em 2017, Stephen Nomura Schible assinou este documentário sobre o percurso do músico, dos tempos do tecno-pop de sucesso dos Yellow Magic Orchestra à visibilidade enquanto compositor. Passa pelo activismo antinuclear depois da tragédia de Fukushima e culmina no diagnóstico do cancro que o viria a matar anos depois. Marca o arranque do especial *Música e Arte*, que passará às sextas até dia 28. A seguir, às 23h45, o canal transmite *Hermitage – O Poder da Arte*, de Michele Mally.

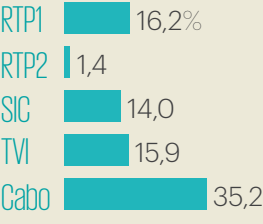
Trabalhos de Casa
RTP2, 22h55
Com realização do iraniano Abbas Kiarostami (1940-2016), este documentário de 1989 versa sobre o sistema educacional iraniano, onde vários alunos e dois pais de alunos são entrevistados e falam sobre o excesso de trabalhos de casa e as punições a que são sujeitos. É feito à volta da escola primária Shahid Masumi, em Teerão.

Televisão

Os mais vistos da TV
Quarta-feira, 12

		% Aud.	Share
Big Brother - Especial	TVI	9,3	19,1
Jornal da Noite	SIC	7,9	16,9
Cacau	TVI	7,8	16,5
Jornal Nacional	TVI	7,7	16,7
Casados à Primeira Vista	SIC	7,2	18,4

FONTE: CAEM

Canal	Share
RTP1	16,2%
RTP2	1,4
SIC	14,0
TVI	15,9
Cabo	35,2

RTP1

6.00 Bom Dia Portugal **10.00** Praça da Alegria **12.59** Jornal da Tarde **14.25** Escrava Mãe **15.23** A Nossa Tarde **17.30** Portugal em Directo

19.00 Telejornal **19.41** Cerimónia de Abertura -Euro 2024

19.50 Futebol: Euro 2024 - Alemanha x Escócia

22.05 Joker

23.04 Sempre

0.00 Noites do Euro **1.21** Lusitânia **2.22** S.W.A.T.: Força de Intervenção **3.03** Hora de Agir **3.18** Escrava Mãe

RTP2

6.00 A Fé dos Homens **6.32** Repórter África **7.00** Espaço Zig Zag **9.30** Campeonatos da Europa de Desportos Aquáticos **12.45** Folha de Sala **12.50** Segredos Médicos de Lisboa **13.00** ESEC TV **13.30** Conversas Abertas na Universidade **14.00** Sociedade Civil **15.04** A Fé dos Homens **15.30** Conta-me História **16.10** A Aventura de David Attenborough Pelo Mundo **17.00** Espaço Zig Zag **20.25** As Fronteiras da História **21.30** Jornal 2 **22.00** Hotel à Beira-Mar **22.50** Folha de Sala

22.55 Trabalhos de Casa

0.12 Sociedade Civil **1.20** Folha de Sala **1.24** Cabrita Convida The Legendary Tigerman, Samuel Úria e Selma Uamusse **2.55** Portugal 3.0 **3.51** Portugal Culto e Oculto **4.21** Viva Saúde **4.53** Folha de Sala **5.00** Amantes na Fronteira **5.45** Volta ao Mundo

SIC

6.00 Edição da Manhã **8.30** Alô Portugal **10.00** Casa Feliz **12.59** Primeiro Jornal **14.45** Linha Aberta **16.00** Júlia **17.45** Morde & Assopra

18.15 Terra e Paixão

19.00 Casados à Primeira Vista

19.57 Jornal da Noite

22.00 Senhora do Mar

23.00 Papel Principal

23.45 Casados à Primeira Vista

0.45 Travessia

1.30 Passadeira Vermelha

TVI

5.45 As Aventuras do Gato das Botas **10.00** Dois às 10 **12.58** TVI Jornal **14.15** Diário do Euro **14.30** TVI - Em Cima da Hora **15.00** A Sentença

15.30 A Herdeira

16.15 Goucha **17.30** Big Brother

19.57 Jornal Nacional

21.15 Cacau

22.45 Festa É Festa

23.45 Big Brother **2.15** O Beijo do Escorpião **3.00** Deixa Que Te Leve

TVCINE TOP

17.40 Coração de Campeão **19.35** May December: Segredos de um Escândalo **21.30** Som da Liberdade **23.40** The Equalizer 3: Capítulo Final **1.30** House Party **3.15** São Jorge

STAR MOVIES

16.26 McLintock, o Magnífico **18.33** A Conquista do Oeste **21.15** Os Caçadores de Escalpes **23.08** Navajo Joe **0.50** Assalto ao Carro Blindado **2.29** Massacre

HOLLYWOOD

17.00 O Negociador **19.20** Need For Speed: O Filme **21.30** Miss Detective 2: Armada e Fabulosa **23.30** Não Brinques com Estranhos **1.10** O Último a Cair

AXN

16.02 SWAT: Força de Intervenção **17.42** The rookie **21.06** Hudson & Rex **22.00** Um Ajuste de Contas **23.49** O Golpe: The Drop **1.41** O Lobo de Wall Street

STAR CHANNEL

17.20 Investigação Criminal: Los Angeles **18.55** Magnum P.I. **20.34** Hawai Força Especial **22.15** Birds of Prey (e a Fantabulástica Emancipação de uma Harley Quinn) **0.16** Hellboy (2019)

DISNEY CHANNEL

16.50 Miraculous - As Aventuras de Ladybug **17.40** A Maldição de Molly McGee **18.30** Hamster & Gretel **19.15** Os Green na Cidade Grande **20.50** Vingadores Marvel: Alerta Vermelho **21.45** Como Treinares o teu Dragão: O Mundo Secreto

DISCOVERY

19.07 Aventura à Flor da Pele **21.00** Roadworthy Rescues **22.52** Jóias Sobre Rodas

HISTÓRIA

18.06 Mistérios no Gelo **20.11** O Preço da História

ODISSEIA

18.39 Animais de Estimação Bebés **19.27** Cães Muito Mal-Educados **22.31** A Mentalista de Animais de Estimação **23.17** Resgate de Cães: Segunda Oportunidade

MÚSICA

Cabrita convida The Legendary Tigerman, Samuel Úria e Selma Uamusse
RTP2, 01h24
Com uma longa carreira feita ao saxofone, mas também na produção e transcrição, João Cabrita estreou-se a solo enquanto Cabrita em 2020. A 1 de Setembro de 2022, e a propósito do Figueira Jazz Fest, festival que ía na sua terceira edição, actuou no Grande Auditório do Centro de Artes e Espectáculos da Figueira da Foz com a sua banda e convidados de peso para as vozes: The Legendary Tigerman, Samuel Úria e Selma Uamusse.

DESPORTO

Futebol: Alemanha x Escócia
RTP1, 19h50
Directo. Chegou a edição de 2024 do Campeonato Europeu de Futebol, que durará um mês e este ano se realiza na Alemanha. O primeiro jogo colocará frente a frente a Alemanha e a Escócia. A RTP1 vai transmitir, além deste jogo de arranque e dos jogos da fase de grupos (Portugal defronta a Turquia no dia 22), duas partidas dos oitavos-de-final, uma dos quartos, uma das meias-finais e, ainda, a final da competição.

INFANTIL

Ultraman: Rising
Netflix, *streaming*
Estreia. Criada em 1966, data da série *Ultra Q*, a saga japonesa *Ultraman* é dos maiores e mais rentáveis sagas da cultura pop. Centra-se numa raça de extraterrestres, os Ultras, uma civilização avançada. Esta co-produção japonesa e americana, com a chancela Industrial Light & Magic, assinada por Shannon Tindle, é o 44.º filme da saga.

Meteorologia

PORTUGAL

Viana do Castelo 13º 20º
Bragança 6º 23º
Braga 9º 21º
Vila Real 7º 19º
Porto 10º 20º
16º 1,0m
Aveiro 10º 21º
Viseu 8º 21º
Guarda 7º 25º
Coimbra 10º 22º
Castelo Branco 10º 26º
Leiria 14º 21º
Santarém 13º 28º
Portalegre 10º 26º
Lisboa 15º 24º
Setúbal 14º 26º
Évora 12º 29º
Sines 15º 22º
Beja 12º 29º
17º 0,8m
Sagres 16º 21º
Faro 17º 26º
19º 0,8m

Açores

Corvo
Flores 20º 23º
22º 1m
São Jorge
Graciosa
Terceira 16º 22º
21º 1,2m
Faial
Pico
São Miguel 16º 22º
Ponta Delgada
21º 1,0m
Sta Maria

Madeira

Madeira 18º 24º
Funchal
22º 0,5m
Porto Santo 19º 24º
21º 1,2m

MARÉS

Preia-mar / Baixa-mar *de amanhã

Leixões	m	Cascais	m	Faro	m
Preia-mar 09h50	2,5	09h24	2,6	09h21	2,5
Baixa-mar 15h44	1,4	15h19	1,6	15h09	1,5
Preia-mar 22h04	2,7	21h41	2,7	21h44	2,7
Baixa-mar 04h33*	1,3	04h09*	1,4	04h00*	1,3

PRÓXIMOS DIAS PORTO

	Sábado, 15	Domingo, 16	Segunda-feira, 17
Mín.	12º	16º	15º
Máx.	19º	20º	19º
Índice UV	Extremo	Médio	Baixo
Vento	Fraco	Fraco	Fraco
Humidade	67%	77%	88%

MEDIDOR DE CO2

Mauna Loa, Havai

Partes por milhão (ppm) na atmosfera
Valores por semana

Semana de 7 Jun.	426,68
Há um ano	424,44
Há dez anos	402,09
Semana de 26 Mai.	426,88
Nível de segurança	350
Nível pré-industrial	280

QUALIDADE DO AR

Portugal

Excelente
Razoável
Mau
Não é saudável
Nada saudável
Perigoso

Porto (Razoável), Coimbra (Razoável), Lisboa (Mau), Évora (Razoável), Faro (Razoável)

SOL

Nascente 06h11
Poente 21h03

LUA

Quarto crescente	14 Jun.	07h19
Lua cheia	22 Jun.	07h57
Quarto minguante	28 Jun.	23h55
Lua nova	4 Ago.	11h13

Nascente 13h49
Poente 02h12*
*de amanhã

EUROPA

Oslo, Estocolmo, Helsínquia, Talin, Riga, Copenhaga, Vilnius, Dublin, Londres, Amesterdão, Berlim, Varsóvia, Bruxelas, Praga, Paris, Viena, Budapeste, Genebra, Milão, Roma, Istambul, Lisboa, Madrid, Atenas

TEMPERATURAS ºC

	Mín.	Máx.		Mín.	Máx.
Amesterdão	13	19	Roma	14	28
Atenas	22	35	Viena	11	22
Berlim	13	20	Bissau	27	32
Bruxelas	11	19	Buenos Aires	12	18
Bucareste	15	24	Cairo	28	44
Budapeste	13	24	Caracas	21	30
Copenhaga	13	18	Cid. do Cabo	10	18
Dublin	8	16	Cid. do México	15	29
Estocolmo	11	18	Díli	21	30
Frankfurt	15	20	Hong Kong	27	33
Genebra	13	21	Jerusalém	24	38
Istambul	20	32	Los Angeles	16	26
Kiev	17	24	Luanda	22	27
Londres	11	18	Nova Deli	32	43
Madrid	15	29	Nova Iorque	19	31
Milão	18	24	Pequim	21	34
Moscovo	14	23	Praia	22	30
Oslo	10	18	Rio de Janeiro	20	30
Paris	11	22	Riga	8	18
Praga	11	20	Singapura	26	32

Fontes: AccuWeather; Instituto Hidrográfico; QualAR/Agência Portuguesa do Ambiente; NOAA-ESRL

AC Milan, o próximo passo em frente de Paulo Fonseca

O treinador português, de 51 anos, foi ontem confirmado como novo treinador da equipa italiana e foi elogiado pelos responsáveis do clube por causa do "estilo ofensivo" do seu futebol

David Andrade

Teve propostas para treinar, entre outros clubes, o Ajax e o Marselha, mas o que já era mais do que um rumor foi confirmado, ontem: Paulo Fonseca será na próxima temporada o treinador do AC Milan. O anúncio foi feito em conferência de imprensa pelo sueco Zlatan Ibrahimovic, representante do proprietário do clube vice-campeão italiano, que deixou fortes elogios ao português: "Queremos trazer a sua identidade de jogo, o seu estilo ofensivo para a nossa equipa." A chegada de Fonseca a San Siro é mais um passo em frente de um técnico que tem construído a sua carreira de forma consolidada, após um começo de carreira onde soube dar um passo atrás após uma má experiência no FC Porto, que serviu de "grande aprendizagem".

Há uma semana, os elogios tinham chegado pela boca de um dos nomes grandes da história recente do AC Milan. Comentando o estado actual do clube "*rossonero*", Andriy Shevchenko lembrou o trabalho de Paulo Fonseca na Ucrânia, no comando do Shakhtar – entre 2016 e 2019 conquistou três campeonatos, três taças e uma supertaça –, dizendo que o português fez um "excelente trabalho e deixou uma marca. É uma pessoa competente e respeitável".

Agora, Paulo Fonseca recebeu o selo de qualidade de outra figura histórica do AC Milan. Com um papel importante na estrutura dos milaneses – é um dos principais conselheiros do proprietário do clube –, Ibrahimovic justificou a aposta no antigo treinador do Lille: "Estudámos bem a situação. Definimos os critérios, pensámos muito e decidimos trazer o Paulo Fonseca, em função dos jogadores que temos, do futebol que queremos, com um estilo ofensivo e dominador. Estudámos como prepara os jogos, como treina os jogadores, como trabalha as equipas, e queremos trazer algo novo para San Siro. Com os jogadores que temos, acreditamos que combina muito bem. É o homem certo. Confiamos muito nele."

Pouco depois de ser confirmado no clube transalpino, o técnico foi citado pelos meios oficiais da equipa, mostrando-se "orgulhoso por assumir o cargo de treinador do AC Milan" e deixando a garantia de que vai "trabalhar para honrar" o "clube e a sua grande história". "Juntos, vamos lutar pela excelência e escrever um novo capítulo de sucessos que espero que possa ser celebrado pelos nossos extraordinários adeptos."

MATTEO CIAMBELLI/GETTY IMAGES

Paulo Fonseca terá, em Milão, um dos maiores desafios que enfrentou até ao momento como treinador de futebol

A chegada de Fonseca a um dos "grandes" do futebol italiano e europeu coloca sobre os ombros do português uma tarefa que não será certamente fácil – o trajecto recente do AC Milan tem sido pautado por uma enorme instabilidade –, mas este afigura-se como sendo mais um passo em frente numa carreira em que o técnico tem sabido gerir os momentos menos positivos.

Antigo defesa-central, que teve no Estrela da Amadora os momentos de maior sucesso como jogador, Paulo Fonseca iniciou a sua carreira na formação do clube amadorense, trabalhando depois nos seniores em escalões secundários – 1.º Dezembro, Odivelas e Pinhalnovense –, até que teve o primeiro momento de maior protagonismo quando colocou o Desp. Aves perto da subida à I Liga, em 2011/12.

O bom trabalho no clube avense abriu-lhe as portas do Paços de Ferreira, onde conseguiu uma das maiores proezas deste século no futebol português: colocou a equipa pacense no *play-off* da Liga dos Campeões, após um surpreendente e histórico terceiro lugar. O feito alcançado por um jovem técnico de 40 anos, aliado à qualidade do futebol apresentado pelos pacenses em 2012/13, colocou o treinador do Barreiro como um alvo apetecível dos "grandes" em Portugal, mas foi o FC Porto que ganhou a corrida.

Nos "dragões", que nessa época perderam jogadores como Otamendi, João Moutinho, James Rodríguez ou Hulk, Fonseca até começou bem – vitória na Supertaça –, mas foi despedido no início de Março, com o clube na terceira posição a nove pontos do líder, Benfica.

Reconhecendo que tinha dado um passo precipitado e que não estava preparado para os "egos" de um balneário de um "grande", Fonseca recomeçou do zero: voltou ao Paços, onde recolocou a equipa a lutar pelos lugares cimeiros. A partir daí, tem sido uma história de sucesso, com passagens pelo Sp. Braga, Shakhtar, AS Roma e Lille, sempre com a mesma marca: resultados positivos e futebol elogiado pela qualidade.

Benfica junta-se ao FC Porto na final do nacional de hóquei patins

O campeão em título Benfica qualificou-se ontem para a final dos *play-off* do campeonato nacional de hóquei em patins, ao golear em casa a Oliveirense por 6-1, no quinto jogo das meias-finais, vencendo a eliminatória por 3-2.

Os "encarnados", que ao intervalo lideravam por 2-0 e estiveram a ganhar por 6-0, impuseram-se com "bis" dos argentinos Carlo Nicolía e Pablo Alvarez e de Zé Miranda, enquanto Franco Platero marcou para os forasteiros.

Na final, o Benfica vai enfrentar o FC Porto (os portistas afastaram o Sporting na outra meia-final, no desempate nas grandes penalidades também do quinto jogo), num duelo igualmente à melhor de cinco jogos (estão agendados para os dias 16, 19, 23, 26 e 30 de Junho), com arranque no Dragão.

O vencedor somará o 25.º título de campeão nacional, isolando-se na liderança do ranking, já que ambos os conjuntos somam 24 títulos.

Portugal com arranque "muito positivo" dos Europeus de canoagem

O primeiro dia da competição, que decorre na Hungria, correu bem aos canoístas portugueses, que já asseguraram finais

O apuramento para cinco finais no arranque dos Europeus de canoagem da Hungria constitui um desempenho "muito positivo", considerou ontem o presidente da federação, Vítor Félix.

"É um balanço muito positivo. Já se esperava que o Fernando (Pimenta) era candidato a passar directamente às finais (K1 1000 e 500 metros), o próprio Norberto (Mourão) é um habitual nas finais (VL2). A boa notícia numa equipa que se pretende que seja renovada foram os jovens atletas do K1 e K2 200 metros", elogiou o dirigente.

Vítor Félix falava de Pedro Casinha, que vai disputar a regata das medalhas de K1 200 metros, e da dupla Iago Bebiano/Kevin Santos, que o fará em K2 200 metros.

"Um dos objetivos desta participação é a renovação da melhor geração de sempre da canoagem portuguesa, daí o objectivo da presença deste K4 masculino, que depois se desdobra em K1 e K2. Estamos muito satisfeitos com o primeiro dia. Venham as finais e que possam entrar na luta pelas medalhas", desejou. O responsável mencionou os pódios internacionais de Pedro Casinha, enquanto júnior e sub-23, bem com os bons desempenhos de Iago Bebiano e Kevin Santos, "uma embarcação nova e que deu boas indicações".

Fernando Pimenta

Apesar de Portugal se apresentar com uma selecção curta de cinco elementos nas classes olímpicas e dois nas paralímpicas, Vítor Félix garante que "nem por isso a ambição é menor".

Recordou que os campeões do mundo João Ribeiro e Messias Baptista, em K2 500 metros, e que Teresa Portela, em K1 500, também estavam convocados, contudo, com o acordo dos respectivos técnicos, acabaram por prescindir de participar nos Europeus de Szeged, "para se focarem nos Jogos Olímpicos".

Estes Europeus de canoagem são menos participados do que é normal, juntando cerca de 500 atletas de 36 países.

Os eventos da canoagem nos Jogos Olímpicos vão decorrer entre 6 e 10 de Agosto. **Lusa**

Breves

Andebol

Magnus Andersson volta a ser treinador do FC Porto

O sueco Magnus Andersson vai reassumir o comando técnico do andebol do FC Porto uma época depois, sucedendo ao antigo internacional português Carlos Resende, informou ontem o clube. Andersson assinou um contrato de três anos, até 2027. Vencedor de quatro campeonatos seguidos (já que a edição de 2019/20 foi suspensa devido à pandemia de covid-19), duas Taças de Portugal e duas Supertaças ao leme dos "azuis e brancos", de 2018 a 2023, o treinador esteve inactivo em 2023/24 e volta agora ao Dragão Arena. Esta temporada, o FC Porto terminou a época sem qualquer troféu, após ter falhado o "penta", sendo derrotado pelo Sporting.

NBA

Celtics vencem em Dallas e ficam a um triunfo do 18.º título

Os Boston Celtics, equipa em que joga o português Neemias Queta, colocaram-se anteontem a um triunfo do seu 18.º título de campeões da Liga norte-americana de basquetebol (NBA), ao vencerem fora os Dallas Mavericks por 106-99 e passarem a liderar a final por 3-0. Depois dos triunfos caseiros por 107-89 e 105-98, a formação de Boston ganhou também o primeiro duelo fora, num embate em que perdia ao intervalo por 51-50, sendo que, na história dos *play-off*, em 156 ocasiões, nunca uma equipa virou um 0-3 em 4-3. A final da edição 2023/24 da NBA prossegue hoje, de novo no Texas.

Um desporto "trans"?

Opinião

José Manuel Meirim

1. Caminhando a passos largos para os Jogos Olímpicos de Paris, assistimos ao endurecer das posições de algumas federações internacionais quanto à admissibilidade da participação de mulheres transexuais em provas femininas. Sabemos já todos que o tema é complexo, buscando evidências científicas da vantagem (ou não) competitiva perante as restantes participantes das provas femininas. De um lado, o apelo aos direitos humanos; do outro, a tese da desigualdade e injustiça na competição.

2. Neste ambiente, mais ou menos crispado e sempre aceso, vão surgindo manifestações de diferente natureza que se situam no domínio do direito de participação desportiva de atletas "trans" e, em particular das mulheres "trans". Hoje, adiantamos dois exemplos que nos chegam de Espanha (como estamos longe dessa realidade tão próxima, em termos de estudo e debate em torno do desporto e ainda do enquadramento jurídico-desportivo).

3. O primeiro registo vai, seguindo a imprensa espanhola, para Aura Pachecho, primeira mulher "trans" a competir na categoria feminina em Castilla-La Mancha. Basquetebolista de 18 anos, a atleta nasceu sendo do género masculino e desde os sete anos sempre praticou basquetebol nas categorias masculinas. Em 2023 a Federação de Basquetebol de Castilla-La Mancha recusou a sua participação na categoria feminina até que fosse alcançada regulação sobre a matéria. Agora, o Comité de Justiça Desportiva veio afirmar que a postura da federação em causa viola a igualdade de tratamento e o direito à não-discriminação, dado que Aura foi excluída da competição "pela sua mera condição de mulher 'trans' sem uma justificação objectiva e razoável fundada em evidências científicas".

4. O segundo exemplo vem do País Basco, plasmado na sua Ley 4/2024, de 15 de Fevereiro, de *no discriminación por motivos de identidad de género y de reconocimiento de los derechos de las personas "trans"*. Destaquemos algumas das normas constantes do seu artigo 41.º (*Deporte, ocio y tiempo libre*). De acordo com o n.º 1, o Governo Basco promoverá e velará para que a participação na prática desportiva se realize em termos de equidade, sem discriminação por motivos de identidade sexual. Nos eventos e competições desportivas organizadas pela Administração Pública considerar-se-á as pessoas transexuais que participem atendendo à sua identidade sexual para todos os efeitos.

5. No n.º 2 adianta-se que os profissionais ou as profissionais que gerem tais actividades desportivas dirigir-se-ão às pessoas transexuais pelo nome que elas tenham escolhido, bem como se respeitará o direito da sua utilização em todas as actividades. Respeitar-se-á a imagem das pessoas "trans". Se se realizarem actividades diferenciadas pelo sexo, ter-se-á em conta a identidade sexual. O n.º 3 determina que se adoptarão medidas que garantam uma formação adequada dos profissionais e das profissionais da didáctica desportiva, que integrarão a realidade "trans" e o respeito do colectivo frente a qualquer discriminação por identidade sexual ou de género. Remata o n.º 4: promover-se-á um desporto inclusivo e não segregador, erradicando toda a forma de manifestação transfóbica nos eventos desportivos realizados na Comunidad Autónoma de Euskadi.

6. O Programa do XXIV Governo Constitucional promete – sem concretizar um exemplo – a reforma da legislação desportiva estruturante, para além da Lei de Bases. É já tempo de pensar. Mas o mais certo, como sempre, é eu estar enganado.

Professor de Direito do Desporto

BARTOON LUÍS AFONSO

António Costa, o sempre-em-pé

Sementes de alfarroba

Carmo Afonso

Há dois discursos de António Costa que deveriam ter marcado o final do seu percurso político. Falo, primeiro, do discurso da noite de 5 de outubro de 2015. Nessa noite, António Costa atirou a toalha para o chão. Tinha perdido as eleições para a coligação que mais austeridade impôs ao país, quando se esperava que a vitória fosse sua. Parecia arrumado.

O outro discurso de que falo foi há pouco tempo. Era sábado, dia 11 de novembro do ano passado, e Costa ainda era primeiro-ministro. Falou ao país sobre a *Operação Influencer* e pediu desculpa pelo comportamento do seu chefe de gabinete, Vítor Escária. Mas a parte mais importante dessa intervenção foi o momento em que Costa afirmou que não se candidataria de novo a primeiro-ministro e que provavelmente não voltaria a exercer "mais nenhum cargo público".

Na sequência dessa declaração de Costa ao país, neste jornal, Ana Sá Lopes afirmou que António Costa começava "a perceber o camião que lhe caiu em cima" e anunciou o fim de uma época e da sua carreira política. Não recordo esse artigo para dizer que Ana Sá Lopes não tinha razão. Claro que tinha boas razões para escrever o que escreveu e para chegar àquela conclusão. Como tinham razão todos os que em outubro de 2015 vaticinaram o fim de António Costa.

Mas, como na frase de Mark Twain, as notícias sobre a morte de António Costa são sempre exageradas.

Em 2015 passou de grande derrotado na noite eleitoral a primeiro-ministro de um Governo formado com o apoio parlamentar dos partidos mais à esquerda. Uma solução que muitos, quase todos, achavam impossível. Chamaram-lhe "geringonça". Talvez Cavaco Silva lhe tenha chamado sapo e teve de o engolir. Esse Governo teve estabilidade e foi o preferido dos portugueses. Também internacionalmente mereceu a confiança dos mercados e instituições, não se tendo verificado nenhuma das profecias

que a direita decretou. Costa não só não tinha morrido, como estava mais vivo do que nunca.

E neste momento assistimos a um fenómeno político idêntico ao de 2015. Costa parece ter tudo a seu favor para ser o próximo presidente do Conselho Europeu. Desta vez o seu renascimento tem um travo a justiça. Recordemos que Costa era primeiro-ministro num Governo de maioria absoluta e que caiu por causa de um parágrafo num comunicado da Procuradoria-Geral da República. Não adianta argumentarem com o envelope de Vítor Escária porque o envelope só apareceu no dia seguinte ao do anúncio da demissão de António Costa.

Pouco tempo passou, mas já é claro para todos que não existe nada contra António Costa no processo. Na verdade, já não é assunto.

Na noite das europeias, Luís Montenegro tornou público o apoio do Governo à escolha de Costa para o Conselho Europeu. Era a peça que faltava. Eventualmente António Costa já saberia desse apoio e poderá ter sido uma das razões que o levaram a manter-se afastado da campanha de Marta Temido. Outra razão pode ter sido a sua estreia como comentador numa estação de televisão, precisamente na noite eleitoral.

O facto é que Costa, depois de se ter dado como defunto para a vida política ativa, surge em força e como grande favorito para a presidência do Conselho Europeu. Há uma magia qualquer que o acompanha. Renasce quando aparenta estar pronto para a extrema-unção. E não é fita. Acredito que o próprio seja surpreendido pelas circunstâncias que teimam em favorecê-lo. É certo que tem habilidade como poucos, ou nenhum, para as aproveitar.

Claro que não falta quem o critique e quem não o apoie. As razões são imensas e diversificadas: criticam-no por ter aceitado ser comentador num grupo de comunicação social que desconhece as linhas vermelhas do jornalismo. Há aqui pano para mangas. Claro que tem significado que uma grande figura da política nacional vista a camisola da CMTV. A crítica tem muito que se lhe diga.

Mas também o criticam por não ter um inglês fluente e acrescentam que, por isso, não serve para o cargo. Nada mais ridículo. É importante que os portugueses falem e escrevam bem em português. Para as falhas no inglês não faltam boas soluções. Adiante, que existe aqui algum classismo implícito. Também há aqueles que acusam Costa de se ter "aproveitado" do parágrafo para concretizar o seu plano europeu. Novamente ridículo.

É tudo muito mais simples: Costa é como aqueles bonecos de base esférica que voltam sempre à posição vertical. Por mais que o puxem e que sobre ele carreguem, ao primeiro alívio arrebita. É a sua posição natural. É um sempre-em-pé.

Advogada